UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ADRIANO MARCOS DE MENEZES

MARCUSE BOYS:
RECEPÇÕES DE HERBERT MARCUSE NO BRASIL

OURO PRETO
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ADRIANO MARCOS DE MENEZES

MARCUSE BOYS:
RECEPÇÕES DE HERBERT MARCUSE NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Mestrado em Filosofia do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação da Profa. Dra. Imaculada Maria Guimarães Kangussu.
Área de concentração: Estética e Filosofia da Arte.

OURO PRETO
2019

M541m Menezes, Adriano Marcos de.
Marcuse Boys: [manuscrito]: recepções de Herbert Marcuse no Brasil / Adriano Marcos de Menezes. - 2019.
92f.:

Orientadora: Profª. Drª. Imaculada Maria Guimarães Kangussu.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Estética e Filosofia da Arte.
Área de Concentração: Filosofia.

1. Arte. 2. Alienação (Filosofia). 3. Imprensa alternativa. 4. Marcuse, Herbert, 1898-1979. I. Kangussu, Imaculada Maria Guimarães. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Titulo.

CDU: 101.1

Catalogação: www.sisbin.ufop.br

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
Mestrado em Estética e Filosofia da arte

Dissertação intitulada **"Marcuse Boys: Recepções de Herbert Marcuse no Brasil"**, de autoria do mestrando **Adriano Marcos de Menezes**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.ª Dr.ª Imaculada Kangussu – UFOP – Orientadora

Prof. Dr. Mário Alex Rosa – CEFET- MG

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel - UFOP

Ouro Preto, 28 de Fevereiro de 2019.

Para Haroldo Paiva, amigo, professor, artista plástico e apoiador dos artistas ouropretanos.

In memoriam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Professora Imaculada Kangussu pela orientação dedicada, apoio e estímulo constantes, sem isso teria sido impossível a realização deste trabalho. No decorrer de minha graduação e no processo da pós-graduação pude contar com cada um dos professores do Departamento Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto, aos quais também firmo minha sincera gratidão. Muito obrigado aos funcionários da IFAC, que realizam um trabalho diário impagável na viabilização dos cursos, especialmente à Neia, Toninho e Ângela. Agradeço aos professores que generosamente aceitaram participar desta banca: Prof. Marcelo Rangel e Prof. Mário Alex Rosa. E agradeço ao povo brasileiro que através da CAPES subsidiou essa pesquisa.

Agradeço aos colegas da graduação e do mestrado do curso de Filosofia da UFOP. Cada um à sua maneira contribuiu, apoiou e me divertiu, ao longo desses anos. Àqueles que ainda dividiram, sugeriram e divergiram acerca da filosofia, o fizeram com a vida também.

Tenho especial gratidão com meus amigos, alguns deles imiscuídos nesses outros grupos. Cada um de vocês participou disso, e sabem, são os de quem não consegui separar vida ordinária, fraternal, amorosa e filosófica. Especialmente aos meus amigos Taico Santos, Bruno Teixeira, Ana Mônica, Marcelo Abreu, Luisa Rauter, Mateus Pereira, Verônica, Rodrigo Suñer, Márcia Acuri, Pedro Galé, Vanessa, Afonso, Gi, Kastora, Lu Sontag, Lucinha, Karina, Afonso, Seu Juvenal, Alexandre Agnolon, Tiago Elis, Danusa, Aluizio Couto, Eduardo Barbosa, Luiz Walter, Granato, Junior Santos, Vinícius Souza, Fabiana Costa, Lorena, Rafael Milward, Daniel Amorim e Beth. Também ao meu amigo Leon Kaminski, pela interlocução constante e fornecimento de subsídios para o trabalho.

Agradeço aos meus irmãos, também pelo incentivo e amizade.

RESUMO

Nesta dissertação, discutimos as recepções iniciais de Herbert Marcuse no Brasil, principalmente sob dois aspectos, a de autores acadêmicos que estavam enfileirados nas colunas marxistas e pensadores liberais. Por outro lado, investigamos recepções na perspectiva contracultural, principalmente através da imprensa alternativa, que teve papel importante como mediadora das ideias do pensador alemão. A pesquisa considerou particularmente dois de seus livros: "A Ideologia da Sociedade Industrial" (O Homem Unidimensional) e "Eros e Civilização. Tratamos ainda da crítica de Marcuse acerca da alienação e reificação da linguagem na sociedade industrial do mundo capitalista desenvolvido. Finalmente, analisamos a percepção da obra do filósofo pelo meio artístico brasileiro de então e as resistências às suas ideias por parte de agentes do Estado brasileiro. Analisamos ainda o panorama que marcava o Brasil naquele período, compreendido entre o final da década de 1960 e início da década de 1970, tempo em que o país era governado por uma ditatura militar.

Palavras-chave: Recepção; Arte; Alienação Artística; Razão; Dessublimação repressiva; Trabalho alienado; Grande recusa.

ABSTRACT

In this thesis, we discuss the initial receptions of Herbert Marcuse in Brazil, mainly in two respects, that of academic authors who were lined up in the Marxist columns and liberal thinkers. On the other hand, we investigated the reception of his work in the countercultural perspective, mainly through the alternative press, which played an important role as mediator of the ideas of the German thinker. The research considered two of his books particularly: *One-Dimensional Man* and *Eros and Civilization*. We also considered Marcuse's critique of the alienation and reification of language in the industrial society of the developed capitalist world. Finally, we analyze the perception of the work of the philosopher by the Brazilian artistic milieu of the time and the resistance to his ideas by agents of the Brazilian State. We also analyzed the panorama that marked Brazil in that period, between the late 1960s and early 1970s, when a military dictatorship governed the country.

Keywords: Reception; Art; Artistic Alienation; Reason; Repressive desublimation; Alienated work; Great refusal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
1 HERBERT MARCUSE 12
1.1 O hipopótamo de Frankfurt 12
1.2 Eros e unidimensionalidade 17
1.3 Mais-repressão e dessublimação repressiva, estética e recusa 24
2 RECEPÇÃO BRASILEIRA PELOS ACADÊMICOS 38
2.1 O trânsito das ideias e suas fraturas 38
2.2 O desencontro de Marcuse com a academia no Brasil 44
2.3 Outras recepções – leituras anticomunistas de Marcuse 56
3 RECEPÇÕES ALTERNATIVAS 61
3.1 Tropicália, política, desbunde e os nanicos 61
3.2 Marcuse Boy (um guru de segunda mão?) 74
CONSIDERAÇÕES FINAIS 82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86

INTRODUÇÃO

Imaginemos que ao abrir o jornal na manhã do dia 20 de julho de 1968, a crônica do dia de Nelson Rodrigues estampasse o seguinte título: "A leitora de Marcuse".[1] E que o relato descrevesse o caso de uma "grã-fina" carioca, que na prerrogativa de sua posição social, estivesse procurando a todo custo que os jornais noticiassem seu novo hábito. Indagada sobre o fato que deveria ser publicado, ela responde àquele que viabilizaria a divulgação: "Estou lendo Marcuse". A crônica ainda informa que a "leitora" teria sido vista em uma passeata de protesto desobedecendo o líder estudantil (Vladimir Palmeira), com o intuito de não sujar o fino vestido, pois o esquerdista pedira aos manifestantes que se sentassem ao chão. Ainda podemos pensar o nome do filósofo mencionado pela personagem de um romance de Jorge Amado (*Tenda dos milagres*, 1969); em outra crônica do semanário *O Pasquim*, ilustrando um conflito de gerações em um diálogo entre pai e filho ou ainda sendo manchete pelas ameaças de morte por ele sofridas na Califórnia. O intelectual Sérgio Paulo Rouanet comentaria na época a respeito da popularidade de Marcuse: "Decididamente, é demais para um simples filósofo".[2]

De fato, não se espera que um filósofo figure em manchetes ou crônicas de jornal. Muito menos que ele tivesse três obras na lista de livros mais vendidos, como ocorreu em outubro de 1968.[3] Conforme Rouanet descreve no mesmo texto em que comenta a

[1] RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2008, p.90.
[2] ROUANET, Sérgio Paulo, *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001, p.81.
[3] "Segundo o ranking de livros mais vendidos no Brasil, publicadas pela revista Veja, as obras de Herbert Marcuse permaneceram por longo tempo na lista, em 1968. O pensador chegou a possuir três obras, na mesma semana, entre os dez mais vendidos: *Eros e Civilização* (sua primeira edição é de 1955; publicado no Brasil em 1968); *Ideologia da Sociedade Industrial* (sua primeira edição é de 1964; publicado no Brasil em 1967); e *Materialismo Histórico e Existência* (coletânea de textos escritos por Marcuse durante sua juventude). Os mais vendidos. *Veja*, São Paulo, n.06, 16 out. 1968, p.68". KAMINSKI, Leon. *Por entre a neblina*: o Festival de Inverno de Ouro Preto (1967-1979) e a experiência histórica dos anos setenta. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012, p.31, n.15.

notabilidade de Marcuse, “o filósofo, na imaginação popular, é homem distraído, inconspícuo, com hábitos regulares e de preferências pequeno-burguesas (...) é um visitante *post-foestum*, que espera que outros transformem o mundo para depois interpretá-lo”, traça a caricatura.

O ano de 1968 será o marco pendular das relações históricas e filosóficas que constituem a recepção de Herbert Marcuse no Brasil. Nesse trabalho, avanços e recuos temporais serão necessários para a exposição de ideias e repercussões. As primeiras traduções brasileiras de suas obras foram publicadas entre 1967 e 1968. A chegada da dessa filosofia ao Brasil demandou certo atraso, contudo, ao desembarcar, ainda que sob certa desconfiança do meio acadêmico brasileiro, sem demora começa a ocupar espaços, alguns inesperados. Seus livros vêm trazidos pelos ventos rebeldes que começam a soprar no hemisfério nórdico do planeta. O discreto professor de filosofia em San Diego, na Universidade da Califórnia, ganhara notoriedade súbita, para muito além dos *campi* universitários dos Estados Unidos, país para o qual o filósofo alemão imigrara em decorrência do nazismo. Sua atuação de apoio aos movimentos estudantis naquele irrequieto ano, inicialmente a partir do ativismo dos estudantes de San Diego, que abrangia a resistência à presença norte americana no Vietnã o transforma em celebridade. Na França, durante o levante de estudantes e trabalhadores seu nome esteve marcado nos muros e a partir desses fatos o nome “Marcuse” alastra-se pelo mundo.

Anteriormente, o existencialismo, marcantemente na figura de Jean-Paul Sartre, tinha provocado certa circulação do nome de uma corrente filosófica, contudo, o fato pode ser atribuído à agregação da literatura ao “movimento”, visto que vários pensadores existencialistas escreveram teatro e romance, tendo sido conhecidos também por isso. O que não é o caso da Teoria Crítica, filosofia do grupo fundado no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, ou simplesmente “Escola de Frankfurt”, ao qual Marcuse era ligado.

É importante enfatizar que as ideias do alemão chegam à um Brasil submetido a ditadura civil-militar decorrente do golpe de 1964. Há insatisfação generalizada no país, tanto na área política e social como na área cultural. Muitas tendências buscam alocação nas mais variadas inclinações políticas. Se nas primeiras fases do golpe de estado houve relativo espaço de movimentação de setores da esquerda, a repressão logo se intensifica. Prisões e torturas aconteciam em todas as regiões brasileiras, a liberdade de manifestação e de imprensa vão sendo cerceadas até que em 1968, com implantação do Ato Institucional 5, torna-se quase impossível a reunião de pessoas ou manifestações culturais

livres. Contudo, as resistências procuram espaços de reação.

Neste trabalho, temos como principal objetivo analisar a existência de diferentes recepções. Houve duas vertentes principais envolvidas na recepção de Herbert Marcuse no Brasil: a acadêmica, um tanto incipiente, e a contracultural, cujas ações se davam principalmente em campo subjetivo e cultural. Uma terceira recepção, importante para a construção do imaginário anticomunista no Brasil, é abordada como contraponto a estas. É intenção do trabalho pormenorizar os dois campos, no intuito de entender a dinâmica implicada nas duas linhas de pensamento.

Entre as questões pesquisadas, discutiremos ao longo da dissertação aspectos práticos da política, considerando a hipótese de que o pensamento de Marcuse aqui aportado, tenha sofrido dúbio ou negativo acolhimento na academia em razão de certo estruturalismo marxista ortodoxo, solidamente sedimentado pelas cartilhas partidárias então vigorantes na esquerda brasileira. O que diante da filosofia amplamente libertária do pensador, não encontra a necessária e livre discussão acerca da complexa abordagem dos problemas da contemporaneidade expostos em suas obras. Investigaremos, portanto, a possibilidade de que a discreta difusão intelectual da obra de Marcuse, em paradoxo com a grande divulgação de seu nome, possa tê-lo "empurrado" para o que os intelectuais chamaram de "leitura apressada" de outros setores. Consideramos também na pesquisa a circunstância de exceção democrática presente no período, elegendo urgências na redemocratização do país e secundando as novidades conceituais de Marcuse. Apesar dessas visões que apontam leituras apressadas houve uma apropriação por parte daqueles que estavam envolvidos com o pensamento contracultural relacionando diretamente com seu contexto de resistência cultural à ditadura e às instituições e valores que lhe davam sustentação.

Durante a pesquisa buscamos abarcar o universo conceitual do filósofo, sem que se perca o fio de sua sofisticada rede que une indivíduo e coletividade no intricado mundo da sociedade industrial avançada. Aqui onde os homens trabalham, enclausurados em uma desgastante rotina alienada, vivendo a sua repressão como se fosse sua liberdade. As influências vividas por Marcuse são apontadas de modo a evidenciar as gêneses filosóficas que constituem seu pensamento. Marx e Freud, os mais destacados, estão colocados em lugar de permuta e as teses, revistas por Marcuse, aceleram possibilidades de soluções sociais e individuais através de análises expansivas para ambos.

No primeiro capítulo, além da trajetória de Herbert Marcuse para o entendimento de sua formação, daremos conta de sua relação com os estudantes e de como

manifestações contra a guerra do Vietnã e outras demandas recebem o apoio do professor e o "transformam" em referência para as contestações mundo afora, em especial nas manifestações de 1968. As influências de sua formação são apontadas e relacionadas com as elaborações do filósofo, que apontam as contradições das sociedades industriais avançadas. Buscamos demonstrar que os bens de consumo despejados pelo pungente comércio capitalista, na compensação pelo comportamento produtivo das pessoas, não os salva da frustração, no acúmulo de supérfluos entregues pela indústria. O grau de fetiche implicado sobre as mercadorias, através da publicidade e da mudança de códigos linguísticos, que sequer permite o gozo de tais benesses para a maioria das populações, dá à existência o tom de artificialidade cuja consequência é o empenho do próprio sujeito na ratificação da servidão.

A subjetividade introduzida nos eventos sociais e econômicos é página importante na obra do frankfurtiano, na relação vitoriosa do mundo do trabalho sobre o princípio de prazer e subjugação de *Eros*. O indivíduo absorve e naturaliza princípios que agravam a precariedade da vida. Há um conflito evidente para Marcuse no que se refere, na teoria de Freud, à necessidade de certo grau de repressão para a garantia de civilidade, ponto em que a dissertação procura estabelecer esta diferença entre os pensadores utilizando o conceito de princípio de desempenho. Logo, o modelo econômico exigindo mais repressão não pode, através da alta produção de bens, proporcionar melhoria na qualidade de vida das pessoas. Tratamos, portanto, da imobilidade social como consequência do estado de exploração em que está plantado o modelo socioeconômico no capitalismo contemporâneo.

Nossa dissertação discute a seguir os problemas advindos da linguagem instrumentalizada. Neste tema verifica-se que a velocidade das informações direcionadas às massas não garante qualquer fidedignidade ou responsabilidade no trabalho incessante sobre as consciências; pelo contrário, ressignifica os códigos de modo a anular a crítica, condensando a comunicação, criando falsas necessidades e debilitando o pensamento, enquanto desempenha um controle da libido que é também direcionada para o trabalho. A lógica unidimensional faz uso justamente da permissividade para reduzir o sentido erótico, em uma cultura libidinal repressiva.

Ao estudar a genealogia da repressão, marxismo e psicanálise são os instrumentos utilizados então por Marcuse na reconstrução da mitologia usada por Freud, relacionando suas interdições e renúncias pulsionais. Nosso trabalho procura refazer os passos que ligam esta simbologia, tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. O encontro

desses mitos com as condições postas pela unidimensionalidade demonstram o quanto foram incorporados na ordem estabelecida o sentimento de culpa que contribui para o engessamento, entre outros traumas, dos recuos históricos de indivíduo e sociedade.

O segundo capítulo abordamos na história da recepção do filósofo no Brasil pelo meio acadêmico. Selecionamos, sob risco de perder importantes abordagens de não especialistas, intelectuais que estiveram presentes naquele momento e que no decorrer do tempo se firmaram como comentaristas assíduos de Marcuse. Uma das referências importantes utilizada foi o livro de entrevistas de Jorge Coelho Soares, *Marcuse no Brasil – Entrevistas com filósofos* (1999). Entretanto, consideramos necessário incluir comentadores posteriores à chegada da obra em razão de sua importância para nossa abordagem, principalmente na análise relacionada com o cenário político de então. Estão mencionadas, entre outras, as experiências de Roberto Schwarz, Carlos Nelson Coutinho, Aquiles Côrtes Guimarães, Leandro Konder, Paulo Mercadante, Paulo Arantes, Sérgio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior.

No capítulo final, discutimos uma questão pouco aprofundada nas análises sobre a recepção de Marcuse no Brasil, mais especificamente as leituras e apropriações de suas ideias nos âmbitos estético e contracultural. Para o alemão, política e estética são extensões fundidas. A arte coloca uma das formas da chamada Grande Recusa no jogo em que resistir, sobretudo em estados autoritários, compõe a natureza de suas proposições. A forma artística abriga a rebeldia o suficiente para a fidelidade que a arte deve ter consigo mesma. Aqui há a ideia de que o artista, resistindo nesta fidelidade, possibilitará que a transcendência do objeto gerado implique uma segunda alienação, esta combate a primeira e afiança sua autonomia, garantindo a sua não reificação, por seu espírito subversivo. De maneira que o ato artístico é constituinte do homem livre.

Houve importante repercussão dos livros entre artistas brasileiros, de várias áreas, envolvendo estudantes, artistas populares e de vanguarda. Havia no ambiente cultural da época uma forte inclinação política em que as discussões acerca do papel do artista, por vezes, adquiriam tom de rivalidade. Agremiações estudantis em certo momento, cooptadas pelo Partido Comunista Brasileiro, lançam manifesto dando diretrizes a serem seguidas pelos artistas. Arte alienada, engajada, folclórica, esvaziamento da cultura de esquerda, liberdade de expressão e criação, indústria cultural, patrulhas ideológicas, nacionalismo e anti-imperialismo, eram termos discutidos na efervescência dos anos 1960-1970. Neste momento em que o Cinema Novo, a Bossa Nova, a arte vanguardista de Hélio Oiticica e Lygia Clark e a recém surgida Tropicália estão em evidência dentro

de um cenário político repressivo e simultâneo à jovens rebeliões libertárias mundo afora, novas ideias aportam neste ambiente. Em nosso terceiro capítulo exporemos o panorama da recepção da Teoria Crítica de Marcuse pelos artistas, assim como da imprensa alternativa e especificamente da contracultura. Quando Luiz Carlos Maciel, o *Marcuse Boy*, tem papel de mediador das ideias marcuseanas na coluna "Underground" do semanário de esquerda e com inclinações contraculturais *O Pasquim*, tudo acontece.

Procuramos neste trabalho relacionar as origens e as hipóteses para solução de problemas individuais e coletivos nas sociedades industriais avançadas estudadas por Marcuse, especialmente através de Freud e Marx. As análises terão como objeto de pesquisa principal a recepção no Brasil, conforme anunciado, do livro *Eros e civilização*, sem, entretanto, apartar-se da importância da obra *O homem unidimensional* e, pontualmente, outras obras que se façam necessárias para ajuizar os problemas tratados. A repercussão brasileira da filosofia marcuseana será discutida principalmente nos capítulos subsequentes ao primeiro, mas já utilizando sempre que possível, comentadores do Brasil acerca de sua filosofia. O trabalho irá além dos entendimentos do período demarcado pelas recepções da obra em destaque, que são as bases para tal, conforme antecipado.

1 HERBERT MARCUSE

1.1 O hipopótamo de Frankfurt

A amplitude da filosofia de Herbert Marcuse (1898-1979) obriga-nos a ter cuidados especiais em sua multiplicidade de temas e interesses, que nos convidarão a passeios nem sempre retilíneos por seus motes filosóficos e em sua trajetória. Herbert nasceu em Berlin, de uma família próspera e foi educado em boas escolas burguesas, tendo sido leitor voraz desde muito cedo, conhecendo os clássicos da literatura alemã e mundial, além de ter-se envolvido com o modernismo nas artes. Ainda muito jovem, quando estourou a Primeira Guerra Mundial, livrou-se do serviço militar, então com dezesseis anos. Nessa época pode estudar com afinco história literária alemã e moderna, filosofia e economia política. Vivenciou um breve entusiasmo pela atividade política em 1918, tendo sido simpatizante da revolução que depôs o Kaiser Wilhelm II e estabeleceu um governo socialdemocrata na Alemanha. Encerrando por aí sua atividade direta na política e ingressando na Universidade de Humboldt, em Berlim (1919-1920). Transferindo-se para Freiburg, concentrou seus interesses especialmente em literatura alemã, enquanto fazia cursos paralelos de filosofia e economia política.

Desenvolveu sua tese de doutorado sobre *Der Deutsche Kunstlerroman* (O romance do artista alemão), defendida em 1922. O método, estrutura e temas dissertados por Marcuse são influenciados, principalmente, pela estética de Hegel e pela teoria da hermenêutica desenvolvida por Wilhlem Dilthey[4], conforme texto biográfico de Douglas

[4] Wilhlem Dilthey. Lecionou nas universidades de Kiel, Basileia e Berlim, tendo como principais áreas de trabalho, as ciências humanas, hermenêutica, teoria da literatura e crítica literária.

Kellner[5]. Note-se em relação a sua tese, que em decorrência de sua formação, ao tratar de artes, despende maior atenção à literatura, apontando o conflito entre o mundo real e o da imaginação e fantasia, que são vistos sob os pontos de vista estético e social. Ali Marcuse trata do romance de formação do artista e a oposição "entre arte e vida através da alienação do protagonista em relação ao mundo que o rodeia"[6]. Lembra-nos Aléxia Cruz Bretas que, já por esta época Marcuse, estaria imerso nesta conexão, além de assinalar a influência de Lukács através de *A teoria do romance*, de 1916.[7]

Ainda jovem, a partir de 1928, Marcuse sofre de forma determinante a influência de Martin Heidegger. Isto se dá antes do alcance de outras instalações em seu pensamento, como Hegel, Marx e Freud, quando o projeto frankfurtiano ainda não existia. Ele estudou e foi assistente de Heidegger em Freiburg, antes de seu exílio decorrente da ascensão nazista na Alemanha. Ao estudar a ontologia de Hegel pretendeu ter a orientação de Heidegger em sua tese, fato que não se concretiza pelas diferenças crescentes entre eles. A adesão do mestre justamente ao nacional-socialismo causa finalmente o afastamento dos pensadores. Douglas Kellner nos lembra que Marcuse já havia atravessado obras de Georgy Lukaks e Karl Korsch, autores que também marcaram seu pensamento naquela década. No caso de Hegel, o fato fica evidenciado em "Razão e revolução".

De modo que obras de maior relevância editorial como os principais livros tratados neste trabalho surgiram no estofo dessa condensação. E para alguns críticos também a filosofia madura de Herbert Marcuse é devedora ao encontro desta com a de Heidegger, conforme anteriormente o próprio Marcuse registra em agradecimento nos seus primeiros escritos. Cícero Lourenço da Silva, em seu "Existência e Concretude: O marxismo hedeggeriano de Marcuse", aponta a importância do autor de *Ser e Tempo*, obra lida por seus jovens discípulos como um novo começo para a filosofia, cujos instrumentos, acrescenta, finalmente abasteceriam uma "filosofia concreta".[8] Os próprios medos, reflexões sobre a existência, tédios e assim por diante constituíam uma concretude ansiada e não antes explorada por seus alunos. Conforme Marcuse, através de Heidegger obteriam "novos prismas sobre textos antiquados, fossilizados". A relação de Herbert

[5] KELLNER, Douglas. *Art and Liberation:* Collected Papers of Herbert Marcuse. Volume 4, Routledge, 2007.
[6] KANGUSSU, Imaculada. *Sobre Eros*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2007, p.69-70.
[7] BRETAS, Aléxia Cruz. *Do romance de artista a permanência da arte:* Marcuse e as aporias da modernidade estética. São Paulo: Annalume, 2013, p.69.
[8] SILVA, Cícero Lourenço da. Existência e concretude: o marxismo heideggeriano de Marcuse. In: VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica, 2014, Guarulhos. Anais da VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica. São Paulo: Edgard Blücher, 2014, p. 70.

com o mestre altera-se primeiro com a própria expansão de sua filosofia e posteriormente por questões pessoais acerca do posicionamento político de Heidegger, conforme mencionado, não sem que o frankfurtiano questione-o acerca de suas escolhas. Em 1941, já em San Diego, retorna aos estudos de Hegel recuperando aspectos revolucionários da filosofia idealista alemã. Hegel, antes de Marx, aponta os primórdios de um estado autoritário na sociedade liberal e sua submissão ao trabalho abstrato, temas que permanecerão em sua obra para sempre. O espírito de contradição permeia o princípio hegeliano, que tem na negação a base para liberdade, que é alienação e ao mesmo tempo o caminho para compreensão e superação da alienação. Marcuse entenderá nesta dialética a necessidade de ampliação para a realidade social, como um dos aspectos a explorar da abrangente filosofia de Hegel. Não será demais ratificar que juntamente com Hegel, Freud e Heidegger, entre as influências importantes que o impactaram, está a tardia publicação em 1932 dos *Manuscritos econômicos-filosóficos*, de Karl Marx, escrito em 1844.[9] Obra que primeiro o coloca diante de um materialismo histórico plantado em bases ampliadas, aspecto desconsiderado pelos marxistas ortodoxos, cuja leitura até então se restringia a certo tecnicismo e de fundamental importância para o filósofo a partir de então.[10]

Marcuse ingressa, em 1933, no Instituto de Pesquisas Sociais através de Leo Lowenthal e Kurt Rieszler, na Escola de Frankfurt. Ali torna-se parceiro, entre outros, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Os membros da Escola passam a investigar o sujeito revolucionário no capitalismo avançado e, corolariamente, o fascismo, o antissemitismo, a personalidade autoritária e a adesão da classe operária à sociedade burguesa. Havendo para tanto, um reexame dos conceitos marxistas. De Genebra, para onde o Instituto se transferira, parte então para os Estados Unidos, onde conserva suas atividades críticas e de ensino. Tendo trabalhado antes em atividades de investigação acerca do nazismo, analisando relatórios do serviço de espionagem sobre a Alemanha para o governo norte americano, até 1951. Então ingressa como professor de teoria política nas universidades de Columbia, Harvard e em Brandeis. Em 1965, foi lecionar na Universidade da Califórnia (UCLA), em San Diego. Neste período, seus textos, principalmente suas obras *Eros e Civilização*, de 1955, livro em que mergulha com originalidade na obra de Freud e *One-Dimensional Man*, de 1964, quando consolida suas críticas à sociedade industrial avançada, "obra de impacto pela sua relevância política, que ecoou inclusive nas

[9] MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
[10] MARCUSE, *Herbert. Razão e revolução:* Hegel e o advento da teoria social. Traduzido por Marília Barroso. Rio de Janeiro, Paz e guerra, 1978., p.88.

manifestações de 1968, e cuja argumentação faz de seu autor, *malgré lui*, uma espécie de avatar da revolução", de novo com Cícero Lourenço.[11] Ambas ecoam fortemente nos movimentos estudantis. Marcuse pode ver a eclosão das revoltas de 1968, em que estudantes e trabalhadores vão para as ruas, quando acontece a mais emblemática delas, em Paris. Os muros da capital francesa ganham palavras de ordem, entre elas o "MMM", iniciais que se referiam à Mao, Marx e Marcuse. O filósofo pode então acompanhar seus desdobramentos em diversos países do mundo. Entre as razões desta promoção de Herbert Marcuse no movimento rebelde, ainda que dúvidas permaneçam acerca da leitura e compreensão de seu pensamento, menciona Sérgio Paulo Rouanet que certamente

> Para Marcuse, o sistema capitalista, que no início ainda permitia uma dimensão de transcendência em direção a formas extracapitalistas de organização social, acabou por expulsar essa dimensão, petrificando-se na imanência absoluta. Com isso, a sociedade bidimensional tornou-se unidimensional. O homem não mais percebe o caráter alienado do seu trabalho. Não se dá conta de que a sobrevida do sistema impõe a manipulação totalitária das necessidades, a fim de forçar a absorção dos bens supérfluos sem os quais a economia não poderia funcionar em condições de pleno emprego. As necessidades supérfluas são criadas e multiplicadas pela mídia, que bombardeia metodicamente o público com um fluxo contínuo de mensagens publicitárias. O objetivo é internalizar no indivíduo, sob a forma de falsas necessidades, os comportamentos objetivos indispensáveis à prosperidade e autorreprodução do sistema.[12]

Ainda sobre o apoio do pensador aos estudantes revoltosos, adiante-se que a sua elevação à "porta voz da revolução" ou coisas que o valha, como "guru da Nova Esquerda", seria à revelia de suas iniciativas. De acordo com Stephen Eric Bronner, a radicalidade de seu pensamento impediria sua adesão à movimentos "cuja visão de mundo dependia de vago conglomerado de liberalismo assistencial, populismo, romantismo e anarquismo (...) Apesar disso, Marcuse tocou num ponto sensível de um modo que nenhum outro jamais fez"[13].

A abordagem desses problemas do capitalismo tardio trabalhadas pelo filósofo, como a "alienação", a precariedade das relações interpessoais ou acerca do "sistema" em que viviam, atingia jovens cujos entendimentos estavam, até então, em conceitos abstratos (Bronner, 1977). E continuando com o mesmo comentador, destacamos que Marcuse consegue transferir para a juventude a apreensão, através de *O homem unidimensional*, do funcionamento da sociedade industrial avançada e seus mecanismos

[11] SILVA, Cícero Lourenço da. *Op cit.*
[12] ROUANET, Sérgio Paulo. Marcuse e movimento de maio de 1968. *Revista Brasileira*. Academia Brasileira de Letras. n. 95, abr.-jun. 2018, p.71.
[13] BRONNER, Stephen. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Tradução Tomás R. Bueno, Cristina Meneguelo. Campinas, SP. Papiros, 1997, p.284.

de integração e coerção. Aqui somos ainda lembrados de que este homem unidimensional foi "a personagem central de centenas de canções de rock e de mil poemas que articulavam o veio cultural do movimento". Este aspecto de uma das vertentes das recepções de Marcuse vai transcender em diversas partes do mundo e ampliar, para alguns, as abordagens do filósofo alemão, despertando insatisfações, cujas descrições não estavam teorizadas ou descritas de modo tão claro, à despeito de sua sofisticação, pelo menos para estes jovens de então. No Brasil, em que a contracultura também começava a acompanhar estes movimentos internacionais, diversas serão as manifestações culturais a partir desses movimentos. Assunto que trataremos adiante.

Em uma entrevista feita com o filósofo (por Wiltrud Mannfeld em 1980), o alemão diz, ao responder sobre o que explicaria um jovem estudar filosofia, que o resultado desse trabalho era tornar-se filósofo, mas de modo quase inconcebível naquele momento, de uma maneira em que esse sujeito, com base no que aprendeu e na sua experiência "possa realmente entender, descobrir e transformar a realidade em que vive. Uma definição consideravelmente política da filosofia, que, contudo, remonta a ninguém menos que Platão"[14]. A palavra "transformar" em sua fala contribui para definição do espírito filosófico e o modo de conciliar teoria e prática de Marcuse. Aqui podemos agregar o próprio apelo do pensador, agora com Aristóteles, no texto "Sobre o Caráter afirmativo da Cultura", em que cita o estagira em defesa das "verdades conhecidas" guiando a *práxis*, "seja na experiência cotidiana, seja nas artes e ciências"[15]. Devemos com isto considerar a proposta de Marcuse relativa à busca de uma vida melhor onde o conhecimento estará a serviço da prática.

> Quando se tornou necessário, defendeu seus membros em situações concretas, como foi o caso envolvendo Angela Davis, que foi sua aluna. Quando foi presa e acusada de homicídio e sequestro, Marcuse liderou um movimento, utilizando sua grande popularidade na época, visando sua libertação, quer através de entrevistas, quer de manifestações escritas, como a carta endereçada a ela e reproduzida na imprensa e posteriormente numa revista ("Dear Angela", 1971a). Sua atuação foi decisiva para a libertação da ativista dos direitos dos negros nos Estados Unidos.[16]

O movimento da filosofia precisava espalhar conhecimento ao seu entorno. A umidade espalhada por Marcuse era a busca de amálgama entre filosofia, política e a vida real.

[14] LOUREIRO, Isabel. *Herbert Marcuse, A grande recusa hoje*. Petrópolis, Vozes, 1999, p.11-12.
[15] MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: *Cultura e Sociedade* - Vol. 1. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.89.
[16] SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse*: uma trajetória. Londrina: Editora Uel, 1999, p.179

1.2 Eros e unidimensionalidade

A emancipação humana desde sempre guiou a obra marcuseana para uma filosofia política, sob risco, algumas vezes, de estar colocado ao largo de certa hegemonia acadêmica, que trabalharia "longe da força das coisas", conforme aponta Isabel Loureiro em seu artigo "Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação". Segue-se daí a ideia de sua relação intrínseca de teoria e prática ao longo da vida, em que a transformação radical da sociedade será sempre mirada. Tema desencadeador, entre outros, de dissensos entre ele Theodor W. Adorno[17]. Note-se que Adorno e Horkheimer, seus parceiros na Escola Frankfurt, a certa altura têm suas pesquisas desvinculadas da política ativista radical, enquanto para Marcuse, que apoia manifestamente as rebeliões estudantis em 1968 e combate o imperialismo americano ao se posicionar contra a guerra do Vietnã, a politização da Teoria Crítica era indispensável[18]. Em carta para Horkheimer de 1941 ele profere: "Não sou pessoa de deixar 'mensagens em garrafas'. O que temos a dizer não é apenas para um futuro mítico", nos lembra Loureiro na apresentação de *Herbert Marcuse – A grande recusa hoje*, mais uma vez ratificando o espírito combatente do pensamento de Marcuse, neste caso, contra a posição de Adorno.[19] Esta disposição resistirá até o fim de sua vida, denotando uma inabalável integridade moral na procura de soluções para os problemas trazidos pela realidade contemporânea dominada por um liberalismo, cujos avanços tecnológicos não trouxeram uma vida melhor para as pessoas, conforme atesta.

Na Teoria Crítica de Herbert Marcuse, são apontadas as contradições que o progresso industrial oferece em contrapartida aos avanços tecnológicos, tão caros a ele. Para Andrew Feenberg, que foi aluno de Marcuse, um legado importante de seu mestre é a "possibilidade de mudança tecnológica como base para uma nova civilização". Refere-se o americano, que também foi estudante em Paris, ao desenvolvimento de ciência e tecnologia alternativas, cujas preconizações eram celebradas por Marcuse em tempos anteriores à popularização desses temas. De todo modo, as contradições a que os progressos da ciência podem nos conduzir, são, por vezes, onerosos sobremaneira. Estas

[17] Theodor Adorno, colega na Escola de Frankfurt, com quem estabeleceu relações, além de filosóficas e acadêmicas, de longo convívio, sendo parceiros nos exílios do Instituto desde a Alemanha até aos Estados Unidos. Havendo entre eles dissensos pontuais e essenciais.

[18] Horkheimer e Adorno são autores do livro *A dialética do Iluminismo*, em que através de recursos antropológicos, apesar de denunciarem a reificação da vida, suscita um pessimismo prático. Ambos irão se distanciar do mundo político, o que se confirma no decorrer de suas carreiras, ao contrário de Marcuse.

[19] LOUREIRO, Isabel. M. (Org.). *Herbert Marcuse: a grande recusa hoje*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.7.

ambiguidades foram verificadas de perto por Marcuse, pois imigrado para os Estados Unidos, ele pode observar as dificuldades daquela sociedade tecnologicamente avançada em oferecer satisfações verdadeiras para indivíduo e sociedade. A repressão necessária para que se possa usufruir da "liberdade" alcançada pela sociedade norte-americana não passaria ao largo de sua crítica.

A práxis, como motor final de Marcuse, funciona como uma guia dentro das complexidades político-sociais e psicológicas de sua filosofia. Não espanta que questões imediatas relacionadas com a dominação estejam, através do tempo, permeando seu pensamento crítico, propondo saltos do conhecimento para a vida autentica e prática, em que a reificação do dia perdesse o governo sobre a existência. Diante da constatação de que o marxismo ortodoxo não daria conta da ação do proletariado como agente revolucionário, estes absorvidos pelo sistema e que os interesses de classe não se faziam suficientes, a psicanalise é então agregada aos instrumentos de interpretação da classe operária e também da classe dominante. Os interesses dessa categoria eram frontalmente vilipendiados, entretanto, esta não se levanta contra a opressão. Esta questão será depois também incorporada às dúvidas acerca do malogro de movimentos rebeldes. Sobre esse fato Sérgio Paulo Rouanet diz:

> a ideologia tentava neutralizar num sentido conservador, os impulsos contrários ao *status quo*; o fato a ser explicado consistia na vitória excessivamente fácil da ideologia sobre a realidade, explicação que o marxismo clássico não tinha condições de fornecer e que foi encontrada no freudismo.[20]

Por outro lado, a abundância de mercadorias, a democracia e a aparente cidadania decorrente do sistema constituem o desencadeamento de grandes problemas para as populações, conforme verifica através das ferramentas da filosofia e da psicanálise. A radicalidade de Marcuse mostrou-se impermeável aos afagos materiais que a economia montada de modo a que as "entregas" procedessem, dentro de uma cultura de ostentação e fetiche, presentificando ausências. Significa dizer que bens de consumo da emergente indústria entrando nos lares seriam compensações da cultura estabelecida pelo bom comportamento de seus súditos, principalmente no trabalho. Vale lembrar a sinonímia entre conforto e consolo, confortar e consolar. De acordo com Freud, o fetichismo advém da recusa em tomar consciência de uma falta. Desta dor, se cria o objeto simulador em

[20] ROUANET, Sérgio Paulo, *Teoria Crítica e Psicanálise*. Tempo Brasileiro, (Col. Biblioteca Tempo Universitário). Rio de Janeiro, 2001, p.66.

que a falta não existiria, tornando presente a ausência disfarçada pelo fetiche, ao invés de buscar a superação. Foram debatidas insistentemente pelo alemão as consequências dessas práticas referentes à irrealização do indivíduo em sua subjetividade e inevitavelmente à repressão sofrida, que chega também servida em dúbias e prontas compensações. O ato repressivo introjetado e naturalizado no sujeito, facilita então a aceitação das regras sociais necessárias para o bom andamento do sistema, tal como concebido e sedimentado no capitalismo tardio.

A efetivação do mundo do trabalho em detrimento do mundo do prazer, ou seja, o "princípio de realidade" ocupando espaços do "princípio do prazer", é uma renúncia desnecessária para a humanidade. Esta situação apontada por Freud não seria interminável, de acordo com Marcuse. A repressão, sendo produto de uma organização econômica e histórica não seria advinda exclusivamente da natureza humana. O progresso pelo trabalho é então, para Freud, a garantia para a existência da civilização. Entretanto, era também uma negação de Eros, para quem o desejo de gratificação pelo prazer é imediato. De modo que o "princípio de prazer" é contido diante da escassez econômica, que para Freud é então a grande mantenedora da ordem civilizatória no mundo.

Ainda que, de fato, a necessidade de repressões - impostas pelo princípio de realidade ao princípio de prazer - seja incontornável para a sobrevivência tanto da sociedade como um todo como para cada indivíduo singular. A situação se agrava quando o "princípio de realidade" é transformado em "princípio de desempenho", sítio em que ganha validade a performance econômica, conforme nos lembra Bronner [21]. A performance do desempenho vem então sobrepor-se ao prazer. Portanto, é o que está fora do homem que o tira de uma condição "primária" para um indivíduo com as qualidades que serão chamadas de humanas, e estas estarão sempre sujeitas à novas transformações dentro da evolução do sistema econômico e social. Isto se dá em detrimento de prazeres cujos impulsos de satisfação eram integrais e ficam mutilados. Isto faz da civilidade alcançada uma permanente precariedade, já que as pulsões antigas não morrem. Confirma Imaculada Kangussu acerca da questão:

> Mesmo assim, a metapsicologia freudiana deixa exposta, ainda que condenada, a aspiração humana por um estado em que liberdade e necessidade coincidam. Se na consciência desenvolvida, a completa satisfação das necessidades e a civilização são antagonistas; no inconsciente, permanecem vivos os impulsos de satisfação integral e a

[21] BRONNER, Stephen. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Tradução de Tomás R. Bueno, Cristina Meneguelo. Campinas: Papiros, 1997, p.292

memória de estágios nos quais só existia o impulso ao prazer.[22]

Diante de problemas de tais magnitudes, em que o trabalho corresponde à vida, Marcuse posiciona-se inicialmente com Marx, atribuindo solução político-econômica para o caso, já que os avanços da tecnologia, que deveriam oferecer vida melhor aos indivíduos não cumprem a promessa. O agravamento dessa condição para a naturalização do "princípio de desempenho", na medida em que é identificado com o princípio de realidade, em que os indivíduos já têm introjetados em si os senhores que os oprimem, quer confirmar a ideia de que os aspectos culturais se sobreporiam ao mundo dos instintos, ainda que a compreensão de tais problemas não se distancie das subjetividades humanas.

O problema cresce quando perdemos as convicções diante da ideia de alienação, pois já não podemos usar o conceito hegeliano, do jovem Marx ou de Lukács para atribuir à separação do trabalhador do mundo social e da natureza. Tal consciência não existe mais, é como se tratássemos de um problema ultrapassado, como se tivéssemos superado as reificações ditadas por este aparelhamento sistemático e vivêssemos em um verdadeiro mundo cordial. Vê-se que "A alienação perdeu seu *pathos*, e a falsa consciência, correlato cognitivo da alienação, não é mais acompanhada de angústia", nos diz Rouanet. É clara a ideia exposta em *Eros e Civilização* de que a deformação da noção de felicidade, vale ratificar, advém do princípio de desempenho, que se mantem amarrada à sua ideia repressiva de felicidade, que por sua vez, estão subjugadas e derivam do princípio de realidade freudiano. Este ciclo permeia o itinerário de uma vida social parametrada por valores já introjetados na pessoa.

A cultura do desempenho exige que o conteúdo instintivo do indivíduo em sua estrutura psíquica, onde o *ego* tem papel de adaptar o indivíduo à realidade, faz com que o "princípio de prazer" seja desviado para atividades socialmente produtivas. O instinto cedendo lugar ao racional somado a origem dependente do sujeito, ou da criança no início da vida, na época do desamparo inicial, como quer Freud, vige no *superego* que pressiona também em direção ao que está posto como realidade. Eis, simplificadamente, a equação que garantiria, no contexto da personalidade, a estrutura repressiva. Esta descrição concilia-se com o formato civilizatório histórico de repressão, em que a dominação para a ordem social e tudo o que está instituído vai no sentido de uma perpetuação do domínio a se realizar através da contenção dos instintos. Isto avaliza ainda o exercício da "mais-repressão" controlando a existência privada e organizando o trabalho. Ou seja, de um

[22] KANGUSSU, Imaculada. *Sobre Eros*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2007, p.88.

lado, a sexualidade é conduzida a searas em que as pulsões, recriadas, não estorvem a ordem social e de outro e principalmente, o trabalho decorra em conformidade com o que está colocado pelo sistema econômico.

Em *One-dimensional man (A Ideologia da Sociedade Industrial*, 1964) livro que chega ao Brasil quase ao mesmo tempo em que *Eros e civilização* (1955), aqui aportado com grande atraso, o pensador aponta o fato de que o modelo econômico e tecnológico é repressivo e não funciona no sentido de proporcionar legítimo bem-estar aos indivíduos, por outra, oprime. Não obstante, esta sociedade industrial avançada impetre altos níveis de produção e abone com isto, com base na cultura do consumo, uma espécie de recriação das aspirações e desejos, fabricando então normas de comportamento, de controle e coesão social. De modo que estas e outras características inequívocas da unidimensionalidade serão permanentemente problemáticas e, portanto, objetos de críticas ao longo da filosofia de Marcuse.

Então, com argumentos que reuniam leituras críticas das obras de Karl Marx com conceitos de Sigmund Freud, uma particularidade da Teoria Crítica, o grupo frankfurtiano, com especial destaque para Herbert Marcuse, investiu fortemente em aspectos em que o marxismo tradicional ortodoxo se omite, como na questão da subjetividade, considerada uma característica burguesa. Dessa forma, instrumentos advindos de outras áreas do pensamento não foram por eles desprezados, como a psicanálise, conforme demonstrado, e também a filosofia existencialista. A leitura política passa então a abarcar subjetividades.

Marcuse realizou justamente uma crítica que teve como foco precípuo as consequências da sedimentação da sociedade industrial avançada na vida das pessoas. Para tal investimento, este largo manancial freudiano, como se vê, foi então explorado e colocado diante das teorias de Marx. Este encontro forjaria instrumentos para sua própria compreensão e elaboração de teorias acerca do homem e das sociedades através do tempo. Suas investigações sobre a imobilidade das classes sociais encorpam-se em sua busca de soluções emancipatórias, implicando transformações radicais da sociedade capitalista. Uma questão era inquietante para a teoria crítica, por que não se cumprira a expectativa iluminista de emancipação da humanidade pela razão? salientamos que naquele momento histórico, para muitos, restaria preservar o potencial crítico de Marcuse ou abandonar o projeto comunista, uma questão colocada inclusive entre brasileiros, conforme veremos.

Vale aqui registrar certa controvérsia acerca do que seria o “amalgama” entre os pensadores estudados por Marcuse. Para Marília Mello Pisani, em seu artigo “Marxismo

e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse", há inclinações para o entendimento de que as categorias de Marx e Freud estariam, em *Eros e Civilização*, sintetizadas.[23] Segundo esta leitura, recusada pela autora do artigo, que cita Paul Robinson como dela concordante, Marcuse teria correlacionado a teoria psicanalítica com os pressupostos do marxismo. Pisani entende que isto seria uma simplificação, pois a "mediação e dialética presentes no pensamento do alemão constituem a especificidade de sua leitura". Seria o caso de uma redução da análise complexa e fundamentada de Marcuse, não bastando uma impraticável totalização na antagonia entre o universal e particular, o que só poderia haver através de uma "transformação social efetiva" frente ao fato empírico de que há a separação entre indivíduo e sociedade, define Pisani. Concluímos e acrescentamos que a realidade da sociedade alienada é que dita, em Marcuse, a necessidade das duas ferramentas (marxismo e psicanálise) no entendimento e na busca de emancipação da sociedade reprimida, nas dimensões social e psíquica, dialeticamente. Ainda que este trabalho não pretenda se debruçar sobre a polêmica, acreditamos importante esta demarcação para o entendimento do que é universal e particular, social e individual entre Marx e Freud trabalhados por Herbert Marcuse nas obras em questão.

No "Prefácio político" de 1966 de *Eros e Civilização*, o filósofo menciona como desencadeadora da supressão do sujeito histórico e do agente revolucionário a própria introjeção democrática. Refere-se o autor ao aspecto apaziguador que a formalidade democrática suscita no indivíduo, pois uma vez convencido da liberdade de oportunidades que vigoraria na sociedade, a ideia de que as pessoas livres não precisam de libertação sufocaria qualquer ímpeto revolucionário, enquanto os oprimidos não seriam suficientemente fortes para emanciparem-se. Assim, nenhuma teoria poderia reverter a "introjeção democrática" dos senhores em seus súditos. Além disso, a alta produtividade dava às massas alguma participação nas benesses dela advindas, conforme dito, porque, obviamente, os trabalhadores também são alvos para o consumo das mercadorias, que devem circular em muito alta escala para a manutenção deste círculo econômico. Com isso a oposição era contida, assim o conflito entre senhores e escravos era também contido. Pode-se confirmar que o alemão não ignora parte alguma da imensa capilaridade dos problemas individuais e coletivos que engessam as populações em suas classes. O filósofo "sempre permaneceu um teórico da revolução", menciona Isabel Loureiro, que acrescenta:

[23] PISANI, Marília Mello. Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v.4, n.1, p. 23-64, mar. 2004.

> Marcuse tem uma necessidade premente de entender por que uma revolução, que parecia na ordem do dia, acaba derrotada e as antigas classes dominantes retornam, fortalecidas. Com esse objetivo, começa a ler Marx. Mas um Marx filtrado pelo Lukács de *História e consciência de classe* e o Korsch de *Marxismo e filosofia*, livros críticos do marxismo economicista dos partidos operários oficiais.[24]

Conforme a mesma comentadora, Marcuse refere-se principalmente aos já aludidos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* do Jovem Marx. Na análise do frankfurtiano, esta obra evoca a emancipação dos sentidos, mudando radicalmente a consciência e o inconsciente da humanidade. De modo que esta "aderência" entre as ideias aqui mencionadas refere-se, pela concepção política de Marx, a preceitos anunciados por Freud em termos psicológicos. Portanto, admite-se por ali certa imprevisão do marxismo ortodoxo pela dimensão subjetiva, "pois sem sabermos como funciona a subjetividade humana a luta política seria ineficaz"[25].

Sob os aspectos mais urgentes de sua filosofia, Karl Marx entendeu com proficuidade que a economia política era limitada pela incompreensão dos economicistas sobre as relações entre homem, trabalho e capital, que desconsiderava o quão intensa e dependente da propriedade privada era a ideia vigente para divisão do trabalho, conceito ainda ancorado no feudalismo. Desse modo, suas preocupações restringiam-se a coisas como concorrência e divisão da propriedade fundiária. Para Marx, interessava, por exemplo, o elo entre a economia e a divisão social do trabalho com a decorrente alienação de homem e labor. O homem estava colocado no mais reles valor na estrutura econômica. Marcuse assim descreve estas preocupações:

> O objeto da crítica da economia política enquanto justificação cientifica, a saber, cobertura de uma "alienação" total e desvalorização" da realidade humana, como a representa a sociedade capitalista – enquanto uma ciência que faz do homem o seu objeto, enquanto ser desnaturado..., cuja existência total é determinada através da "divisão entre trabalho, capital e terra", através de uma desumana divisão do trabalho, através de concorrência privada, etc.[26]

Acrescente-se que no mundo contemporâneo de Marcuse, quando produzidas as obras aqui enfatizadas, viviam-se sucessivas derrotas dos movimentos sociais. São heranças recentes de movimentos que tiveram seus auges nos anos de 1950, cujas

[24] LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação. *Trans/form/Ação,* v.28, n.2, p.7-20, 2005.
[25] Ibidem, p.10.
[26] MARCUSE, Herbert. *Materialismo histórico e existência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p.108.

consequências arrastam-se pelas décadas seguintes. De um lado havia o macarthismo, de outro estavam os soviéticos sem perspectiva emancipatória, sendo ali o indivíduo igualmente oprimido pelo trabalho alienado. Vale notar que o filósofo vê em Freud a perspectiva ausente em Marx que poderia explicar e apontar caminhos para que a teoria social se livrasse desta lacuna. Saliente-se que Freud não desconsiderava os aspectos sócio históricos, entretanto, muitas vezes, os naturalizava. Como se fossem decorrências de fatalidades, as repressões construídas histórica e naturalmente condicionadas no sujeito, na concepção do austríaco, são justamente o que para Marcuse implicava de modo determinante na transformação do corpo em mero instrumento de trabalho em detrimento, mais uma vez, do prazer.

Razão e sensibilidade são conceitos cujo antagonismo já havia sido objeto de controvérsias filosóficas, em que a razão cumpriria o papel apenas repressivo e abdicante, questões exploradas em *Eros e Civilização*. Sendo a sensibilidade o "órgão da felicidade" em suas relações entre o que vem do exterior e o próprio indivíduo. Considerando que as relações sempre atravessam as condições de classe, sendo primeiro valorizados produto e mercadoria em detrimento das capacidades de seu artífice, de onde se pode concluir que o interesse geral e o particular são coisas apartadas entre si. Portanto, a evolução da razão se afirmaria contra a felicidade dos indivíduos. Sendo este um pilar fundador do pensamento de Marcuse, constatamos que contra a razão instrumental repressiva somente se pode querer uma filosofia que ande, por dentro da *práxis*, a fomentar a existência de um novo indivíduo e uma nova sensibilidade. Ou, já é a nova sensibilidade uma nova razão?

1.3 Mais-repressão e dessublimação repressiva, estética e recusa

Podemos verificar que a felicidade, para além da vida no trabalho, vai conformar-se, assentida a existência humana por esta norma, em uma espécie de terceirização do prazer. Fechados pelo mundo produtivo, os indivíduos terão contentamento com gratificações mínimas e de modo geral forjadas pelo próprio sistema que vigora sobre suas vidas e a ele alimenta. Saliente-se que para isto toda a dinâmica unidimensional depende ainda de uma afetação da linguagem, para que a realidade esteja plantada em terreno arado na desmontagem de conceitos, que estarão substituídos por dispositivos, pode-se dizer, "orwelianos"[27].

[27] George Orwel, escritor, jornalista e ensaísta político inglês. Sua obra é marcada por uma inteligência

Marcuse é consciente de que a crença de que o real é racional é a face da realidade tecnológica que será expressa no comportamento social. O que levanta a necessidade de levar o combate para uma "nova sensibilidade", já que coisas como questionamentos abstratos são desprezadas e a comunicação é limitada pela palavra-clichê, sendo o juízo irrefletido o substituto do conceito. Neste universo de proposições mágicas, não haverá espaço crítico que proceda, pois nesta dimensão as hipóteses são auto-validantes. Sobre esta linguagem Isabel Loureiro afirma que:

> Essa linguagem orweliana de unificação de opostos ("a paz é a guerra" e "a guerra é a paz"), é típica da publicidade e da política (...) repleta de clichês, que impede o pensamento, em que os conceitos são substituídos por imagens (...) como "livre-empresa", "livre-iniciativa", "eleições livres", "indivíduo-livre". O diagnóstico é contundente e mais atual do que nunca: a esquerda precisa encontrar uma nova linguagem "para romper com o mundo conformista e corrompido da linguagem política e do comportamento político", o que Marcuse considera uma "tarefa quase sobre-humana.[28]

São estes procedimentos facilitadores para o governo do princípio de desempenho, já totalmente assimilado entre oprimidos e também opressores. Tratam-se de constatações que serão ainda mais explícitas para as tendências dos dias deste século XXI. Vivemos em uma era em que a já chamada "pós-verdade" evidencia-se como tática para a tomada do poder em várias partes do mundo, em alguns casos pela via democrática, pelo menos sob o ponto de vista formal.

Note-se que na obra de Marcuse termos psicológicos são usados naturalmente ao se tratar assuntos políticos. Atinemos ainda que ao abordar a repressão individual, serão também imiscuídas questões econômicas diretamente nas teses, pois se lembrarmos dos problemas enxergados pelo filosofo e que suscitaram suas pesquisas, as coisas não se encaixam na sociedade industrial avançada, nas relações com a vida e com o trabalho sem que as duas plataformas sirvam de suporte. Mas vejamos em termos gerais outros aspectos das teorias analisadas por Marcuse através de seu livre uso de diversas fontes do conhecimento.

Segundo o filósofo, ao estudar as teorias nas quais o pai da psicanálise dá as suas impressões acerca da origem da repressão, um aspecto é decisivo: o retorno do reprimido,

perspicaz e uma consciência profunda das injustiças sociais, além de uma intensa oposição ao totalitarismo. Aqui a referência é principalmente justificada por seu romance "*1984*", publicado em 1949. Nele é descrita uma sociedade altamente vigiada e de onde advém a expressão "grande irmão".

[28] LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolgang. *O pensamento alemão no século XX:* grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. Vol.1. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.285-286.

em que a genealogia da civilização tem sua narrativa, por vezes, interditada. Segundo Freud, "a história do homem é a história de sua repressão"[29]. No procedimento em que o próprio homem tratará de reprimir o homem, o indivíduo escravizado introjeta seus senhores e suas ordens no próprio aparelho mental. Para melhor explicar este fenômeno atravessemos dois pontos definidores da teoria. Em relação às origens, a *filogênese*, em termos coletivos, é responsável pela repressão da civilização, enquanto no indivíduo, a *ontogênese* se encarrega da mesma função. No primeiro aspecto temos esta gênese freudiana usada para explicar o surgimento da civilização, decorrente da teoria de uma "renuncia ao instinto". Registramos que as pulsões, estímulos indesviáveis do corpo, diferentemente das excitações externas, são fronteiras entre o psíquico e corpóreo. As referências quase alegóricas para a descrição da origem da civilização se referem às interdições pulsionais como limitadoras do comportamento humano. Estes embargos vão estipular o que será a religião, legitimando, já como tabu estabelecido, a renúncia ao poder que o "clã dos irmãos" pretendeu ao cometer o parricídio que o colocaria no lugar do pai dominador. Mas há um retrocesso pela culpa. Cometida a transgressão, se impõem tais restrições, em que se destaca o controle da libido, entre outras coisas, através do veto ao incesto.

Trata-se, portanto, de uma rebeldia que não se concluiu, visto que o ato foi contaminado pelo arrependimento. Conforme observa Maria Tereza Cardoso de Campos, em *Marcuse: Realidade e utopia*, Freud manteve que o retorno do reprimido advém de materiais esquecidos, mas que não foram extinguidos e que podem voltar à cena. A dominação anulada pela substituição do pai pelo clã dos irmãos será também suprimida, seu princípio de realidade seria implantado por um patriarca-déspota a seus filhos rebeldes. Há que se cuidar, a exemplo do próprio Marcuse, da insuficiência da hipótese filogenética em termos comprobatórios, o que não em nada diminui a potência simbólica da analogia.[30]

Na realidade enfrentada pelo indivíduo, repressões do mundo externo atuantes diretamente em si, nos remete ao que foi chamado de "necessidade repressiva". Vê-se, por exemplo, que o indivíduo é incitado para o trabalho, sendo afastado de atividades eróticas. Esta prática se efetiva no mundo contemporâneo, além do arranjo econômico, através de um complexo aparelho de substituição de conceitos e intenso trabalho de publicidade. A oposição entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, parece

[29] MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.33.
[30] CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004, p.25.

eterna à Freud, de modo que a civilização não-repressiva seria impossível nesta teoria. A organização social decorreria da renúncia das pulsões, desde o início da moralidade e da justiça.[31] Seguindo a linha freudiana abarcada por Marcuse, houvesse sucesso no câmbio primordial entre os agentes dominadores, ou seja, ausência da culpa na substituição do poder do pai pelo clã dos filhos, não sobraria ecos de repressão, que agora é refundada dentro daquilo que foi a própria subversão. Pois, esta "administração" que sucede à autoridade anterior, um conjunto de indivíduos é então responsável pelas normas que garantem o suprimento dos imperativos básicos da sociedade fundada, situação para onde o remorso é estendido. Isto responderia a frustação das revoluções malogradas, conforme Marcuse, que atribui os sucessivos fracassos históricos das conflagrações a componentes psicológicos oriundos do sentimento de culpa, tornando-se então os próprios rebeldes reprodutores da repressão.

Para Freud, não há saída para o círculo que envolve dominação, rebelião e novamente dominação. Marcuse demonstra as restaurações sofridas pelas revoluções, no âmbito social, atribuindo-as também ao sistema hierárquico de trabalho, que além de racionalizar a dominação, retém as rebeliões. Individualmente explica a contenção pelo conflito edipiano, mas socialmente aponta que os recuos revolucionários aprimoram a dominação cuja cadeia de controle retorna fortemente. Contudo, para a facilidade com que estas derrotas se dão Marcuse exige explicações para além da "constelação predominante de poder, a imaturidade das forças produtivas ou a ausência de consciência de classe"[32]. O pensador acrescenta ainda a possibilidade de um "elemento de autoderrota" a permear esta dinâmica.

De outro modo: Eros e Thanatos são os arquétipos que marcam a oposição entre civilização e barbarismo. O primeiro refere-se às pulsões eróticas em todos os níveis e o segundo, Thanatos, à pulsão de morte e repetição. Conforme os conceitos de Freud, a civilização é possível na medida em que se limita os instintos, ou seja, quando os sublima e com eles a satisfação dos desejos, redirecionando principalmente o erotismo para outras áreas. O resultado imediato disso é a postergação dos desejos, cujo "gozo" só será possível em estado de precariedade. Atua então neste sentido a instância psíquica chamada "superego repressor", conforme apontado. Isto garantiria a supremacia do "princípio de realidade" em que os membros da comunidade devem estar concentrados e produtivos. Mas estando então tudo em "ordem", o progresso em marcha, ainda assim a

[31] FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
[32] MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.92.

esperada felicidade não desembarca nos lares e sim a prevalência do sentimento de culpa. Sendo, desse modo, a repressão pulsional "necessária" na conversão da natureza em cultura, desde que esteja assentido que como únicas possibilidades de garantir sentido à vida, estejam o trabalho e o acúmulo de mercadorias dele decorrentes. Evidentemente, se a sociedade em questão já tenha vencido o desafio das necessidades básicas de sobrevivência e instituído o sistema de consumo permanente de supérfluos. Vale então enfatizar que esta oposição determinada por Freud entre Eros e o trabalho, para Marcuse, fica melhor demarcada pela antagonia entre Eros e o "trabalho alienado".

Por outro prisma, na era unidimensional, constata-se que o indivíduo é programado por falsas necessidades e se exprime através de uma linguagem condensada, cuja matriz corresponde unicamente aos imperativos e preceitos econômico-publicitários dos princípios vigentes. Estamos no império em que o progresso é sinônimo da racionalidade instrumental, totalmente avessa a reflexões externas a este mundo. Registre-se mais uma vez que nesta realidade somente resta o suprimento material que a alta produção industrial, nestas sociedades, oferece como compensação ao indivíduo, fundando um ciclo em que também é garantia de permanência dos costumes constituídos para além dos contratos laborais. O trabalho alienado, hipotecando a mercadoria em detrimento de qualquer sofisticação conceitual, inviabiliza prontamente a possibilidade de pensamento livre ou legítima autonomia sobre os desejos. Pois estamos tratando aqui de um conjunto de instituições vencedoras que balizam a existência, sem qualquer chance para o que vier da razão especulativa. Por este sólido canal, que atua como ferramenta mantenedora do "excedente de repressão", penetra apenas o que for ampliar as falsas necessidades, aquilo que será consumido, ou seja, o que será lucro.

Acrescentamos que o produto do trabalho alienado, aquele objeto industrialmente manufaturado pelo trabalhador e cuja finalidade não tem a menor importância em sua vida, por fim corrobora para cimentar a ideia de fetiche. Isto forma uma série em que os agentes se repetem dentro do circuito, sendo ora produtores e permanentemente consumidores compensados por suas renúncias. Pois diante da alta produção industrial em que a sociedade contemporânea está plantada, as mercadorias são entregues, gerando sentimentos de satisfação. O artifício integraliza o sistema produzindo, por exemplo, mercadorias com obsolescência programada, perpetuando re-produção e re-consumo de determinado item. Esta cadeia superativa é afiançada por uma estrutura geradora dessas necessidades, uma vez que o trabalho sobre as consciências dos indivíduos não para.

Estando, portanto, também a garantir este funcionamento a impotência reativa das

populações que estariam convencidas da satisfação gerada pelo produto. Não havendo ali poder possível de resistência, já que as pessoas têm em si reproduzidos e naturalizados os valores repressivos, introjetados pelo enorme aparato da máquina capitalista. Acomodemos ao processo repressor de produção a já mencionada instância freudiana relacionada com a volta do reprimido, cuja herança arcaica nunca sai inteiramente da vista do indivíduo, preservando o conteúdo reprimido sempre a emergir em busca do passado perdido, ilustrando e justificando o malogro de rebeldias.

Entendemos oportuno mencionar neste momento que a realidade transformada pela perda da bidimensionalidade e que, estendida aos nossos dias, afasta todo o potencial "de esperança e de verdade" contido nas sublimações da "cultura superior". Tudo está submetido à realidade existente. A oposição que havia entre realidade social e o mundo da cultura está sucumbida, de acordo com o nosso pensador.[33] A cooptação da cultura pelo mundo tecnológico unidimensional então não permite o entendimento do que já é do passado cultural da humanidade. Trata-se já de "outra dimensão da realidade" e de uma segunda natureza. Esta, sedimentada pelas transformações em que o fato somente pode corresponder às determinações e ritmos estipulados pela cultura e economia ditadas pelo vigente estatuto de realidade. E a vida pretérita não compete com a atualidade. Podemos ilustrar este distanciamento comparando o mito de Hermes transportando as comunicações no mundo antigo com os serviços de Sedex ou Fedex dos correios de hoje. A imaginação que criou o mito fica muito aquém das realidades possibilitadas pelos avanços tecnológicos.

Conforme destaca Luiz Antônio da Silva Peixoto, em relação ao que chama de "atualização da crítica da cultura afirmativa"[34], os elementos constitutivos de oposição à esta realidade (coisas como reconhecimento da alteridade e transcendência da realidade vivida) não são, entretanto, rechaçados, mas incorporados à ordem estabelecida. De modo que alterações brutas no cotidiano dos indivíduos são incorporadas através de dispositivos que parecerão sutis. Embora, em nossos dias, a negligência a este cuidado esteja exigindo sempre menos atenção, registre-se. De acordo com o comentarista, "O âmbito cultural já não garante a bidimensionalidade do homem porque está integrado, dirigido e fragmentado pela sociedade de consumo". Trata-se de mais uma elaboração atuante na cooptação, não só no mundo da "cultura superior" (burguesa), mas também na vida

[33] MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*: *o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
[34] PEIXOTO, Luiz Antônio da Silva. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.11, n.1, p.156-180, 2011.

prosaica e cotidiana de toda gente. O instrumento comum e permanente na consolidação do estatuto presente é a "mais-repressão". Nessa conformidade, a busca de recusa ao que está estabelecido é uma necessidade e distintos são os caminhos para tal. Contudo, parece-nos que deste lado o caminho comum terá trânsito no estabelecimento de uma nova sensibilidade em que até mesmo o sonho deverá ser diferente.

A reificação de toda a "realidade" é expandida de tal modo na efetivação da chamada "mais-repressão" que o campo erótico é reduzido à genitália, o outro ser é visto como mais um objeto disponível. O corpo é condicionado para que seus ímpetos não atrapalhem o câmbio produtivo-comercial. Já não interessa a contenção sexual que apenas sujeite o indivíduo em níveis de convivência social e cultural adequados. O desejo reprimido não pode interferir nos valores impostos pelo irrestrito mercado em que se vive. Entenda-se que o sexo não só é lícito como é incentivado na sociedade industrial avançada, mas obedecendo certas conformidades redutoras do erotismo. A denominada "dessublimação repressiva" da sexualidade atuará no próprio desejo de maneira que pode ser considerada como mais um instrumento repressor do indivíduo, conforme veremos. Haverá, entretanto, um apontamento filosófico de Marcuse acerca de recusas às diversas coisificações advindas da cultura unidimensional.

Em um breve retorno vale notar que Marx, referindo-se ao sistema de produção industrial, define duplamente a "mais-valia", uma como "Absoluta", a que expande o dia de trabalho e a "Relativa", a que interferia no próprio modo de produzir, elevando a capacidade produtiva em relação ao tempo através da tecnologia e de um maior controle sobre o trabalho. Neste regime, o mando passa então a se dar menos pela repressão direta, em que os feitores estavam expostos e mais pela delegação ao próprio operário da autoridade de controle na divisão do trabalho e vigilância, ou seja, estabelece, finalmente, a autovigilância. Estas estratégias, solidamente internalizadas no indivíduo e na coletividade, fazem lembrar os retornos primordiais em que as revoltas eram retroagidas. Na sedimentação da "mais-repressão", apontada por Marcuse, aspectos técnicos da divisão hierárquica do trabalho, seu controle e existência pública do espaço de labor, são arranjados de maneira a não permitir lacunas na produção, de modo que o trabalho é a própria perpetuação da dominação.

Assim, de acordo com este diagnóstico, mais uma vez encontramos a introjeção de normas em que o indivíduo trabalha contra si mesmo, gerando quase impressões de gratidão aos que cerceiam seus movimentos. Há nesta operação, assim como na repressão sublimada da libido, circunstâncias que naturalizam a aceitação de algo entre

racionalidade e irracionalidade, ou seja, um conjunto de "concessões" do poder econômico e político que traduzem a ideia de que as coisas estão melhores agora do que no passado. Entre outros artifícios, como a mudança de códigos linguísticos, isso também se dá através de pequenas gratificações. Aparência e essência confundem-se em um mundo em que benesses e repressões parecem se permutar.

Uma teoria social crítica, no universo filosófico de Marcuse, passa essencialmente, conforme já demonstrado, pelo compromisso com problemas humanos. Esta escolha, conforme também já mencionado, indica que a crítica prática deve encontrar-se com estes problemas, buscando evidenciar a inautenticidade da realidade histórica em que estamos metidos. O fato político mais repercutido em relação a Herbert Marcuse é sua análise e apoio aos movimentos de 1968, que, embora fragmentados, são encarnações, guardadas as peculiaridades de cada um, da Grande Recusa, conceito por ele utilizado para se contrapor ao positivismo e referir-se a toda atitude crítica em relação ao que é oferecido. O conhecimento da verdade, para ele, é determinante neste processo e um grande desafio está na descoberta de formas de luta para o desvencilhamento da opressão diária que os sujeitos muitas vezes identificam, mas ignoram o caminho para a libertação. Para o pensador, liberdade, razão e felicidade estão na essência humana como potências diluídas em uma realidade econômica e existencial que, enfim, nega a própria condição humana.

Restando, desse modo, a constatação de que o trabalho escraviza e deforma o indivíduo, sendo uma "catástrofe" na essência humana. Sendo assim, o que deveria libertar, oprime. Estas potências devem, entretanto, tornarem-se históricas e efetivas, de modo que não mais permitam que os conceitos sejam dominados e substituídos por conjuntos de operações que redefinem a linguagem e estabeleçam um operacionalismo linguístico voltado para o mundo do mercado e suas automaticidades. É oportuno lembrar que a razão foi reduzida em seu conceito e transformada em razão instrumental, perdendo o significado de totalidade para ser sinônimo de verdade factual. Pois a dificuldade para o enfrentamento de um sistema social que só permite a satisfação de necessidades por dentro do próprio sistema, em lugar de vontades individuais, com a introjeção de imperativos alheios, pacifica e sacrifica a dimensão interior da mente ao ponto de possibilitar o apagamento de desejos. Para Marcuse, as rebeliões estudantis revelavam o fim da estabilidade pós-guerra, o que poderia nos levar a um desfecho emancipador ou à barbárie. Esta última se vê confirmada no início dos anos de 1970 como "contra-revolução preventiva", que de modo diferente do fascismo não precisa do terror

organizado, conforme aponta Isabel Loureiro: "pois, além de oferecer ampla satisfação das necessidades (alienadas e alienantes), reproduz na consciência e na estrutura pulsional dos indivíduos necessidades materiais e espirituais legitimadoras do sistema".[35]

A civilização não-repressiva, tida como factível por Marcuse em *Eros e civilização*, está, ainda em nossos dias, condicionada a mudanças no funcionamento básico da sociedade industrial contemporânea. Nesta, permanecem vigentes, desde que a modernidade teve as suas bases fincadas, as mesmas características coercivas. A repressão das pulsões continua sendo o suporte para a manutenção de uma razão decrépita a dominar o modo de trabalho e de vida. Em meio às escolhas de cunho econômico e instaurada a era do capital improdutivo, a ênfase da razão no pensamento hegemônico, inclusive filosófico, subjugando a sensualidade, serve de lógica para a dominação. As instituições de controle avançaram sobre o que antes havia na formação do sujeito, sucumbindo até mesmo a autoridade familiar. Isso, entretanto, ao invés de fornecer espaços de liberdade, ajoelhou coletividade e indivíduo no mais emaranhado alheamento em relação aos seus destinos. Considerando as análises do filósofo alemão, pode-se concluir que o sistema socioeconômico e cultural na sociedade industrial avançada não deveria estar dependente de uma dominação cujo motor demonstra ser a própria dominação. Pois a escassez de outrora já não nos obrigaria a concessões tão fundas que justificassem a intensidade do controle.

O princípio de existência procurado por Marcuse é libertário, fora das amarras repressoras, buscando a ausência de dominação ou a dignidade mínima que permitisse conciliação entre trabalho e prazer. Conciliação que não apaziguasse a oposição desbastando a interioridade do sujeito em prol da existencial unidimensional alienada. Caberia em nossos dias já estarmos a indagar "o que somos", no lugar de "quem somos", diante das transformações a que os meios de produção nos submeteram?

Na substituição do princípio de prazer pelo o princípio de realidade não sobrou quaisquer garantias para a prevalência de nossos instintos ou por que estradas estes transitariam, salvo a fantasia. A hipótese é de que a modificação tem se dado dentro e ao mesmo tempo ao largo do indivíduo, quer dizer, a pulsão gerada no princípio de desempenho correspondente não estaria apenas contaminada por certo alheamento nas decisões, mas teria histórica e essencialmente modificado o ser humano. Com isto, necessariamente, as instituições já estariam obsoletas e em um moto continuo a reproduzir

[35] LOUREIRO, Isabel (Org.). *Herbert Marcuse*: a grande recusa hoje. Petrópolis: Vozes, 1999, p.8.

infinitamente o homem como mero prolongamento da máquina. Onde estaria a força resistente para uma restauração que em última análise não recompusesse de todo a forma da pulsão, mas que a somasse a uma nova sensibilidade não-repressiva? por certo dentro de um entusiasmo que teria se resguardado do princípio de realidade, acerca disso Marcuse nos diz:

> a imagem de uma diferente forma de realidade surgiu como expressão da verdade de um dos processos mentais básicos; essa imagem contém a perdida unidade entre o universal e o particular, assim como a integral gratificação dos instintos pela reconciliação entre os princípios de prazer e de realidade.[36]

A liberdade pensada por Marcuse na direção de um princípio de realidade não-repressivo dispensaria a dominação, sem, entretanto, que a atividade laboral escoasse juntamente com a mais-repressão (esta, entendida como causadora de base da coerção sobre o indivíduo). A dimensão libertária de sua proposta implica alterações em âmbitos cujas origens não costumam estar em pauta no contexto econômico, como a sexualidade alargada para ligações perduráveis ou que a fantasia ocupe um lugar expressivo na busca de liberdades. Para isso, a perda do protagonismo do trabalho alienado, que fora alocado como instinto, faz-se fundamental. Este deslocamento mostra-se razoável, visto que a repressão é primordialmente consequência da dominação e menos de demandas advindas do prazer ou da própria necessidade. Trata-se, predominantemente, de como o labor está organizado, ou seja, em prol dos interesses de dominação. O trabalho reorganizado de modo a que a humanidade não seja seu sinônimo, que o ser humano deixe de ser instrumento e prolongamento contínuo da produção industrial, provocaria um salto libertário, oferecendo à organização social do trabalho uma saída digna que, além disso, permitiria, conforme Marcuse, outros avanços. “Sendo assim, a emergência de um princípio de realidade não- repressivo modificaria, mas não destruiria, a organização social do trabalho; a libertação de Eros poderia criar novas e duradouras relações de trabalho”[37].

As questões eróticas são aqui colocadas como agentes desencadeadores das transformações e também como ocupantes ampliados de um tempo e espaço futuros, livres da mais-repressão, em que as potencialidades dos indivíduos, que não eram permitidas em uma sociedade repressiva, ganhariam livre desenvolvimento, desde que transformadas em ações efetivas e históricas. Isso traria harmonia entre o particular e o

[36] MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.137.
[37] Ibidem, p.143

universal, reduzindo o conflito entre indivíduo e sociedade. Conforme o pensador, em condições sociais e existenciais alteradas se poderia suscitar afinidades eróticas duradouras.[38]

Um problema filosófico deve ser lembrado aqui, na perspectiva marxista é realçada a oposição entre os meios e as relações de produção, apontando saídas unicamente históricas para a emancipação das populações, pelo menos antes da chegada ao público dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Para a psicanálise, na abordagem marcuseana, o valor da utopia pode ser histórico e politicamente transformador, sendo a libertação também sucedida de processos inconscientes e pulsionais, cujos subsídios, entre outros tributários, contaria com a fantasia.

Parafraseando o que Stendhal propõe em 1822, como para a beleza, a arte abriga uma "promessa de felicidade"[39] e sendo promessa ela mantém a esperança e o espírito de mudança para o mundo. O que não estiver alcançado ainda, se manterá por este espírito, como combate. Recordando ainda que para Marcuse a utopia não trata de coisas irrealizáveis, por outra, é o que ainda não se concretizou e além disso algo cujo objetivo enfrenta oposições poderosas, mas em um jogo sujeito a mudanças. Não é raro que as forças chamadas reacionárias tentem esvaziar discursos e ações daqueles que querem mudanças de se dirigirem para o impossível. Entretanto, olhando para os avanços sociais e existenciais ao longo da história, vê-se que as evoluções alcançadas foram um dia impossíveis. As limitações do presente são elevadas ao "real" como causas pétreas, de modo a disseminar a ideia de impotência no indivíduo, com isso a manutenção do poder vigente é facilitada. Alterações na forma de ver o mundo político, inclusive sob o ponto de vista estético, são indicativos determinantes observados pelo alemão desde antes de *Eros e Civilização*, este é um aspecto fundamental no pensamento de Herbert Marcuse.

Vale registrar que em setembro de 1945, o filosofo escrevera "Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária", em que trata de obras e acontecimentos de seu tempo, conforme lembra a professora Imaculada Kangussu.[40] Neste texto, a Grande Recusa está colocada através da arte em oposição ao totalitarismo de então.[41] Sendo o conceito de Grande Recusa advindo, conforme a comentadora, de

[38] Ibidem, p. 175.
[39] STENDHAL, H.-M. B. *De l'amour*. Paris: Gallimard, 1980, p.59.
[40] KANGUSSU, Imaculada. *Sobre Eros*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2007, p.115.
[41] MARCUSE, Herbert. "Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária". In: *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: UNESP, 1999.

Alfred North Whitehead (1861-1947).[42] Este autor destaca que a arte ocupa a função de revelar a importância de proposições "não-verdadeiras" anunciando uma "verdade vital" na efetivação de acontecimentos no mundo real. Esta questão seria então afluente à "Grande Recusa". [43] Lembremo-nos que a Grande Recusa foi mote dos protestos estudantis de 1968. Mas antes disso, inclusive em períodos de guerras e ocupações autoritárias, os protestos somente tinham livre expressão na arte, indicativo de um espaço de liberdade e transcendência cujo represamento é custoso. Liberdade e felicidade, portanto, hospedam o destino final das revoluções.

Mas, qual a medida do papel da arte nos eventos revolucionários? O próprio filósofo indaga como a arte pode representar uma linguagem de experimento radical, qualitativo e libertário lidando, portanto, "na profunda dimensão da existência humana (...) para todos os oprimidos"[44]. Na arte mora a negatividade do que está estabelecido, isto significa oposição intensa com os fetiches dados pelas condições produtivas do mundo unidimensional e sua indústria de interesses de dominação, que abrange inclusive o domínio das parcas horas livres do trabalho. A ideia marcuseana vê, entretanto, que essa *práxis* estética se dá de modo indireto em razão do comprometimento da arte residir primeiramente na fidelidade consigo mesma, sobretudo no que tange à linguagem, à forma. Considera que ambas são de potencial político e transcendente, mantendo-se a criação autônoma e, por isso mesmo, ao largo das reificações do domínio instituído. Mesmo assim, isto significa dizer que a criatividade transitará inicialmente como alienação, visto que estará ainda surgindo de um mundo cujas potencialidades reprimidas contradizem verdades "não comunicáveis noutra linguagem" [45]. O que houver nela inserida pertencente ao mundo "real" poderá ser esteticamente transmutado através do inaudito. Sua forma é o que é e o que ainda será. A verdade cotidiana oferecida pela natureza ilusória da arte em seu caráter negativo inverte os ambientes, arroga para si maior correspondência com a realidade que o mundo coisificado, traduzindo mais coisa sem dizê-las todas. Não obstante, este mundo doa, provoque fome, sofrimentos e se afete com toda ordem de malefícios da existência. As intempéries da vida ocupam então, na força de suas formas, um espaço de esperança, "uma necessidade fundamentada na nova

[42] Vale registrar a nota da escritora em que se constata o equívoco do intelectual José Guilherme Merquior, que é de grande importância na recepção brasileira da Escola de Frankfurt, ao atribuir a inspiração da ideia de Grande Recusa à Maurice Blanchot.
[43] WHITEHEAD, Alfred North. *Science and modern world*. Lowell Lectures, 1925, p.228. Disponível em: <https://ia800809.us.archive.org/20/items/b29978531/b29978531.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.
[44] MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70, 1977, p.49
[45] Ibidem, p.22.

consciência personificada na obra de arte”[46]. Trata-se da alienação consciente do artista, através da qual se nega o mundo opressor na criação de uma nova ordem pela produção estética. Há no ato artístico uma sublimação e uma subversão da realidade pela imperiosa forma estética. Através dela mina-se o sistema, pois ela se integra na Grande Recusa em busca de liberdade. Negar é da alteridade própria da arte, de novo com Kangussu, acrescentando que a arte é “capaz de criar mundos, assombrar fantasias e provocar a alienação da alienação”[47]. Pois é justo aí que a arte deve manter sua fundação sólida, não entregando esta essência de resistir, não perdendo a segunda alienação que garante sua autenticidade e a mantém distante das circunstâncias repressoras da indústria cultural, este é seu caráter e também seu desafio - não dessublimando, ou seja, sendo forma. Aí estará a transcendência da obra-de-arte, já que a experiência estética solicita a integralidade do sujeito. Essa experiência sempre provocará a alienação do artista do mundo prosaico, sendo uma questão política onde é preciso construir um mundo em que seja possível viver.

Tanto na atuação política que se dá diretamente pela busca de alforria para o trabalho alienado, quanto na autonomia da arte e a consideração ao pensar do outro, a dinâmica do pensamento de Marcuse origina-se e vai até o fim por exercícios dialéticos permanentes; alteridade e transcendência são sua natureza. A validade das ideias estabelecidas não pode ser medida pela aceitação social anterior ou presente, o que iria contra a liberdade de pensamento. Na Conferência da Dialética da Libertação, em 1967, ele diz:

> Nós estamos lidando com a dialética da libertação (na verdade, uma frase redundante, porque eu acredito que toda dialética é libertação) e não somente libertação num sentido intelectual, mas libertação envolvendo a mente e o corpo, libertação envolvendo a existência humana inteiramente [...] libertação pela virtude da contradição gerada pelo sistema, precisamente porque o sistema é ruim e falso.[48]

Nesta fala, Marcuse confirma a ideia de que o que está ratificado habitualmente como verdade atua em uma validação indébita, pautada somente no sucesso de sua aplicação predecessora. Desconsiderada a possibilidade de negação e transcendência é então o contrário da liberdade de pensamento. Portanto, “a Lógica dialética afirma o caráter negativo da realidade empírica”[49]. Um projeto pode ser verdadeiro ainda que

[46] Ibidem, p.20.
[47] KANGUSSU, Imaculada. *Sobre Eros*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2007, p.115.
[48] MARCUSE, Herbert. *An essay on liberation*. Boston: Beacon Press, 1969. p.24-25.
[49] Idem.

negado pelas circunstâncias presentes. Se o que existe não é verdadeiro, este fato deverá suscitar um ato subversivo contra a ordem estabelecida que nega a existência essencial dos indivíduos. A negação, conforme sua ideia, é então um dever.

2 RECEPÇÃO BRASILEIRA PELOS ACADÊMICOS

2.1 O trânsito das ideias e suas fraturas

Herbert Marcuse esteve em evidência mundo afora em um tempo histórico de transformações sociais. Tratando justo de problemas contemporâneos, o filósofo vivia seus dias na contingência de quem aventa o presente sob o arriscado arrojo dos que criam e se repercutem quase em concomitância. Parecia pensar suas teses contemplando tanto os acontecimentos ordinários quanto a história pela mesma janela e dali também lança-las ao mundo. Referimo-nos aqui a transição conturbada dos anos de 1960 e 1970. Seus estudos anteriores, naturalmente, compunham e somavam-se ao vislumbre de uma era revolucionária que parecia acontecer enquanto raciocinava, escrevia e falava. Seus livros e suas conferências ecoavam sobretudo entre a juventude neste período, mas não só, claro.

Em uma breve consulta à Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional[50], no período 1960 a 1969, o *Jornal do Brasil* (RJ) exibe setenta e oito ocorrências do nome "Herbert Marcuse". Elas vão desde menções à Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, em Genebra (junho de 1966) com algum destaque, onde conferencistas mencionam o pensamento do filósofo em relação à potencialidade do progresso tecnológico[51], no sentido de melhorar a vida no planeta, até, em outra consulta, agora de 1969 até 1970, trazendo outras 167 aparições do pensador, com o nome utilizado para justificar certo "salão de arte jovem' patrocinado pelo jornal. No segundo caso o colunista

[50] Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: < http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.
[51] CÉSAR, Waldo. Os cristãos na revolução social e tecnológica de nosso tempo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1967, Caderno Especial, p.2.

refere-se a Marcuse como "caudilho da mocidade vanguardista atual"[52]. Os recortes demonstram o quanto a menção ao frankfurtiano sofria estranha naturalização na grande imprensa, refletindo, por um lado, o período em que Marcuse esteve em evidência fosse qual fosse o assunto, em terras estrangeiras ou brasileiras, considerando, naturalmente, o aumento da circulação de seu nome de uma década para a outra. Outro aspecto extraído da consulta adianta a inclinação de seu nome para frequentar anedotários, como veremos. Entretanto, há relatos de estudiosos e inclusive das primeiras recepções do autor em nossa terra acerca de o quanto Marcuse era desconhecido naquele tempo, tanto quanto seus parceiros da Escola de Frankfurt. A história brasileira de Marcuse, marcada pelas diferentes faces de sua recepção, estará por elas amalgamadas em muitos momentos, já que as narrativas deste mesmo fenômeno serão proferidas em bordas diferentes de um mesmo lugar.

Suas ideias chegam ao Brasil com atraso, mas não sem tempo de influenciar os movimentos de inquietação em um Brasil submetido a uma ditadura civil-militar. Por aqui, as resistências encontravam distintos caminhos àquelas mordaças que estavam instaladas. Diferentes também sendo as recepções e mediações de seu pensamento. Adquirindo, portanto, relativa importância dependendo do grupo que o auferia. Na urgência de alterar o quadro político do país, certamente interferem nestas recepções os caminhos escolhidos por diversas linhas de pensamento, no plano expressamente político e na cultura, cujos movimentos correm em direções nem sempre uníssonas.

No emblemático ano de 1968 seu nome circulava com certa discrição, mas como se vê pelos números acima citados, já gozando de alguma fluência, não necessariamente pela filosofia em si, certamente em decorrência das repercussões internacionais dos movimentos emancipatórios na França e Estados Unidos, principalmente. Naquele ano, em uma quarta-feira, 27 de novembro, o mesmo *Jornal do Brasil*, publicava matéria de página inteira em seu caderno "As ideias do século XX" com a seguinte manchete: "Marcuse: a revolução do amor contra a morte", pelo Departamento de Pesquisa do veículo, sem assinatura. O texto dá conta inicialmente da ameaça de morte sofrida pelo filósofo de 70 anos por parte da Ku-Klux-Klan, em San Diego, Califórnia. Ele é identificado no texto como o "teórico dos movimentos revolucionários dos jovens em todo o mundo". Os dois livros recém-publicados *Eros e civilização* e *O homem unidimensional* no Brasil são mencionados e comentados em pontos de sintética

[52] BENTO, Antônio. O salão dos jovens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1970, Caderno Artes Plásticas, p.3.

suficiência na exposição de seu pensamento. Menciona ainda que as preocupações do filósofo se voltam a explicar "os motivos principais da infelicidade do homem moderno e quais as alternativas que ainda restam para que o homem chamado civilizado deixe de ser tão civilizado para ser mais humano"[53].

São aludidos também seus posicionamentos em relação aos guetos-negros, à guerra do Vietnã, assassinatos de líderes políticos e a dimensão de sua influência imediata sobre os problemas de seu tempo, discutidos através de "sexo e psicologia dentro de uma visão política". Assim a matéria segue obedecendo os seguintes tópicos "A felicidade infeliz", "Orfeu e Narciso *versus* Prometeu", "Oposição extraparlamentar" e "Luta política", para finalmente fazer referência à Grande Recusa e à importância dos intelectuais, juntamente com a juventude e os operários na luta "pela morte da sociedade repressora atual". A reportagem faz supor algum interesse editorial pelo filósofo e um relativo interesse dos leitores do periódico. Consideremos a abrangência da descrição filosófica noticiada diante da exigência de síntese natural de um diário, o fato desencadeador da ameaça de morte e ainda o clima de pré-implantação do "estado de sítio" no país.

Entre os divulgadores de autores ainda desconhecidos na imprensa brasileira, é importante já ressaltar o papel da revista *Civilização Brasileira* (1965 – 1968) na publicação de textos da Escola de Frankfurt, que primeiro coloca em circulação no Brasil as ideias de Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Theodor Adorno. Estas obras já tinham causado impacto na comunidade filosófica e a um grande público, especialmente no caso de Marcuse, por sua originalidade de argumentações que reuniam leituras críticas de pensadores cujas obras até então seguiam caminhos separados, casos de Karl Marx e Sigmund Freud, como relatado anteriormente. Isso constituía uma particularidade da Teoria Crítica. Mas, a "Escola" não teria realizado uma espécie de "entrada triunfal" nos trópicos brasileiros. Em parte, por sua imanente heterogeneidade, como nos recorda Jorge Coelho Soares. Não se tratando assim de um corpo teórico monolítico, mas sim de aberturas graduais de cada uma das ideias desses intelectuais. Se nos próprios discursos renovadores havia diferenças, ainda com Soares, diferentes também foram as adoções e os resultados desses desembarques. Consideremos também a grande variedade de temas por eles tratados. A "unidade" do grupo independia de fechamentos filosóficos

[53] Marcuse: a revolução do amor contra a morte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1968, Caderno B, p.8.

absolutos.[54]

Houve duas vertentes basilares principais nas recepções brasileiras, no plano acadêmico-intelectual, que tratamos neste capítulo e na vertente da contracultura e seu braço na chamada imprensa alternativa, casos que também comentaremos adiante. Consideramos aqui, entre outros fatores emergentes, a hipótese de certa dificuldade de penetração da filosofia marcuseana no meio acadêmico brasileiro. Isto se deveria, entre outras razões, à certa precedência do estruturalismo marxista ortodoxo nestes meios durante o período em questão. O que pode ter ajudado a pavimentar um caminho para a mediação de agentes não tradicionais na chegada desses dois livros de filosofia ao Brasil.

Para melhor contextualizar país e período, daremos por ora um breve olhar para a situação do poder naqueles anos. Como nos lembra Silvio Ricardo G. Carneiro, em seu artigo "50 x 50: O golpe militar de 1964 instaura um regime unidimensional?", a obra de Herbert Marcuse sendo aludida diretamente para o caso brasileiro de então traz complicações extras, se consideramos as peculiaridades do país, diferentes do que se passava nas potências industriais avançadas.[55] Pois justo quando se operou no Brasil o denominado "milagre econômico", o grupo que se mantinha no poder alinhado com o então chamado "nacional-estatismo" torna-se hegemônico dentro do regime, em detrimento do grupo de "internacionais-liberais". A violência contra as oposições torna-se então ainda mais dura.

Em 1965, o filósofo publica *One Dimensional Man* (*O Homem unidimensional*), que no Brasil foi traduzido como *Ideologia da Sociedade Industrial*, sucedendo a obra *Eros e Civilização*, de 1955 - publicados por aqui em 1967 e 1968, respectivamente. Quando *Ideologia da Sociedade Industrial* era publicado, o país sofria, portanto, o governo autoritário decorrente de um golpe civil-militar desde 1964, que deixaria o país sem democracia por mais de vinte anos.[56] Registre-se o acirramento da repressão com a implantação do Ato Institucional número 5 (AI-5), em 1968, em que as restrições às liberdades civis são ainda mais endurecidas, dando poderes quase absolutos aos militares. Fato determinante que cerceou liberdades políticas e culturais em nossas terras. Portanto, entre as preconizações de Marcuse e efetivações das diretrizes do regime militar brasileiro, há características inequívocas da órbita universalista da unidimensionalidade,

[54] SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse*: uma trajetória. Londrina: Editora Uel, 1999, p.193.
[55] CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes. 50 x 50: O golpe de 1964 instaura um regime unidimensional? *Artefilosofia*, Ouro Preto. n. 18, p.117-134, 2015.
[56] O livro recebeu o nome original – *O homem unidimensional* – no Brasil em nova tradução feita por Robespierre de Oliveira, Déborah Antunes e Rafael Cordeiro apenas em 2014.

conforme as práticas de contra-revolução. Vê-se pela banalização de torturas e todo tipo de cerceamento dos direitos civis, não só no país como mundo afora e de modo enfático na América Latina.

Carneiro em seu artigo menciona a adoção de um sistema de educação essencialmente técnico durante o regime militar, garantindo assim que tudo convirja para o universo da "realidade estabelecida", conforme previu Marcuse. Com isto é então facilitado o estabelecimento de alterações da linguagem cotidiana em um regime de "modernidade efetivada à força"[57]. O ensino de educação moral e cívica, por exemplo, sustenta então o fundamento ideológico na escola e reduz a filosofia ao mais reles ordenamento social. Práticas que sofrerão nostalgias futuras em plena democracia institucional, em tempos que alguns chamarão de "pós-verdade", quando outra vez a unidimensionalidade marcuseana poderá ser lembrada, em uma inversão de valores significativos a reconstituir a realidade. Diz-nos Carneiro:

> Aqui se apresenta um dos principais mecanismos para se conter as forças centrífugas da crítica, as quais, abstraídas da concretude imediata da ordem do dia, atingiriam uma verdadeira concretude figurada pelas mediações determinadas historicamente...no capítulo brasileiro da unidimensionalidade, é possível dizer que os termos purificados da filosofia positiva não apenas distanciavam-se da natureza crítica do pensamento, como também adiantavam uma nova gramática.[58]

Consideramos pertinente pensar que ao mencionar expressamente a América Latina, em *Contrarrevolução e revolta* (1972), Marcuse pode ter antecipado o cenário que se desenharia nos anos decorrentes do golpe de 1964. A abordagem descreve a truculência das perseguições nas ditaduras militares e fascistas, com torturas e massacres. Cita ainda que mesmo nos EUA os militantes afro-americanos pagariam seu ativismo com a vida, numa redução vertiginosa do espaço democrático.

A década de 1960 foi marcada por movimentos de contestação política, social e cultural, com a juventude tomando as ruas em diversas cidades do globo sedenta por mudanças. É um tempo em que estaria havendo um deslocamento do sujeito revolucionário do "proletariado" para a "juventude", que para si arrogava uma força de transformação. Dentro deste contexto, figuravam diferentes correntes de pensamento. Grupos revolucionários defendiam a revolução armada, outros o anarquismo e ainda havia a contracultura, não havendo homogeneidade nesta "rebelião da juventude".

[57] CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes. 50 x 50: O golpe de 1964 instaura um regime unidimensional? *Artefilosofia*, Ouro Preto. n. 18, 2015, p.130.
[58] Ibidem, p.131.

Acrescente-se que à destacada rebelião francesa acompanhavam insurgentes "da Primavera de Praga contra o socialismo burocrático, o massacre de estudantes no México, manifestações nos Estados Unidos contra a guerra do Vietnã e a alternativa *hippie*, dentre outros", descreve Marcelo Ridenti, que adiciona:

> Entretanto, 1968 teve especificidades locais determinantes no Brasil, acima da influência dos fatores internacionais e da identidade com movimentos contestadores de outros países. Por exemplo, o movimento estudantil seguiu uma dinâmica de luta própria, anterior ao famoso maio de 1968 na França. Mas isso não significa que os brasileiros não estivessem sintonizados com as manifestações que ocorreram mundo afora naquele ano. Ao contrário, além das diferenças e especificidades, havia uma série de aspectos comuns.[59]

Seguindo-se daí Ridenti lista uma cadeia de motivações comuns dos movimentos libertários, abrangendo aspectos como prosperidade econômica na conjuntura internacional, crise educacional, alternativas ao sistema do marxismo soviético, repúdio a guerras coloniais e imperialistas, negação ao consumo, vínculo entre arte e política, a desobediência civil como forma de luta, pacifismo, ecologia, antipsiquiatria, feminismo, movimentos homossexuais, de minorias étnicas, etc.[60] Entre as demandas brasileiras, o aceso ao ensino superior gratuito democratizado era bandeira constante, além, expressamente, do fim da ditadura implantada com o golpe de 1964. A repressão do governo militar havia matado um estudante no Rio de Janeiro e outro em Goiânia. O movimento operário desencadeou a greve de Contagem, em Minas Gerais e em Osasco e no ABC paulista estavam rearticulados, pois estiveram acuados desde 1964. As manifestações ocorriam em diversas cidades do país. A reação do poder foi vigorosa com prisões, exílios, tortura e censura, com a edição do AI-5. De modo que o contexto específico brasileiro no período integra a "revolta mundial", mas deve ser notado em suas particularidades. É importante também registrar que os movimentos de 1968 implicam multiplicidades e disputas políticas em seu interior, havendo, de certa maneira, ressignificações nos tempos atuais, conforme relato de Maria Paula Araujo, em seu artigo "Disputas em torno da memória de 68 e suas representações*"*. Para a pesquisadora, uma "imagem unitária de 1968" minimiza as disputas políticas e estéticas ao fundir os acontecimentos em uma única síntese libertária.[61]

[59] RIDENTI, Marcelo. Breve recapitulação de 1968 no Brasil. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p.55.
[60] Ibidem, p.56.
[61] ARAUJO, Maria Paula. Disputas em torno da memória de 68 e suas representações. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula (Orgs.). *1968*: 40 Anos depois. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p.18.

Neste cenário buscavam-se também novas formas de expressão, sejam por meio das artes de vanguarda ou pela subversão dos meios de comunicação tradicionais, como por exemplo a emergência da chamada imprensa *underground*, mais conhecida no Brasil como imprensa alternativa ou imprensa nanica. Apesar de certos refluxos, o caráter contestatório destes grupos teve continuidade e desdobramentos na década de 1970. É em meio a este cenário que o filósofo alemão é elevado a uma das referências teóricas da rebeldia instalada.

2.2 O desencontro de Marcuse com a academia no Brasil

Segundo Isabel Loureiro, a recepção da obra de Marcuse na academia foi um tanto tímida, em boa parte porque o autor fora considerado um filósofo do "desbunde" (nome dado à contracultura no Brasil[62]), especialmente pela intelectualidade de esquerda.[63] Pois os temas que ganharam maior proeminência acerca da obra de Marcuse no Brasil eram, neste contexto, a liberdade sexual, a irracionalidade do racionalismo e a Grande Recusa. A recepção de sua obra, todavia, segue sendo objeto de controvérsias.

As demandas de boa parte daqueles intelectuais não eram atraídas pelo pensamento do alemão. Carlos Nelson Coutinho nos adverte que para quem estava saindo do Partido Comunista Brasileiro, também conhecido como "Partidão" ou "PCbão", indo direto para a luta armada e que tomou contato com a Escola de Frankfurt, o proletariado continuava a ser o sujeito revolucionário.[64] A inclinação de certa classe média "alternativa" de parte dos que receberam a obra, não era vista com bons olhos. De modo que também Adorno e Horkheimer, que apareciam também advindos da Teoria Crítica, representavam um "pessimismo resignado" e distante das ações que estes pretendiam. Considere-se aqui mais uma vez a heterogeneidade imanente do grupo de pensadores alemães. Embora já houvessem constatado desde o princípio que o papel de Marcuse fosse de radicalização das ideias centrais deste "movimento". Sobre esta mediação, nos diz Coutinho:

[62] Versão brasileira da contracultura, cuja denominação parte de um deboche contra os "desbundados" e é por eles assimilada. KAMINSKI, Leon. *Por entre a neblina*: o Festival de Inverno de Ouro Preto (1967-1979) e a experiência histórica dos anos setenta. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

[63] LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio: reificação e unidimensionalidade. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolgang. *O pensamento alemão no século XX*: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. Vol.1. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.257-301.

[64] COUTINHO, Carlos Nelson. Carlos Nelson Coutinho. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.15-33.

> Isto não depende de Marcuse, mas das pessoas que o receberam, acho que essa recepção de Marcuse passou de um estímulo à ultra-esquerda para o estímulo ao irracionalismo, à contracultura, à ideia de cultivo da sensibilidade, da razão como uma coisa anacrônica, que de certo modo, acho que Marcuse justifica, muito menos do que a influência que ele teve aqui. A coisa caiu num momento em que a gente chamava, na época, de Desbunde. As pessoas estavam "sem lenço sem documento"... aquelas músicas do Caetano que marcaram muito esse período. Acho que Marcuse, que tem um viés, não diria irracionalista, é um pouco forte, mas tem um viés muito cético, muito crítico em relação à razão.[65]

De modo que o setor acadêmico viu naquela apropriação das ideias de Marcuse pelos contraculturais, cuja obra chegava fragmentada, ou seja, pelos recortes dos dois livros que se tornaram sucesso, algo distanciado de suas emergências teóricas e políticas. Roberto Schwarz, entretanto, lamenta a falta de Marcuse no pensamento dos marxistas brasileiros, conforme relata Jorge Coelho Soares em seu *Marcuse, uma trajetória* (1999). Na opinião do pensador, ainda que houvesse "aspectos sombrios" no marxismo frankfurtiano, este seria mais realista que os demais, principalmente pela assimilação por estes alemães das experiências do nazismo, do stalinismo e do "*american way of life*".[66]

Outros analistas, na companhia de Schwarz, certamente aludem a esta carência também pela extrema ortodoxia das cartilhas dos partidos comunistas, cuja "sovietização" era imperiosa. Faltaria uma oxigenação, que poderia vir de Marcuse. Este engessamento, contudo, já estaria sendo quebrado naquele meio, por outros autores que aqui já circulavam, como Lukács, Gramsci, Althusser, entre outros, conforme Coutinho, que divergia sobre a sovietização, que não seria tão imperiosa assim, pois o estudioso abranda posições de intelectuais do PCB. A situação das esquerdas brasileiras de então teria sido determinante na recepção da Escola em nossas terras. Isso explicaria inclusive a "superioridade" de Marcuse sobre outros pensadores de Frankfurt. Apontado internacionalmente como "fonte ideológica das rebeliões europeias e norte-americanas", seus livros ganham aqui espaço no descontentamento de outros setores do Partido Comunista Brasileiro e sua cultura marxista, seara em que a intelectualidade de esquerda não transitava com o mesmo vigor de antes. Alguns então teriam encontrado resposta na Grande Recusa marcuseana.

Carlos Nelson aposta ainda que teria havido uma leitura "apressada" de Marcuse, que agiria sobre aquela "impaciência revolucionária"[67]. Assim, a composição eclética do

[65] Ibidem, p.18-19.
[66] SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse*: uma trajetória. Londrina: Editora Uel, 1999, p.195.
[67] COUTINHO, Carlos Nelson. Dois momentos brasileiros da Escola de Frankfurt – In: *Cultura e sociedade no Brasil*: ensaios sobre ideias e formas, 4ª Edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011, p.77.

arcabouço teórico dos que se intitulavam "nova esquerda brasileira" encontrava em Marcuse uma contestação radical que responderia ao mesmo tempo à ditadura e ao marxismo encarnado no PCB, essencialmente presos às tradições da Terceira Internacional, com poucas exceções. Vale acrescentar que muitos dos que se voltaram para a Grande Recusa a entendiam de modo literal, absoluto e excludente. Conforme Soares:

> Recusavam a ditadura, o capitalismo, a tecnologia, todo legado cultural anterior, a ciência e, principalmente, recusavam a "razão ocidental" (...) ao ser percebida nos anos de 1960 como necessária, mas não suficiente, ser totalmente descartada. Como não era suficiente, deixaria de ser também necessária. Se "o sonho da razão só produzira monstros" até então, era a vez de entronizar a "desrazão" e construir um outro "admirável mundo novo.[68]

Saliente-se que no cenário brasileiro, no início da década de 1970, que ainda compõe a recepção brasileira do autor, a simpatia de parte da intelectualidade se manteve. Ainda com Coutinho, alguns teriam ido para um "falso revolucionarismo teórico". Para isso, teriam apenas decretado "cortes epistemológicos radicais", alocando-se em uma "escolástica acadêmica", para ele confundida com "estruturalismo", passando a dar as cartas em parte da produção acadêmica nas ciências humanas. Outros, teriam se mantido na Grande Recusa, conforme dito, mas sendo também uma derivação da "impaciência revolucionária" e tornaram-se oposição política global e genericamente abstrata à cultura em geral. Ditadura e capitalismo como formação econômico-social, perdem *status* de inimigo número um. Agora todo um legado cultural, que baseado na razão e na ciência, funcionaria essencialmente, segundo os defensores dessa corrente como uma instância repressora da subjetividade humana.

Teria sido aí que Marcuse, mais uma vez, "lido apressadamente" teria ido parar em um irracionalismo aberto. Assim, as ideias do frankfurtiano saem da inspiração para guerra civil e vão para os movimentos da chamada contracultura em sua versão tropicalista romântico-anticapitalista, desenvolvida em terras brasileiras. Naqueles anos, os movimentos contra cultural, tropicalista e anti-tecnológico apregoavam uma busca edênica de libertação pelo corpo como causa maior. O indivíduo era visto como a "última instância indivisível e fundadora de sentido". A procura de uma nova sensibilidade e o rechaçamento inconteste das repressões podem encontrar justificativa para muitos daqueles rebeldes em eleger Marcuse como "mentor" da contracultura (ainda que a

[68] SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse*: uma trajetória. Londrina: Editora Uel, 199, p.199.

revelia do alemão). Na outra ponta desta hipótese, haveria, conforme também aventado, a corroboração para certo esfriamento da recepção acadêmica da obra de Herbert Marcuse no Brasil.

Conforme o prefácio de Aquiles Côrtes Guimarães, em *Marcuse no Brasil – Entrevistas com filósofos*, há clara prevalência da dimensão ideológica na recepção do pensador no Brasil.[69] Para o comentador, o ímpeto juvenil privilegiava uma "libertação indefinida", cujo entusiasmo não se constrangia diante de grandes questões. Guimarães, que também foi entrevistado para o livro de Soares, cuja primeira leitura de Marcuse foi em 1967, teve a imagem inicial do filósofo como de um anarquista, diferentemente de Althusser, uma figura que muito se difundia nos meios acadêmicos, este sim, seria um um leitor de Marx 'ideal', estruturalista. Segundo Guimarães, quando os livros foram publicados no Brasil, nenhum professor de filosofia teria indicado suas obras, sendo elas descobertas pelos próprios alunos. Marcuse teria chegado como um "filósofo de segunda categoria" na academia brasileira, fato que atribui a "um certo preconceito contra novidades", desde a faculdade Nacional de Filosofia, conforme relata. Marcuse estava, nestes primeiros tempos no país, ligado aos movimentos estudantis, trazendo aspirações "que ninguém sabia dizer bem o que era".[70]

O trabalho de Soares nesta reunião de entrevistas merece um olhar alargado por sua abrangência sobre intelectuais brasileiros, muitos então jovens no período em questão. Carlos Nelson Coutinho descobriu Marcuse depois de ter tido contato com Adorno e revela que pertencia aos que tinham uma visão política ortodoxa, mas que o empenho prático do alemão o impressionou, diferentemente de Adorno e Horkheimer, que eram de um "pessimismo resignado", embora nunca tenha se tornado um "marcuseano". Neste período (anos 1960-1970), alguns intelectuais já se incomodavam com a influência de Marcuse sobre a ultraesquerda. Para ele e seus pares, o proletariado permanecia sendo o sujeito revolucionário protagonista. Aos que pensavam diferente desses intelectuais (alguns na transição do "PCbão" para a luta armada) despendiam toda oposição. A leitura sobre posicionamentos fora da doutrina partidária ou armada, conforme já apontado, segundo Coutinho, era rechaçada sem hesitação. Ele diz relembrando os ânimos de então:

> Acho que essa recepção de Marcuse passou de um estímulo à

[69] SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p. vii.
[70] GUIMARÃES, Aquiles Cortês. Aquiles Cortês Guimarães. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.1-13.

> ultraesquerda para um estímulo ao irracionalismo, à contracultura, à ideia do culto à sensibilidade, da razão como uma coisa anacrônica, que de certo modo, acho que Marcuse justifica muito menos do que a influência que ele teve aqui. A coisa caiu num momento em que a gente chamava, na época, de Desbunde.[71]

Carlos Nelson cita o livro *Ensaio sobre a libertação* como responsável pela propagação do cultivo da sensibilidade no avanço da contracultura, o que para ele significa atribuir sim a Marcuse certa responsabilidade pelo irracionalismo que contaminava a esquerda. O livro é de 1977, um pouco mais tarde que a fase inicial da entrada de sua obra no país. Mas chama a atenção para o fato do filósofo ter "algumas reservas críticas" em relação a isso, "que o pessoal no Brasil não teve". Observação coincidente com a dos que pensam Marcuse "mal lido" naquele momento. Esta oposição entre acadêmicos e contraculturais vai marcar o nome do filósofo e produzir dubiedades no decorrer da chegada de seus livros em terras brasileiras, a exemplo do que acontece em outros países, não sendo singularidade nossa.

Um dos mediadores que fora da academia muito divulgou Marcuse, Luiz Carlos Maciel, é citado várias vezes por Coutinho que a ele atribui o "orientalismo mais deslavado" e o aponta como defensor de "posições irracionalistas, a razão repressora, etc.…" (sic). Maciel ocupava então no semanário *O Pasquim*, a coluna "Underground".

Somos lembrados em seguida que *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin – Ensaio crítico sobre a escola de Frankfurt* – primeiro livro sobre a escola – de José Guilherme Merquior, de 1969, teve papel importante na divulgação da Escola de Frankfurt no Brasil, tratando-se de um livro de "refluxo". Maciel e Merquior são casos que trataremos mais à frente. Outro apontamento de Coutinho, entretanto, menciona uma fala de Roberto Schwarz, em que o escritor afirma que até 1968 havia uma hegemonia da esquerda na cultura brasileira e que quando Marcuse aparece no cenário essa proeminência está se voltando para a contracultura, o irracionalismo, o desbunde. E assim finaliza Carlos Nelson: "não é por culpa do Marcuse..."

Entre outros futuros comentadores brasileiros que estavam presentes na academia naqueles anos, segue-se a ideia geral de que Marcuse teria sido apropriado de modo superficial. No geral, as opiniões são de que o pensador possuía méritos que, contudo, estavam dispersos por leituras generalistas. Hilton Japiassu, cujo interesse pela Escola de Frankfurt foi mais focado no pensamento posterior, de Habermas (que apesar de amigo e

[71] COUTINHO, Carlos Nelson. Carlos Nelson Coutinho. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.18-19.

interlocutor tem críticas fortes à Marcuse) faz coro com os demais. Mas, lamenta o modo como se deu a recepção. "Leu-se trechinhos...foi apropriado no varejo", diz o filósofo e acrescenta que Marcuse era um "sábio, que escreveu um livro revolucionário", para além das ideias de um mero militante e que é um "clássico da filosofia". E novamente sobre a recepção brasileira acresce que uma civilização em crise busca saídas no moralismo e depois no individualismo, referindo-se a certo "esoterismo" de parte dos que "aderem" ao "pensamento" marcuseano.

Mais um estudioso advindo das fileiras do Partido Comunista que vivenciou o período pesquisado é Leandro Konder. Este, já em 68, enaltece a capacidade de assimilação das experiências de Marcuse e sua coragem para as mudanças, ao narrar parte da trajetória do alemão. No texto republicado na *Revista Physis* (1998), diz o intelectual que para tanto, "os revolucionários pagam um preço alto por se acreditarem imunes à infiltração conservadora em suas consciências. Falta-lhes, com frequência, maior capacidade de desconfiarem de si mesmos".[72] Menciona, para ilustrar essa angústia a frase dramática de Hélio Pellegrino: "mudar é correr o risco de morrer"[73]. Na assimilação do novo, o perigo de perda da identidade não parecia vigorar em Marcuse. Konder era do comitê cultural do partido quando teve os primeiros contatos com os escritos de Marcuse. Portanto, conheceu a "onda Marcuse" discutindo políticas culturais. Diz que apesar de ter ouvido falar do filósofo em lugares como a Civilização Brasileira e em conversas com outros intelectuais, foi justo Luiz Carlos Maciel, a quem se refere como "um intelectual gaúcho que tinha vindo da Bahia", quem primeiro o fez ler o filósofo.[74] A leitura parte dos livros de maior sucesso na época (*O homem unidimensional* e *Eros e civilização*), passa pelo *O fim da utopia* e se estende depois para *Razão e revolução* e artigos sobre Walter Benjamin, autor com o qual trabalhava na época. O último citado teria mudado sua maneira de ver o autor. Konder diz que antes de *Razão e revolução*

> achava Marcuse um pensador inquieto, talentoso, contestador, mas desconfiava da inquietação política dele. Desconfiava justamente da capacidade dele pensar a partir de um compromisso com uma razão que precisava se renovar – seria a razão dialética (...) essa suspeita de irracionalismo que eu mencionei ainda há pouco e que o Carlos Nelson comenta no artigo dele. Mas víamos algumas pessoas usando o Marcuse, para defender posições que não tinham mais nenhum compromisso, nenhuma modalidade de razão. E eu descobri que o Marcuse tinha um compromisso com essa discussão, com a revisão da razão dialética, no livro dele sobre o Hegel.

[72] KONDER, Leandro. Marcuse, revolucionário. In: *Revista Physis*, v.8,n.1, p.15-28, 1998. p.17
[73] Ibidem, p.17
[74] KONDER, Leandro. Leandro Konder. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: Entrevistas com filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.89.

Esse livro foi pra mim fundamental.[75]

Konder menciona ainda *A dimensão estética*, em que, para ele, as ideias de Adorno tornam-se bem mais assimiláveis, dando à Marcuse a "vantagem de escrever com charme", provoca. O ensaísta posteriormente apontará outros aspectos do pensamento de Marcuse, como o pouco discutido livro *O marxismo soviético* (1969). Acerca dessa obra, comenta que com o capitalismo tardio fortalecido, servindo como um neutralizador da classe operária, interferindo em áreas como a sexualidade (em sua liberdade recém-conquistada) e a submetendo aos "mecanismos do lucro", as tendências unidimensionalizantes são elevadas. Apontamos ainda a preocupação de Konder em esclarecer que os ataques sofridos pelo filósofo chegaram a provocar controvérsias, ainda não de todo esclarecidas, como a atribuição a ele atribuída em relação ao que seria a substituição dos agentes revolucionários, diz Leandro:

> Atribuíram-lhe teses que ele nunca havia defendido, como a de que o movimento estudantil substituía o movimento operário como sujeito da revolução ou a de que o consumo de drogas por parte dos jovens contribuía para a radicalização da consciência crítica (quando, de fato, o que Marcuse havia observado é que o aumento do consumo de drogas por parte dos jovens era, a seu modo, um indício de insatisfação com a organização atual da vida e uma busca de novas formas de existência).[76]

Por outro lado, o "marxismo dos partidos" e da URSS se desgastavam em fórmulas ideológicas envelhecidas, servindo para legitimar uma gigantesca organização estatal e partidária, em um encontro com o sistema capitalista contra o qual havia sido criado. Com isso, militantes atacam Marcuse condenando sua dialética "por valorizar a ruptura e ignorar a dimensão da continuidade histórica", ao que o berlinense contra-ataca apontando a Grande Recusa como revitalização para o processo revolucionário.[77] Assim Leandro Konder sintetiza a ideia de Marcuse:

> isto é, através de um onda de revolta extremamente diversificada, que poderia mobilizar as novas energias heterogêneas dos setores marginalizados, excluídos da "afluência", como negros do "Black Power", movimento "hippie", estudantes rebeldes, mulheres inquietas e povos do chamado Terceiro Mundo, além dos trabalhadores não assimilados pelo sistema e que, conforme insiste Marcuse, não devem ser vistos como definitivamente descartados no processo da revolução.[78]

[75] Ibidem, p.90.
[76] KONDER, Leandro. Marcuse, revolucionário. In: *Revista Physis*, v.8,n.1, 1998, p.24.
[77] Ibidem, p.23.
[78] Idem.

No caso de *Marxismo soviético*, livro que teria custado à Marcuse a antipatia de grande parte dos comunistas ortodoxos mundo afora, vale relembrar o timbre do alemão em suas críticas ao estado centralizador, para onde se dirigiu a burocracia totalizante de Moscou. Marcuse aponta sem meias palavras, concatenando com a previsão de Marx e Engels, a inclinação coercitiva do Estado, que teria se disfarçado em "administração racional". Nas palavras do próprio Marcuse:

> Contrariamente a esta concepção, o Estado soviético exerce funções políticas e governamentais completas contra o próprio proletariado; a dominação torna-se uma função especializada na divisão do trabalho e, como tal, é um monopólio de uma burocracia política, econômica e militar centralizada e autoritária do processo produtivo, dirigida por grupos que determinam as necessidades sociais (...) independente do controle coletivo da população governada.[79]

De volta à recepção do autor de *Eros e Civilização* no Brasil, há casos em que os primeiros contatos com a obra decorrem através de outras correntes filosóficas. Paulo Mercadante relata que a melhor síntese que encontrou sobre o assunto foi em *Crítica da razão dialética* (1960), do existencialista Jean-Paul Sartre. Esta corrente esteve corolariamente presente em membros do Instituto de Pesquisa Social, vale notar. Para ele, as novidades marcuseanas chegaram em uma primeira impressão como uma espécie de revisão crítica à Marx. Conhecia a obra de Freud, diz o ex-aeronauta, que só por aí teria se dado conta de que Marx havia subestimado a formação do homem antes dos 18 anos: "Marx só cuidava do homem depois que ele entrava no sindicato". Os conceitos freudianos redefinindo a obra de Marx, para este liberal, é percebida como uma crítica ao capitalismo moderno cujas razões já lhes eram incômodas.

Em depoimento para Isabel Loureiro e Carlos Eduardo J. Machado, Paulo Arantes confessa não ser "bom termômetro" em assuntos marcuseanos porque estudou e ensinou por décadas na Universidade de São Paulo, não sendo esta boa recomendação em matéria de Teoria Crítica.[80] Conforme sua fala, aquele Departamento de Filosofia, fundado por uma missão francesa e retroalimentado por este espírito pelo menos até meados dos anos de 1980, não ofereceria importantes referências, visto que Marcuse "a rigor inexistia" no cânone filosófico francês antes de 1968. O ambiente majoritariamente de esquerda, então a combater a ditadura, seria por demais "marxizante" e de tal modo construtivo, por

[79] MARCUSE, Herbert. *Marxismo soviético*. Trad. Carlos Weber. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969, p. 100.
[80] ARANTES, Paulo Eduardo. Recordações da recepção brasileira de Herbert Marcuse. In: *Zero à esquerda*. São Paulo: Editora Conrad, 2004, p.149.

necessidade de superação do subdesenvolvimento, que se tornara impermeável à negatividade da Teoria Crítica, embora esta fosse ainda muito desconhecida. Para ele, como em várias partes do mundo, os movimentos estudantis teriam aberto as portas erradas para Marcuse. Enquanto os professores continuavam avessos ao que chamavam de "*filosofia pop*". Outro peso contrário era o fato de que Marcuse teria sido "reincorporado à tradição leninista", que há muito tempo era objeto de censura da própria Teoria Crítica. De modo que Arantes é categórico, não poderiam estar mais na contramão do *homem unidimensional*, diz ele. Seria então uma recepção 'arrevesada" que colocou Marcuse como

> mentor de um vago anti-capitalismo romântico, compreensível nos anos de chumbo de resistência à modernização conservadora impulsionada pelos militares, porém francamente deslocado à luz do reencontro do país com seu destino (...) Podemos dizer que se encerra o desencontro crônico entre a Teoria Crítica e a experiência nacional, desencontro que vitimou, como vimos, a recepção de Marcuse entre nós (...) reviravolta que não é a primeira em nossa história e sempre contou com o apoio entusiástico das elites locais, que se preparam mais uma vez para sacrificar outra geração ao mito da ascensão do país aos degraus superiores da vida moderna.[81]

Paulo Arantes fecha sua fala apontando a Grande Recusa como algo inatingível para nós, enquanto não descobrirmos que o futuro já está aqui e é "desintegração social impulsionada pelo programa suicida da economia mundializada". Acrescentando que só por esta experiência Marcuse seria compreendido em sua verdadeira dimensão. Em outra entrevista do comentador, à *Folha de São Paulo*, concedida a Roberto Schwarz, por ocasião dos 30 anos de maio de 1968, ele diz que

> seria bom relembrar que 68 abriu quase uma década de lutas sociais e que só foi de fato enterrado pela contra-revolução liberal conservadora (...) até mesmo nosso "milagre" periférico tem a ver com a liquidez internacional à procura de uma lucratividade bloqueada nos países centrais; e mesmo o nosso ABC de 1978 em greve pode ser visto em linha com a turbulência da década de 1970 (sindicalismo de combate etc.), talvez mais crucial que os anos 60 (...) Se estas impressões fazem sentido, a famosa adesão sistêmica da força de trabalho, cooptada pelas prestações do *Welfare State*, precisa ser recontada. Bem como a impressão de que viveríamos novamente (como achava Marcuse em 64, abrindo *O homem unidimensional*) numa sociedade sem oposição.[82]

Neste contexto, é possível entrever mais um vórtice temporal em que

[81] Ibidem, p.153.
[82] Parte de uma matéria sobre 1968 produzida para a *Folha de São Paulo* por ocasião dos 30 anos de maio de 1968, 10/05/1998, as entrevistas de Paulo Arantes e Roberto Schwarz foram publicadas juntas, mas realizadas separadamente. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/07/12/schwarz-e-arantes-falam-sobre-maio-de-1968/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

circunstâncias de mais de cinco décadas passadas parecem não superadas no Brasil de hoje. Arantes chama a atenção para o "juízo mais sóbrio" de Marcuse, a saber, sua consciência do "longo fôlego do capitalismo avançado, cuja sobrevida parecia assegurada enquanto continuassem "entregando a mercadoria"[83]. Ao passo que se constatava a internacionalização da economia nos países dependentes, ou a sedimentação desta. Com isso, a Nova Esquerda brasileira via a possibilidade de emancipação econômica por um sistema que fosse diferente do que estava em vigor, então esboçava o rompimento com a ortodoxia comunista, apostando ainda na derrocada imperialista no Vietnã e sai para a "luta". Pela frente viam o socialismo ou o que será chamado de "fascismo de mercado", política ultraliberal que o economista Paul Samuelson confirmará no Chile ditatorial de Pinochet. Esta linha político-econômica, cujos experimentos foram superados, será, mais uma vez, no futuro institucionalmente democrático brasileiro, objeto de nostalgia.

Sobre o mesmo "68" e na mesma entrevista, Roberto Schwarz vai dizer que a efervescência de então cresce e passa para o enfrentamento direto da ditadura, com as palavras de ordem francesas passando para as ruas brasileiras, ocupações de faculdades, fábricas etc. Sem, entretanto, que o sotaque soasse mais forte que as demandas do país. 1968 teria sido a primeira rebelião "antissistêmica" dos tempos modernos, que não resiste em termos absolutos a mercantilização total que ocorreria em suas reações conservadoras a manter e aprofundar alienações e exploração sem limites. Diz-nos Schwarz:

> ...dando a estas (manifestações) uma vibração, por assim dizer, atualizada e planetária, além de enriquecer o repertório das nossas aspirações assumidas. Mas no essencial a agitação aqui tinha base interna, no quadro de classes brasileiro, e propunha tarefas diferentes das parisienses e nem por isto menos contemporâneas.[84]

A já citada revista *Tempo Brasileiro*, ainda no abrasador ano de 1968, publica o ensaio "De Eros a Sísifo", de Sérgio Paulo Rouanet, que passará a ter protagonismo na recepção da teoria crítica na década seguinte. Contudo, para muitos no Brasil este texto foi a primeira leitura sobre Marcuse. A revista, direcionada para um público intelectual e acadêmico, traz um trabalho esmerado, cujo espírito é de cuidadosa exegese, nele o autor atravessa todos os temas trabalhados até então pelo filósofo. A sociedade repressiva é descrita por dentro dos conceitos marcuseanos, sem que escapem as mais espinhentas

[83] ARANTES, Paulo Eduardo. Recordações da recepção brasileira de Herbert Marcuse. In: *Zero à esquerda*. São Paulo: Editora Conrad, 2004, p.151.
[84] *Folha de São Paulo*, 10/05/1998. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/07/12/schwarz-e-arantes-falam-sobre-maio-de-1968/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

questões. Além dos livros recentemente aqui publicados, o ensaio oferece informações comentadas de outros textos recentes e avulsos, além de reflexões das décadas anteriores, já exploradas por Rouanet. Na irônica exposição sobre a "popularidade" alcançada pelo filósofo, que subitamente sai do anonimato, informa que quando aquele proferiu uma conferência a convite da Unesco, os jornais noticiaram amplamente, como se fosse algo muito excitante. Em seguida, no episódio das ameaças de morte, outra vez houve larga divulgação. "Decididamente era demais para um simples filósofo"[85].

Há no texto de Rouanet um mergulho nos conceitos trabalhados por Marcuse, em que atravessa as reflexões e aponta as propostas de prolongamento tanto da metapsicologia freudiana quanto no pensamento de Marx. Suas análises cuidam de expor as dimensões ontogenética e filogenética ao lado de conceitos como "mais-repressão" e "princípio de rendimento". Sérgio Paulo não se furta a explicar o funcionamento social da libido, a super-repressão vitimando Eros, a condição alienada das sociedades capitalistas e socialistas, quais possibilidades para supressão da repressão, a insuficiência da classe operária como agente revolucionário, ou seja, de elucidar a interface entre teoria crítica e psicanálise, ao passo que simultaneamente elabora críticas pontuais aos temas. O que constituía relevante inovação para boa parte do público brasileiro. Com isso, contribui o ensaísta para uma adequação histórica do pensamento marxista de Marcuse no Brasil.

Já José Guilherme Merquior, no decorrer do tempo, tem ideias ambíguas sobre o "Hipopótamo de Frankfurt". Ao escritor é atribuído destaque pela recepção brasileira da Escola de Frankfurt através do livro, já mencionado, *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Esta obra teve a publicação em 1969, portanto, foi escrita ainda no calor da chegada da filosofia de Herbert Marcuse ao Brasil. José Guilherme foi conhecido pelo rigor intelectual e também por suas mudanças de posições ao longo da vida. Fato que combinado com o ideário insubmisso do filósofo, daria em alguma altercação. O ensaísta liberal e crítico do marxismo foi chamado de "conservador civilizado" por admiradores e desafetos, tendo sido em sua curta vida (1941-1991) também conhecido como um polemista. Merquior oscilou entre fases mais e menos conservadoras. Na opinião de Konder, ele estava em um momento de maior abertura ao fim de sua vida.[86] Teria atravessado uma atitude mais conservadora, passado de um período heideggeriano

[85] ROUANET, Sérgio Paulo. De Eros a Sísifo. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 17-18, 1968.
[86] KONDER, Leandro. Leandro Konder. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.96.

para uma fase lukacsiana, para em seguida tornar-se de novo heideggeriano, em uma etapa estruturalista de veio conservador. Contudo, sua imagem mais firme, talvez concebida definitivamente em sua fase de trabalho diplomático em Londres, é a de fidelidade ao liberalismo. Era reconhecido seu gosto pela erudição, pelo debate e pela inclinação antimarxista. A obra de Merquior é o primeiro estudo aprofundado relativo aos pensadores da Teoria Crítica no Brasil, que eram ainda bastante desconhecidos, salvo, talvez, justo pela popularidade que Marcuse estava a angariar com seus livros de sucesso e, naturalmente, pelas repercussões de seu nome nos movimentos estudantis na Europa e Estados Unidos.

Segundo Leandro Konder, o editor da coleção que publica o livro, Professor Eduardo Portela, teria exigido que o nome de Marcuse estivesse na capa devido à crescente divulgação já existente acerca do filósofo. Portanto, esta inclusão teria sido ao largo de sua vontade. Sem muita diferença com o canto geral dos intelectuais, já na abertura do livro, Merquior vaticina que "segundo consta, Marcuse é hoje o nome da moda, o profeta, mais citado do que lido, dos simpatizantes entusiásticos das "revoluções culturais"[87]. Também era sabido o interesse de Merquior por Walter Benjamin, sobretudo por sua crítica literária, que mesmo assim não teria resistido até o fim de sua vida à acusação de ter se "contaminado" pelo "irracionalismo" de Frankfurt. Mesmo assim, Merquior não teria por Marcuse, Adorno e Horkheimer a mesma "simpatia". O liberal usa Lukács como uma das referências do livro sobre a Teoria Crítica.

Apesar disso, o ensaísta tece inicialmente a opinião de que Marcuse é um grande pensador e vanguarda entre os colegas de Frankfurt. Mas, em 1981, ele menciona o alemão como responsável pelo "neofascismo vermelho em sua tola e perigosa investida contra as liberdades institucionais e as práticas civilizadas"[88]. Não obstante, na obra de Merquior, a de 1969, é traçada pioneiramente a importância internacional de Marcuse, em que aponta com proficuidade a relação entre Teoria Crítica, política e psicanálise. Opinião compartilhada por Sílvio César Camargo, para quem o pioneirismo de Merquior é algo que demarca a literatura internacional sobre teoria crítica, mesmo tendo sido redigida em português, já que a histórica análise de Martin Jay só viria a público em 1973. Para o comentarista, a obra será refletida, em parte, nas críticas posteriores em outras terras. [89] Merquior, que não foi em tempo algum um seguidor do pensamento

[87] MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. p.17.
[88] MERQUIOR, José Guilherme. *O Marxismo Ocidental*. São Paulo: É realizações, 1986, p.225.
[89] CAMARGO, Sílvio César. A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978. *Em Debate*, n. 7, p. 126-

frankfurtiano, bem mais para o contrário, depois de abordar em seu livro Marcuse, Adorno e Walter Benjamin, se dedica a elaborar possibilidades na ontologia heideggeriana para os dilemas de Frankfurt. Termina o livro afirmando a superioridade do pensamento de Heidegger sobre a Teoria Crítica. Pelo final do livro ele sentencia:

> Construindo a condenação do imperialismo da técnica a partir das suas próprias bases filosóficas, o pensamento de Adorno e de Marcuse se nega a contribuir, de maneira algo mais que tópica, para essa perspectiva global de superação. No entanto, só nela será possível fugir, num mesmo gesto, ao consumo repressivo e a prostração da "intelligentsia" dilacerada entre o desânimo pessimista e as veleidades do revolucionarismo quimérico. Só nela será possível consolidar a reconquista do sentido *aberto* da existência do homem e da cultura: aberto, porque receptivo à realidade do mundo.[90]

Merquior menciona ainda que os "países do futuro" se perpetuariam na zona de dependência, como "fímbria alienada e passiva" estando fora de uma utilização vasta do uso da tecnologia moderna, discordando da ideia de afluência de Marcuse. Acrescenta que as áreas culturais do chamado Terceiro Mundo não apareceriam com qualquer contribuição caso permanecessem submetidas apenas "à magia tecnológica" do sucesso dos países avançados. Marcuse não iria além da postulação da Grande Recusa, seria, assim como Adorno, dono de um impassível e agudo pessimismo, comenta Camargo. E assim diz Merquior:

> O utopismo "pedagógico schilleriano", de Marcuse, e a amargura autofágica da estética de Adorno são repassados da consciência da preguiça da práxis, do senso de ausência de um horizonte revolucionário (...) como a revolução não se apressa, o traço messiânico se transforma em pessimismo agudo. Em todo caso, o apagamento do messianismo não se verifica só no marxismo de Frankfurt.[91]

Para o ensaísta carioca, algumas vezes apontado como parcial em suas análises, a única possível saída para o futuro do "novo Ocidente" e sua vocação, seria superar a sociedade de massa, para o que, conforme sua opinião, as reflexões de Adorno e Marcuse não colaboram.

2.3 Outras recepções – leituras anticomunistas de Marcuse

Há, ao mesmo tempo, na história da recepção brasileira de Herbert Marcuse, a preocupação de setores muito aquém de "conservadores" ou "progressistas" acadêmicos

149, jan-jul, 2012.
[90] Ibidem, p.303-304.
[91] Idem.

com a penetração das ideias do pensador alemão no país. Trata-se dos que o entendem, de modo geral, como um perigoso teórico comunista, especialmente em função da vinculação de seu nome com as manifestações de 1968, mais uma vez. Para combatê-lo, necessitavam também de compreendê-lo. Desta forma, faziam suas próprias leituras, a partir de um prisma anticomunista. São abordagens incomparáveis com as resultantes da pesquisa acadêmica, como diferentes também são, obviamente, da recepção contracultural. Nessa linha, há o livro *A volta ao mito – à margem da obra de Marcuse* (1970), de Perboyre Vasconcelos, editado pela Biblioteca do Exército em uma série chamada "Coleção General Benício".[92]

Trata-se de um autor peculiar, mesmo a internet hoje praticamente o ignora, salvo para vendas do livro em lojas virtuais. À época, entretanto, houve grande tiragem e reedição do livro, conforme se vê nos sebos eletrônicos. A obra é apresentada como uma "crítica afetiva" ou um "ato de compreensão". O religioso escritor perpassa a obra do alemão com atenção e, registra a Professora Imaculada Kangussu, que "ao tratar da irredutibilidade essencial relativa à existência de mitos, propõe como 'arautos da verdade', não os filósofos e sim os poetas"[93]. O livro se encerra com um soneto de Augusto dos Anjos. Se o texto do próprio autor tece considerações arrazoadas, oscilando com abordagens cujas tendências são de preterição ao pensamento geral de Marcuse, na apresentação do editor (não assinada) fica garantida a ordem de repúdio. São recorrentes neste prefácio referências ao pensador que reduzem seus conceitos à olhos vistos. À título de ilustração segue um único exemplo de como estão preenchidas estas páginas iniciais do livro:

> O subjetivismo de Marcuse está condicionado ao dogmatismo asfixiante do marxismo, que o impede de glorificar o humano. Desprezando a longa caminhada do homem através dos séculos, Marcuse o enquadra em sistemas ocasionais de pouca duração histórica. Surgindo a necessidade de objetivar, forja para o seu ideal humano o modelo marxista. E, por obedecer aos dogmas, silencia sobre variados aspectos da realidade, em consequência do que cria um sistema de contradições disfarçadas em roupagens míticas.[94]

Vale lembrar que o período é rico em peculiaridades exóticas. Havia uma espécie

[92] VASCONCELOS, Perboyre. *A volta do mito*: à margem de Marcuse. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970.
[93] KANGUSSU, Imaculada. *Herbert Marcuse e a Dimensão Estética, no Brasil*. 2005, p.2. Disponível em: <https://www.academia.edu/858948/Herbert_Marcuse_e_a_dimensao_estetica_no_Brasil>. Acesso em 30 jan. 2019. Texto em referência ao Congresso Internacional *Dimensão Estética*, em homenagem aos 50 anos de publicação do livro *Eros e Civilização* (1955) de Herbert Marcuse.
[94] VASCONCELOS, Perboyre. *A volta do mito*: à margem de Marcuse. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970. p.11.

de paranoia anticomunista pairando no ar, que pautava parte da direita alinhada com o poder, em que quase tudo cheirava a degenerescência moral, ou assim era divulgado. Episódios que beiravam o cômico, como esta passagem do livro do General Ferdinando de Carvalho *As sete matizes do vermelho*, também editado pela Biblioteca do Exército, que assim diz:

> Meu filho foi levado certa vez para um festival de "rock-and-roll" que terminou em uma bacanal de nudismo e perversões irresponsáveis. Participavam da festa moças e rapazes de famílias distintas. A música excitante e erótica servia para criar um ambiente de licenciosidade e depravação. Ficou demonstrado que o espetáculo havia sido organizado pelos comunistas para atrair os jovens. Todas as músicas tinham letras com mensagens políticas, instigando as pessoas a se rebelarem contra a ordem, contra o mundo, contra tudo.[95]

Tais manifestações da contracultura possuíam pretensões subversivas, algumas possivelmente com inspirações marcuseanas, mas distanciavam-se muito do comunismo, evidentemente. Esta tendência em rechaçar o que estaria entendido como adversário político por uma espécie de astigmatismo ideológico chegará à segunda década do Século XXI com deformações peculiares a este tempo de ênfase nas falácias, ou, como já dito, à era da "pós-verdade". Na continuidade das repercussões brasileiras, agora que o pensamento de Marcuse atravessou certo descanso, em que as paixões repousariam em análises distanciadas do calor dos anos de 1960-1970, quando os exames têm possibilidade de novo aprofundamento, enfrenta, juntamente com eles, ataques belicosos. A sinergia renovadora nesse sentido vem de disposições antigas diluídas em novos movimentos de tomadas do poder a qualquer custo, via democracia formal.

Um exemplo, que corre o risco de anacronismo, entretanto, para formação de uma hipótese das consequências da unidimensionalidade ao longo do tempo e por isso vale registrar, é o artigo "Escola de Frankfurt: satanismo, feiura e revolução" (2018), de Murilo Resende Ferreira. Iniciado com uma crítica ao "politicamente correto", cuja atribuição de culpa para sua disseminação chega pela seguinte frase: "o centro de onde se irradiou essa verdadeira conspiração foi o Instituto de Pesquisa Social, popularmente conhecido como a Escola de Frankfurt". O texto segue com descrições biográficas e "fatos históricos" deformados de figuras como Lukács, a quem é atribuída a fundação do Instituto, cuja a técnica de doutrinação para o comunismo só seria possível através de um movimento com características "demoníacas". Neste ponto, são desenvolvidas

[95] CARVALHO, General Ferdinando. *As sete matizes do rosa*: Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1978, p.31.

justificativas dessas práticas para o sucesso da revolução russa de 1917. Seguindo, o autor elabora mirabolantes teorias de apoios de instituições e governos ao Instituto de Pesquisa; afirma, por exemplo, que Stalin, enfurecido com o cosmopolitismo que o grupo alcançara, teria então retirado seu apoio e prossegue com afirmações que são algo mais que imprecisões. À certa altura informa:

> Uma outra grande figura do Instituto era Herbert Marcuse. Ele começou como um comunista, tornou-se um protegido de Heidegger no exato momento em que este se tornava nazista; na América serviu à OSS, o embrião da CIA, e se tornou o analista-chefe de política soviética durante o período de Joseph McCarthy; na década de 60 houve uma nova virada, e ele se tornou o guru mais importante da Nova Esquerda, e terminou seus dias fundando o Partido Verde na Alemanha Ocidental. Em tudo isso só há uma tentativa de responder à pergunta: quem poderá nos salvar da civilização ocidental? (...) os herdeiros de Frankfurt dominam completamente as universidades e treinam os alunos em seus rituais de purgação politicamente corretos. A intolerância universitária é uma implementação da intolerância libertadora de Marcuse (...) sem a destruição dessa verdadeira abominação da desolação, não será possível qualquer ressurgência da civilização ocidental em sua tradição judaico-cristã.[96]

É sabido que as descrições de Ferreira não procedem na maior parte dos apontamentos do artigo. Marcuse foi orientando de Heidegger, na habilitação para professor universitário, tese que sequer foi defendida, em período anterior a sua manifestação de apoio ao nazismo, não no "exato momento" da adesão de Heidegger ao partido nazista. Ou seja, em 1928, quando foi orientando do autor de *Ser e tempo*, não havia qualquer ligação conhecida de Heidegger com os SS. Marcuse e Heidegger rompem posteriormente, conforme já comentado aqui. Não há qualquer menção à relação propriamente intelectual entre os dois alemães. O autor menciona que Marcuse "serviu" a OSS, verbo que propõe dubiedade de sentido, quando ele lá trabalhou, sendo imigrante nos EUA, como meio de vida, antes de voltar às salas de aula. Seus outros empregos citados, no Russian Institute da Universidade de Columbia e no Russian Research, em Harvard, não o faziam "analista chefe de política soviética". Quanto ao título de "Guru da Nova Esquerda" vale dizer que é matéria por demais esclarecida que o alemão foi assim classificado, principalmente pela imprensa, em razão de suas posições, mas que tinha relações de certo distanciamento com a agremiação e não lhe agradava o título, tendo alternado tempos de apoio e de críticas às diretrizes do grupo, sem ter havido militância direta por parte dele. O filósofo não foi homem de partido, sendo desconhecido

[96] FERREIRA, Murilo Resende. *Escola de Frankfurt: satanismo, feiúra e revolução.* Disponível em <http://estudosnacionais.com/cultura/escola-de-franfkurt-satanismo-feiura-e-revolucao/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

o fato de que tenha fundado o Partido Verde alemão.

Marcuse, acusado no texto de agente da CIA, foi na verdade perseguido tanto por stalinistas (por seu livro *O marxismo soviético*) quanto por macarthistas e pelos governos norte-americano e da Califórnia. De modo que o texto de Murilo Resende vai adiante impondo outras dificuldades para a realidade histórica, concentrando mais uma bateria de acusações ao Instituto e ao filósofo, tratando-se manifestamente de uma peça desqualificante. Não obstante, o combatente e autodeclarado discípulo de Olavo de Carvalho use aqui e acolá informações procedentes que lhe conferem ares de veracidade. O autor foi cotado, no Brasil atual, para o cargo encarregado, no Ministério da Educação, da elaboração e execução do Enem, o Exame Nacional de Ensino Médio, responsável pelo acesso de milhões de estudantes à universidade pública.

Este artigo ilustra o que seja a reificação da linguagem política instrumental. É a própria unidimensionalidade despejando toda carga bélica sobre o seu denunciante, fazendo-nos lembrar outra vez do mundo de permanentes reconstruções do passado de George Orwell, do romance *1984*. Tratando-se de linguagem submetida a funcionalidade acomodadiça, que através de unificações de opostos, inverte significados e valores, conforme comentário já citado de Isabel Loureiro.

3 RECEPÇÕES ALTERNATIVAS

3.1 Tropicália, política, desbunde e os nanicos

A chegada das ideias de Herbert Marcuse ao Brasil, em sua recepção não acadêmica, tem forte predileção pelo aspecto estético distribuído em sua obra. Pois grande parte dos entusiastas de suas ideias estavam neste âmbito. Ao longo da história, conforme exposto em "Sobre o caráter afirmativo da cultura" (1965), as relações entre sociedade e cultura, útil e necessário, em oposição ao belo, têm servido para cravar a chamada "cultura afirmativa" alijada do mundo da vida, servindo de marco mantenedor para o que estiver hegemônico na cultura presente, perpetuando o espírito criativo em um campo onde apenas o que seja "mais elevado" vigore e ali o mantenha. Conforme Kangussu:

> possibilitando com isso a resignação ao assim chamado mundo real, em que tais enlevos ficam desabrigados. Dessa forma, mesmo a cultura afirmativa revelar-se-á perigosa justamente por servir de trincheira para os desejos de alteridade. O caráter afirmativo da cultura não exclui sua potência subversiva. Como indício dessa ambiguidade, será apresentada, nas obras posteriores de Marcuse, a questão da autonomia da arte.[97]

O caráter ideológico da cultura sempre implicará riscos de aprisioná-la em algum dos lados. Posteriormente, Marcuse firmará a ideia da arte como procedimento de recusa ao que está estabelecido e também contrária ao princípio de desempenho. Não obstante fosse preciso conviver com a dicotomia de não haver mimese entre a forma da arte e a realidade e, ao mesmo tempo, observar "a necessidade da dessublimação dessa forma na

[97] KANGUSSU, Imaculada. *Leis da Liberdade*: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p.23.

imediaticidade do sensível"[98]. Os imperativos da filosofia marcuseana em meados dos anos 60, diante dos ímpetos libertários que afloravam, encarnavam, entre outros sentimentos, a concepção da necessária mudança social advinda também do espectro cultural. Ainda que pareça redundante ressaltar, à esta altura, os movimentos estudantis como os movimentos artísticos de vanguardas, que surgiam e pretendiam, para além de uma mudança de comportamento, uma mudança na consciência política dos indivíduos, transformações que andavam juntas. Enquanto Marcuse escrevia *Um ensaio sobre a libertação* (1969), o mundo era sacudido pelas movimentações políticas e culturais, na maior parte das ocorrências ainda sem formatos reivindicatórios definidos. Marcuse dizia: "a obra de arte só pode obter relevância política como obra autônoma. A forma estética é essencial à sua função social"[99]. Nas manifestações de Paris era possível identificar um tom marcuseano também pelo destino incerto do que se exigia nas ruas ou pelo grito expresso de repúdio ao que não se queria mais, por seus slogans abertos. "Criticam-se todas as formas de alienação, não só a material como também a estética e a moral. Nesse sentido duplo, a palavra de ordem do maio francês foi: não mude de emprego, mude o emprego de sua vida"[100]. Situacionistas escreviam nos panfletos que "as revoluções proletárias seriam festas ou não seriam revoluções". O lúdico se sobrepondo à racionalidade, paredes e muros construindo poemas pelas pichações reunidas sobre as barricadas. Conforme Olgária Chain:

> A insurreição de maio culminou em uma última e derradeira recusa, a da morte. Morte é necessariamente uma contra-revolução (...) Necessidades instintivas e razão se reconciliam, eliminando a punição da sensualidade ou da reflexão. Influência aqui de Marcuse e seu *Eros e civilização*. Em um de seus ensaios escreve: "se o medo e a destrutividade são paixões subjacentes aos autoritarismos, Eros pertence à democracia.[101]

Registremos que a movimentação parisiense e de outras partes coloca na rua, pelos "comportamentos alternativos", técnicas de comunicação que fundam códigos, em uma tentativa de desmantelar, conscientemente ou não, a reprodutividade técnica da informação, contra a padronização da indústria cultural. Este aspecto nos é caro pela hipótese levantada de que a linguagem seja ferramenta de combate tanto para a unidimensionalidade ativa, quanto para o descontente mavórcio, sendo ainda um aspecto

[98] Ibidem, p.222.
[99] MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70, 1977, p.54.
[100] MATOS, Olgaria Chain Féres. Tardes de maio. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p.182.
[101] Ibidem, p.183.

da cultura que se refletirá no comportamento social e na criação artística. Entretanto, as "barricadas do desejo", a "ludicidade" dos franceses diante dos movimentos brasileiros, sob a repressão do autoritarismo, parecem não se harmonizarem em uma mesma imagem. Não havia mortos a serem recolhidos no 11 de maio de Paris. No Brasil de 1968, sob estado de sítio, as manifestações seguiam debaixo do peso da repressão, em suas multiplicidades, tendo internamente como ponto comum a luta contra a ditadura, porém sob formas variadas, conforme já exposto. Parece-nos, contudo, injusto julgar o movimento francês pela falta de sangue nas ruas e porões, visto que a rebelião era pela vida e acontecia pela alegria.

Marcos Napolitano registra que, entre 1964 e 1968, houve no Brasil uma relativa liberdade de expressão, artistas e intelectuais de esquerda ainda se manifestavam, até certo grau de incômodo para os donos do poder. Causando perplexidade, setores que apoiavam o autoritarismo, chamarão posteriormente esta primeira fase da ditadura de "ditabranda". Nesta fase, a prioridade do governo auto empossado era perseguir os quadros do regime deposto e quebrar os elos entre ativistas políticos e culturais de esquerda, além dos movimentos populares. Para tal não precisavam esperar o AI-5. Prisões e torturas desde o dia do golpe eram sofridas por ativistas políticos e culturais, operários e camponeses. Ainda com Napolitano,

> a cultura de esquerda produzida e consumida pela classe média intelectualizada, poderia se manifestar desde que se limitasse aos espaços autorizados, quase sempre circuitos mercantilizados, vigiados pela censura (ainda não tão implacável), e moderasse seu conteúdo crítico, diluindo-o em imagens metafóricas e generalizantes. Mesmo com essa relativa liberdade, é um mito dizer que não houve censura até o AI-5. No teatro e no cinema, sobretudo, a censura foi bem atuante. Entretanto, nada próximo ao que ocorreria depois do fatídico 13 de dezembro de 1968.[102]

Os artistas e intelectuais brasileiros, ainda não cooptados pela indústria de mercado ou pelo sistema universitário, já tinham, porém, alguma importância para o mercado cultural, paradoxalmente mantido pela arte e cultura de esquerda, principalmente na música popular, nos lembra Napolitano. Salientando a redundante característica de que o Estado, no governo militar, atuou forte e crescentemente pelo "anti-intelectualismo" - peculiaridade ainda de sazonal nostalgia dos que governam contra a população.

Renato Tapajós defende que a experiência do processo criativo no Brasil nestes anos tanto foi condicionada e cerceada pela ditadura militar, que compôs uma trilha

[102] NAPOLITANO, Marcos. *Coração civil*: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985). São Paulo: Intermeios, 2017, p.62-63.

completamente diferente. Seriam resultados de um processo anterior, decorrente de manifestações dos anos de 1950. A Bossa Nova e o Cinema Novo são gerados nesse período e se prolongam nos anos seguintes. No teatro há "uma verdadeira revolução". Diz Tapajós que "em 1968 tudo isso se cristaliza com o ascenso do movimento estudantil e toda uma série de outras manifestações populares que marcam o período"[103]. A questão é que, na Europa, as criações estéticas puderam se desdobrar. Já no Brasil, se transformaram em atividades clandestinas, opina o comentarista. Além da censura, que impedia o encontro de artistas com o público, houve ataques diretos, como a agressão do Comando de Caça aos Comunistas invadindo teatros e espancando atores, por exemplo.

Nos anos de 1970, houve um esvaziamento da "cultura de esquerda", ao mesmo tempo em que acontece sua inserção na cultura de massa. Havia uma discussão acerca da arte engajada e o que seria a separação entre a "boa cultura" e a "cultura alienada". Em decorrência disso, emerge o tema das "patrulhas ideológicas", termo cunhado pelo cineasta Cacá Diegues, cujas obras mais repercutidas não estavam alinhadas com o cinema novo[104] (ainda que o maior expoente do cinema novo, Glauber Rocha, tenha defendido os filmes de Cacá, diga-se). O cineasta publicou texto apontando o que chamou de "cesura de esquerda", provocando longa discussão. De modo que arte e política, nessa longeva discussão, ajudam a trazer ares de crise para a cultura de esquerda no país. Outra vez com Napolitano, que nos relata acerca do assunto:

> nossa hipótese é que o caso das "patrulhas ideológicas" foi um sintoma dessa crise maior que marcou o fim de um ciclo de engajamento artístico que se iniciou no final dos anos 1950, embora represada devido ao contexto de repressão política da era AI-5 (...) A primeira característica (da relação arte e política) é a tentativa de articular a expressão estética nacional-popular e as premissas do modernismo, buscando conciliar vários elementos expressivos oriundos de três tradições culturais distintas: a "cultura popular" praticada por negros, índios e mestiços (...); a tradição culta e letrada (...) e as vanguardas históricas, surgidas no início do século XX na Europa e incorporadas pelo movimento modernista brasileiro que se formalizou em 1922.[105]

A arte engajada brasileira era o projeto de uma estética nacionalista e anti-imperialista na busca de uma forma cosmopolita e contemporânea, sem descarte de uma folclorização. Essa expressão sendo forjada em um mercado cultural paradoxalmente

[103] TAPAJÓS, Renato. Influências de 1968 na criação artística. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p.159.
[104] NAPOLITANO, Marcos. *Coração civil*: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985). São Paulo: Intermeios, 2017.
[105] Ibidem, p.240.

alargado a partir dos anos de 1960. No entanto, uma certa tensão se criava entre o dirigismo partidário e a liberdade de expressão e criação, no período demarcado (ainda que estes não tivessem absoluto controle dos artistas ligados ao partido). Já em 1962, com o manifesto do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), diretrizes que tocavam verdadeiramente na liberdade de criação são lançadas, propondo o que seria uma "arte popular revolucionária". José Miguel Wisnik, conforme Marcos Napolitano, entendeu o radicalismo cultural de então como "produto de uma crise política, sob as ruínas do populismo, entre os setores "ortodoxos' da esquerda, ainda preocupada em retomar o lugar do artista como arauto do "Povo-Nação", cuja grande ameaça era o 'vazio" da censura e o formalismo das vanguardas".[106] O desenvolvimento polêmico entre questões de liberdade de criação e arte engajada se desdobrará em muitas vertentes, inclusive na contracultura, vocacionalmente voltada para os espaços libertários, em que circulavam entusiastas da recém-aportada filosofia de Herbert Marcuse, cujas as críticas contra os modelos engessadores da criatividade estavam entrando nas discussões desses meios.

Heloísa Buarque comenta em seu *Impressões de viagem* (2004) que em um primeiro momento (1964-1968), a intelectualidade socialista, na espera de prisões, desemprego e exílio, é poupada. A repressão atuou nessa hora principalmente contra aqueles agentes que tomaram contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Naquela ocasião, foram cortadas as relações do movimento cultural com as massas, quando surpreendentemente, mesmo com restrições, ainda circulou por algum tempo o ideário esquerdista. Diz a pesquisadora:

> O efeito principal do golpe militar em relação ao processo cultural, não se localizou, num primeiro momento, no impedimento da circulação de produções teóricas e culturais de esquerda. Ao contrário, como mostra Schwarz, no período imediatamente posterior aos acontecimentos de 64, "apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país". Esta anomalia será, segundo o mesmo Schwarz, o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 64 e 69. Mas se a circulação dos ideários e das manifestações culturais patrocinadas pela esquerda não é impedida, ela será, todavia, bloqueada em seu acesso às classes populares.[107]

Em meio a movimentação cultural situada entre disputas ideológicas e suspiros finais da relativa, mas já precária liberdade, outros grupos articulam fora das linhas ortodoxas, que defendiam majoritariamente um engajamento da arte necessariamente

[106] Ibidem, p.243.
[107] BUARQUE, Heloísa. *Impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p.34.

como objeto de luta, muitas vezes a seguir diretrizes alheias à liberdade inerente da criatividade, ideias de uma visão "evolutiva". Guilherme Granato relata que ainda em 1966 a revista *Civilização Brasileira* promove um debate refletindo o panorama cultural e político. Durante o evento, o compositor Caetano Veloso declara que a música brasileira "se moderniza e continua brasileira", aproveitando-se da compreensão da realidade do país, isto traria algo novo. Para ele somente uma *linha evolutiva* indicaria a retomada de uma "organicidade para selecionar e ter um julgamento de criação". Granato aponta a expressão usada por Caetano como característica própria da cultura ocidental e da modernidade, e que o conceito se assenta na noção de ruptura, contraditoriamente, pois supõe uma noção de "tradição da ruptura", referindo-se ao termo cunhado por Octavio Paz. Pois é justamente sobre este paradoxo que se desenvolveu a tradição moderna, sob o motor da crítica, sentencia o autor, que completa: "A crítica põe todo princípio em suspenso e constitui-se como fundamento de um impulso que não enxerga outro horizonte a não ser o da perpétua transformação"[108].

Ainda com Granato, a canção popular em seu "duplo caráter" (repositório da tradição e produto da modernidade) e sendo expressão representativa de um país periférico e em formação, como o Brasil, justamente por essa condição fronteiriça, justificaria a inserção "evolutiva". É possível que esta declaração de Veloso tenha sido o primeiro sinal do que viria a fazer com seus parceiros.

Os que acreditavam na música popular como arma de contestação ao regime e buscavam manter a estética nacionalista, viam também a necessidade de ampliar seu público. Para isso o caminho era usar dos procedimentos da indústria cultural em ascensão. O impasse se apresentava para além do aspecto estético. Por seu lado, entre a modernidade e a tradição, Veloso ficaria com as duas mais a indústria cultural. Para o baiano, conforme sua argumentação comparativa, "a expansão do samba para além dos morros cariocas nada mais é que um segundo momento da expansão dele em relação às fronteiras do estado da Bahia".[109]

Em um salto temporal, depois de vinte anos da publicação original de *Verdade tropical* (1997), o livro de Caetano Veloso foi relançado com um novo capítulo ("Carmen Miranda não sabia sambar"). Esse novo capítulo traz uma curiosa explicação para o título que dera a obra. Revela o autor que pretendeu chamá-la de "Boleros e civilização", em

[108] GRANATO, Guilherme. *Das vanguardas à tropicália*: modernidade artística e música popular. Curitiba: Appris Editora, 2018, p.73.
[109] Ibidem, p.77.

uma alusão ao *Eros e civilização* de Marcuse, um velho trocadilho de Caetano dede 1968, fato que não aconteceu por influência do editor norte-americano que acreditava que ninguém mais pensava em Marcuse nos Estados Unidos.[110] O livro que finalmente foi batizado de *Verdade tropical*, em referência ao bolero "Vereda tropical", aponta, a certa altura, que pouco tempo depois de ter escrito a canção *Tropicália*, assiste ao espetáculo *Rei da vela*, de Zé Celso Martinez. Percebe então o compositor que havia "um movimento que transcendia o âmbito da música popular". A peça era dedicada a Glauber Rocha pela "capacidade de responder à realidade da época que o Cinema Novo exibia e de que o teatro estava carente". Para Caetano tudo isso confirmava o que queria fazer na música, tendo entre outros subsídios, Oswald de Andrade e sua visão erotizada da política, além da revelação de "conteúdos tabus da realidade brasileira"[111], elementos revelados no espetáculo montado por Zé Celso. Registremos que vai dizer também que o Oswald poeta iria lhe impressionar muito mais, futuramente.

O livro *O estruturalismo e a miséria da razão* (1972), do também baiano e ex-colega de faculdade de Veloso, Carlos Nelson Coutinho, que a partir de Lukács questiona o racionalismo burguês da filosofia ocidental ameaçado pela "irracionalidade" e também pelo "super-racionalismo", lido por Caetano, o impressionou sobremaneira, a ponto de achar que a "carapuça" lhe servia. O compositor, se vendo rejeitado por "sociólogos nacionalistas da esquerda" e pelos "burgueses moralistas da direita", foi então atraído por "irracionalistas". Cita entre estes Zé Agripino, Zé Celso e Jorge Mautner. Entretanto, narra que sofre igual atração pelos "super-racionalistas" poetas concretos e músicos do dodecafonismo, conforme classifica o baiano. Esta variada composição de influências, estaria reunida, como pensava o autor de *Alegria, alegria*, pela figura de Oswald de Andrade, que antes de Zé Celso já estaria sendo "ressuscitado" pelos poetas concretos. Para completar esta paleta colorida esboçada por Caetano, se juntaria também o que já eram "os tropicalistas", que viriam engolir "antropofagicamente" a cultura universal.

A inquietação de um novo grupo de artistas começa a se manifestar a partir da desconfiança dos mitos nacionalistas e do discurso militante do populismo. Essa independência rapidamente provoca a antipatia e a até a ira de outros artistas. A Tropicália tem maior visibilidade pela música, mas nas artes plásticas, como no teatro e na poesia está representada por artistas que perceberão os impasses do processo cultural brasileiro, opina Heloísa Buarque:

[110] VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. Edição comemorativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
[111] VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.244.

> Recebendo informações dos movimentos culturais e políticos da juventude que explodiam nos EUA e Europa – os *hippies*, o cinema de Godard, os Beatles, a canção de Bob Dylan -, esse grupo passa a desempenhar um papel fundamental não só para a música popular, mas também para toda a produção cultural da época, com consequências que vêm até nossos dias.[112]

Sobre a canção "Alegria, alegria", acompanhada de guitarras elétricas, Augusto de Campos vai dizer que a fragmentada obra tem uma "letra-câmera-na-mão, colhendo a realidade casual, a realidade urbano-industrial da modernização brasileira"[113] (Campos alude à fala de Glauber Rocha acerca de seu cinema). A canção inaugural do Tropicalismo já traz as principais marcas que irão vigorar no movimento, novamente com Buarque, elas seriam: a crítica à *intelligentsia* de esquerda, a inteiração com os canais de massa, distanciamento do bom comportamento (cênico ou existencial), o alegórico e a crítica comportamental, além da desconfiança nos projetos de tomada do poder. Entra em cena algo que vai lidar com a "realidade concreta das massas urbanas", com boleros, *rock´n´roll*, baião e berimbau, minando e devorando por dentro, através de seus meios de comunicação uma indústria cujas subjetividades não lhes pareciam suficientes. Enfim, em uma atualização da linguagem, o Tropicalismo seria a expressão de uma crise. Vale reforçar que, décadas antes, Oswald de Andrade propunha a contaminação da cultura com tudo que nos cerca, de modo semelhante ao Tropicalismo, na expressão e compreensão do país, com o *Manifesto Antropófago* e depois com o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, bebedouros da tropicália.

A polarização ideológica que circundava os movimentos culturais, diante da alegoria explícita dos tropicalistas suscita críticas em muitos tons. Uma delas parte de Roberto Schwartz, para quem a acomodação entre crítica social e "procedimentos formais vanguardistas que dialogassem com os meios de massa", possuía ambiguidades no que chamavam de modernização, cujas linhas que separavam "sensibilidade e oportunismo" e "crítica e integração", eram por demais tênues, para Schwartz. Para o intelectual, nas palavras de Granato:

> A ambiguidade e agressividade das imagens tropicalistas não são vistas como uma estratégia eficiente no sentido de impelir a interpretação crítica do receptor, mas como um equívoco de formatação que tende a afirmar os anacronismos da condição nacional como irremediáveis. Schwartz sustenta que, ao registrar o atraso nacional a partir de procedimentos referenciados no estágio internacional de desenvolvimento técnico e de linguagem, os tropicalistas favorecem uma percepção deturpada da condição nacional, que

[112] BUARQUE, Heloísa. *Impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004, p.61.
[113] Ibidem, p.62.

> ignora sua dimensão histórica e estabelece uma impressão de inviabilidade crônica para o Brasil.[114]

De volta ao *Verdade tropical*, vale a pena conferir a atualidade de Caetano Veloso (mesmo atravessadas mais duas décadas da publicação do livro) sobre a vivência do movimento cultural do qual permanece como ícone mais destacado. Realçando a influência de Oswald de Andrade na experiência tropicalista, ele vai dizer:

> O segundo manifesto, o *Antropófago*, desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou, nas palavras de Haroldo de Campos, "assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com as qualidades locais ineludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num conforto internacional, como produto de exportação". Oswald subvertia a ordem de importação perene – de formas e fórmulas gastas – (...) e lançava o mito da antropofagia, trazendo para as relações culturais o ritual canibal. A cena da deglutição do padre d. Pero Fernandes Sardinha pelos índios passa a ser a cena inaugural da cultura brasileira, o próprio fundamento da nacionalidade. (...) A ideia do canibalismo cultural servia-nos, aos tropicalistas, como luva.[115]

Na quebra de valores e paradigmas epistemológicos vivida nos anos de 1960, com a radicalidade da geração que os protagonizaram, sobretudo nas mudanças comportamentais e genericamente culturais, teria ficado, como atesta Heloísa Buarque em uma palestra para o seminário *Olhar sobre a cidade*, o "empenho político" e o compromisso com a "negatividade crítica". Que a despeito de fortes pessimismos analíticos posteriores, a experiência teria sido, nas palavras da pesquisadora: "dilatada experimentalmente em todos os seus limites, dando lugar à clássica definição dos movimentos jovens da época de Marcuse (outro ícone da época): a Grande Recusa".[116]

Era um tempo em que transformações sociais profundas pareciam estar ao alcance das mãos, intelectuais e artistas, como lembra Ridenti (2009), eram agentes que "politizavam a estética e estetizavam a política: fundiam-se arte e vida"[117]. Contudo, caberia perguntar que efetividades haveria na área estética e artística brasileiras as palavras de Marcuse. Uma delas é a Grande Recusa via cultural, que influencia a partir

[114] GRANATO, Guilherme. *Das vanguardas à tropicália:* modernidade artística e música popular. Curitiba: Appris Editora, 2018, p.120.
[115] VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.244.
[116] BUARQUE, Heloísa. *Olhar sobre a Cidade*. 2018. Disponível em <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/olhar-sobre-a-cidade/>. Acesso em: 30 jan. 2019.
[117] RIDENTI, Marcelo. Breve recapitulação de 1968 no Brasil. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p.82.

da arte, por sua vez afetada pelas movimentações globais, em que o filósofo, direta ou indiretamente, aparece denunciando as precariedades da vida, em seus aspectos políticos ou com interferências teóricas diretas na estética. À época da apresentação do espetáculo *Gracias, señor* (1972)[118], Zé Celso Martinez Correa, do resistente Teatro Oficina, responde à crítica de Sábato Magaldi, esse texto foi publicado em veículos de comunicação e também mimeografado e passado de mão em mão. Correa, à certa altura, rebatendo o bom mocismo da crítica recebida pela peça, dispara:

> eles não podem compreender a razão experimental galilaica, a da pesquisa ou razão sensual marcuseana e como detestam seu corpo, seu próprio cérebro, não concebem como corpos com capacidade de informação. Se seu tato, seus olhos vêem coisas, é preciso conferir nas fórmulas antes de arriscar à experiência (...) a mutação é muito difícil, de uma consciência aprisionada e aprisionadora, ela imediatamente identificará no novo a bruxaria, o desconhecido, o irracional, pois o entendimento do novo implica sempre na construção de uma razão nova, numa percepção aberta, viajante, participante, disposta a tudo, a erros e a desvios de caminhos (..) O Oficina surge com uma proposta nova, a de ser examinada por uma razão nova juntamente com quem está propondo ou não se vai ver nada (...) Nesse trabalho, não somos somente nós que estamos nos discutindo, mas estamos nos discutindo e discutindo nosso público e nossos críticos. Não estamos discutindo a nós enquanto função social, mas todas as funções sociais correlatas.[119]

O trabalho do Grupo Oficina implica provocação para o que é novo, como é sabido. O seu "fazer" é revelação de um "incógnito", como Zé Celso mesmo diz, é ainda exercício de descoberta e uma função da arte dentro da "sociedade em mutação". O caráter transcendente e ao mesmo tempo concreto das montagens do grupo, sob a direção de Martinez, parece a expresso serviço da "nova sensibilidade" apontada por Marcuse. De maneira que o ato criativo possa invadir até o impensado, com a energia capaz de atacar também seus próprios pressupostos, reconstruir os sonhos, mesmo que nos objetos artísticos haja algo de impenetrado pelo próprio autor. No mínimo, o ato artístico ou político, misturados ou não, abrindo espaços libertários renderão a não-naturalização da situação opressora hegemônica, além de contribuir para afundar a aposta neoliberal de demonização das revoluções para destruir o entusiasmo subversivo.

A repercutida artista plástica Ligia Clark (1920-1988) recebeu em Paris, ainda no ano de 1968, carta de Hélio Oiticica (1937-1980), outro artista que ganhou prestígio

[118] GRACIAS, Señor. In: ECICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. Disponível em: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento393561/gracias-senor>. Acesso em: 19 de Jan. 2019.

[119] CORREA, José Celso Martinez. Carta aberta a Sabato Magaldi, também servindo para outros, mas principalmente destinada aos querem ver com os olhos livres. In BUARQUE, Heloísa. *Impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. p.216.

internacional através de suas ousadas experimentações, além de ter-se tornado referência do Tropicalismo em seu forte braço nas Artes Plásticas. Nesta carta, Oiticica, o criador dos Parangolés, recomenda fortemente para Clark a leitura de *Eros e civilização*. O artista reforça a sugestão ao dizer que as ideias do filósofo encontrariam afinidades importantes com as de Ligia, que responde com entusiasmo que seguirá a recomendação.[120] Hélio, um entusiasta de Marcuse, já manifestara essa identidade e influência; a consciência do filósofo acerca da função não alienante da produção artística. Sua discutida posição sobre a automarginalização no que podemos tratar de re-alienação para desalienar encontra respaldo no pensamento de Marcuse no que se refere à posição social crítica do artista.

Na mitologia utilizada por Marcuse, o herói cultural do esforço laborioso e do progresso pela repressão é Prometeu. Seus opostos são Orfeu e Narciso, fora da lógica da dominação e recusando o mundo prometeico. Com esses últimos, outros princípios seriam o modelo, pelo cruzamento de fantasia e realidade que conduziriam, sob a égide da fruição e da alegria, em uma outra razão. Neste ambiente o canto estará no lugar do que era só comando e razão. Conforme Kangussu, em diálogo com a autora paulista Gilda de Melo e Souza, que vai a esses mitos para compreender Macunaíma, o herói sem caráter de Mário de Andrade, a dúbia personagem do modernista oscila entre os valores que simbolizam Prometeu e Narciso-Orfeu. Inscrito ora em um polo, ora em outro. Ainda nos lembra a professora que:

> No final da década de 70, também Glauber Rocha, ao escrever sobre "*Tudo Bem* – o Filme de Arnaldo Jabor", recorre a dupla de mitos para advertir que, "o Artista penetra no Espelho em busca de Narciso/Orfeu, deuses da Beleza (eternidade) ou se dilacera na redoma"; na película em foco, "a tradição é rompida, o Espelho é invadido. Narciso/Orfeu libera novas formas significantes de uma dialética estrutural sociológica-historicamente classificada.[121]

Entre as curiosidades da recepção de Marcuse no Brasil, há o registro de Nuno Veloso, cuja biografia, registrada no *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*,[122] a cada passo encontramos uma informação preciosa. Cantor, compositor e

[120] CLARK, Lygia; OITICICA, Hélio. *Cartas 1964-1974*. Org, Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1996.

[121] KANGUSSU, Imaculada. *Herbert Marcuse e a Dimensão Estética, no Brasil*. 2005, p.2. Disponível em: <https://www.academia.edu/858948/Herbert_Marcuse_e_a_dimensao_estetica_no_Brasil>. Acesso em 30 jan. 2019.

[122] *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. A carreira musical de Nuno Veloso pode ser assim resumida: Gravou, em 1960, pela RCA Victor, o samba "Brasil, ciência e arte", de autoria de Cartola e Carlos Cachaça. Por essa época, juntamente com Cartola, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti, Elton Medeiros e Jorge Santana, formou o grupo "A Voz do Morro" que se apresentou uma única vez em um programa de televisão, desfazendo-se logo depois. Em 1968 o grupo Os Cinco Crioulos (Paulinho da Viola, Nélson

filósofo, este personagem participa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro da "Amostra da Cultura Brasileira", em 1968. Consta que era da Mangueira e morou com Cartola. Vindo do Ceará ainda criança para o Rio de Janeiro, teve Dona Zica como babá (antes de Cartola). Era descendente de José Linhares, ex-presidente da República. Entre 1957 e 1960, foi presidente da Ala de Compositores da Mangueira. Nuno estudou no Colégio Pedro II e manteve contato constante com Dona Zica e Cartola, seu parceiro na composição de diversos sambas. Formou-se em Filosofia e fez mestrado em Filosofia da Arte na Inglaterra, em sua volta estudou direito e foi redator na revista *A Ordem*, dirigida por Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. Nuno participou do primeiro disco dos sambistas da Mangueira (*Aí vem a Mangueira*), "participou da gravação, mas não apareceu na capa, era um dos componentes de "Os 5 Crioulos" [123]. (Os outros componentes eram Paulinho da Viola, Nélson Sargento, Elton Medeiros, Anescarzinho do Salgueiro e Jair do Cavaquinho). Contratados para gravação do disco, verificou-se que a tez de pele de um dos componentes não coadunava com o nome. O filósofo participa das gravações, mas não figura na capa. Há também controvérsia quanto ao número de componentes ao longo do tempo. Foi também do "A voz do morro", com Zé Kéti e Elton Medeiros. Nuno acaba mais assíduo na academia que no samba. Fez doutorado na Alemanha (*Freie Universität*). Quando volta torna-se professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), "nos tempos mais vanguardistas da Escola". Sobre esta passagem de Veloso por Berlin, como lembra Kangussu, o jornalista Roberto Moura registra que na Alemanha: "tornou-se assistente de um filósofo mundialmente conhecido

Sargento, Elton Medeiros, Anescarzinho do Salgueiro e Jair do Cavaquinho) gravou no LP "Samba... no duro - volume II", pela gravadora Odeon, uma composição de sua autoria, "Desculpar, não desculpei" (c/ Elton Medeiros). No ano seguinte, no LP "Samba... no duro - volume III", o mesmo grupo interpretou de sua autoria "Aquela nega", também em parceria com Elton Medeiros. No ano de 1973, Elza Soares interpretou, de sua autoria, "Festa da vinda" (c/ Cartola), música que Cartola incluiria, no ano seguinte no LP "Cartola", pelo selo Marcus Pereira. Maria Creuza, em 1975, interpretou "Soldado do amor", parceria sua com Cartola. Nesse mesmo ano, Elza Soares regravou "Festa da vinda". No ano seguinte, Renata Lú incluiu, no LP "Sandália de prata", a música "Arremedo de um nada" (c/ Cartola). No ano de 1977, pela RCA Victor, Cartola gravou "A canção que não chegou", parceria de ambos. Dois anos depois, sua composição em parceria com Cartola, "Senões", foi gravada pelo próprio parceiro em disco pela RCA Victor. Em 1980, Cartola regravou "Soldado do amor" e, em 1982, regravou "Senões" em disco lançado pela Eldorado. Em 1984, produzido pela Funarte, foi lançado o LP "Cartola entre amigos", disco no qual também participaram Creusa (filha adotiva de Cartola com Deolinda), Dona Neuma, Padeirinho, Monarco, Doca da Portela, Nadinho da Ilha, Cláudia Savaget, Paulo Marquês e o próprio Cartola com gravações recuperadas. Neste disco interpretou "Rolam nos meus olhos", parceria com Cartola. Na década de 1990 o disco "Cartola entre amigos" foi relançado em CD pela gravadora Atração Fonográfica. No ano de 1997, "A canção que não chegou" e "Senões" foram incluídas no CD "Cartola", da Coleção "Grandes Mestres da MPB", da gravadora BMG. No ano de 2002 foi lançado o livro "Velhas histórias, memórias futuras" (Editora Uerj) de Eduardo Granja Coutinho, livro no qual o autor faz várias referências ao compositor.

[123] KANGUSSU, Imaculada. *Herbert Marcuse e a Dimensão Estética, no Brasil*. 2005, p.3. Disponível em: <https://www.academia.edu/858948/Herbert_Marcuse_e_a_dimensao_estetica_no_Brasil>. Acesso em 30 jan. 2019.

e cuja obra teria enorme repercussão no desbunde dos anos setenta: Herbert Marcuse".[124]

Enquanto corporações e Estados inventam e difundem falsas necessidades e a perpetuação de mercados e comportamentos, que tenderão sempre para o consumo imediato e repetido, principalmente de bens frívolos e fetichescos, entre eletrodomésticos e arte alienada, esta reificação provocando a funcionalidade e retroalimentação do sistema, suscitam também rebeldias. Essas passam por sentidos éticos e morais, visto que, mesmo nos termos da máquina consumista, há exclusão. Ainda que em sua heterodoxia o protesto possa vir desarticulado, pois o mundo alienado garante a aparente relativização das classes sociais, portanto, exclui também a luta através de classes. A dificuldade para uma oposição entre os meios contaminados, abre espaço de luta por veredas antes não imaginadas para tal finalidade, embora o espírito de deboche seja tão antigo quanto o domínio. Vai nos dizer o pesquisador Paulo Irineu B. Fernandes:

> Essa impossibilidade abre espaço para as diversas maneiras a partir das quais a revolta pode se manifestar e demonstrar o seu desprezo pelo "espírito de seriedade" da política institucionalizada, como a sátira e a ironia, que se tornam uma dimensão necessária da nova política (...) entre os exemplos, podemos citar o "Provos", na Holanda e o brasileiro "Pasquim".[125]

Outros veículos havia como esses, além das inúmeras manifestações da contracultura em variadas linguagens mundo afora. Há pouca pesquisa propriamente sob a ótica do Desbunde, estas normalmente vistas como teoricamente impróprias. A diferente apropriação revela uma leitura de pressupostos a partir da realidade cotidiana de parte de uma geração que ao mesmo tempo em que buscava uma transformação cultural, contestando valores e costumes tradicionais, sob a égide ditatorial, conforme nossas exposições, vislumbravam atos políticos mais abrangentes. Portanto, fora do âmbito acadêmico e do rol tradicional da difusão de informação, a imprensa alternativa configurou-se, inclusive para recepção da obra de Marcuse, como importante meio de circulação desse tipo de leitura.

Coutinho justificara a não gratuidade da inscrição do alemão na contracultura tupiniquim, ainda que à revelia daquele, como já discorremos. Não teria sido casual que a contracultura brasileira dos anos de 1970 se tenha valido abertamente das ideias de Marcuse, principalmente sob formato de crônicas publicadas no semanário *O Pasquim*. Posteriormente, o comentador irá apontar que as abordagens 'orientalizadas" não anulam

[124] Idem.
[125] FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. Herbert Marcuse e as imagens da libertação. *Educação e Filosofia*, v. 26, n. 52, p.527-549, jul.-dez. 2012, p.530.

a importante influência de seu papel no florescimento do irracionalismo brasileiro dos anos de 1970, advindos originalmente do autor de *Eros e civilização.* Era o mais acessível contato (muitas vezes inaugural) estabelecido dos já simpatizantes do frankfurtiano com comentários acerca de sua obra, tanto da esquerda tradicional, quanto da contracultura. Lembremos que o intelectual acadêmico Leandro Konder leu Marcuse a partir de interlocuções diretas com Luiz Carlos Maciel, o autor da coluna "Underground" de O *Pasquim*.

3.2 Marcuse Boy (um guru de segunda mão?)

A imprensa alternativa, também conhecida como "imprensa nanica", no Brasil surgiu como fenômeno comunicacional do final dos anos de 1960 e teve grande importância durante o período ditatorial, como veículo do dissenso ao regime. Ela foi não só um fenômeno jornalístico, foi também um fenômeno político.[126] Outra característica que a diferenciava dos veículos tradicionais era a linguagem, com inovações estéticas e temáticas. O inconformismo político transita em alguma escala pela forma dos discursos. Linguagem de resistência à fala de doutrinação e dominação do mundo unidimensional denunciado pelo filósofo alemão.

O primeiro e mais longevo alternativo foi justamente *O Pasquim*, publicado no Rio de Janeiro, que teve início em 1969 e seguiu nas décadas de 1970 e 1980, com grandes tiragens e ampla distribuição. O semanário, em seus primeiros anos, congregava um grupo mais heterogêneo e plural, apresentava-se simultaneamente como um periódico de esquerda e contracultural.[127] Responsável pela coluna "Underground", Luiz Carlos Maciel, gaúcho, filósofo de formação, jornalista, homem de teatro e televisão, ator principal do curta-metragem de Glauber Rocha, *A cruz na praça*, que viveu nos Estados Unidos e em Salvador, teve o papel de mediador na divulgação do pensamento e das práticas da chamada contracultura. Sobre o semanário, que começou como um jornal de bairro em Ipanema, Rio de Janeiro, e sobre Maciel, Bernardo Kucinski diz:

> Como o pioneiro da imprensa underground americana, o Village Voice, fundado no bairro boêmio de Nova York em 1955, O Pasquim propagou, a partir daquela compacta zona intelectual-boêmia do Rio, uma contracultura, alternativa tanto à cultura da ordem estabelecida como à cultura oficial de esquerda. Uma contracultura sintetizada no conceito do "anticaretismo, do repúdio ao conformismo, a tudo o que fosse conservador, repressor e

[126] KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 2003.
[127] Ibidem.

> inautêntico", no sentido, segundo Luís Carlos Maciel, da "existência inautêntica" definida por Sartre.[128]

Alcunhado de *Marcuse Boy*[129] pela intelectualidade marxista e recorrentemente chamado de "guru da contracultura", ele apresenta sua leitura da obra de Marcuse (e outros pensadores, como Wilhem Reich, Norman O. Brown e Marshall McLuhan). Em suas crônicas, ele descreve o filósofo alemão como um decifrador de experiências nas quais a sensibilidade do indivíduo é levada em conta. Questões como a "dessublimação repressiva" não escapam às suas análises. Ratificava a necessidade de ações políticas para problemas políticos, sem deixar de observar a gênese marcuseana entre Freud e Marx. Maciel, que também é fundador da revista *Flor do mal*, que ao contrário do *Pasquim* não surgiu em uma mesa de bar, mas dentro da cadeia, quando estavam presos pelas atividades no jornal, e depois foi ainda redator da *Rolling Stone* brasileira, era uma voz diferenciada dentro do veículo, que embora contenha expressões pouco comuns para época, com vocabulário despojado, traz, entre outros aspectos, temas comportamentais e filosóficos. A coluna é uma reserva de outras vozes dentro do próprio jornal, cuja abordagem de temas políticos, muitas vezes seguia uma linha um tanto tradicional dentro do pensamento da esquerda. Não obstante, o humor permeasse o coro geral d'*O Pasquim*. Portanto, o periódico abrigou em concomitância temas convencionais de política, sempre em abordagens irônicas, com a coluna *Underground* indo além, discutindo questões, entre outros motes, como o caráter polimórfico da "ressexualização" pela "racionalidade libidinal". De novo com Kucinski, "o *Pasquim* revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro, instituindo uma oralidade que ia além da mera transferência da linguagem coloquial para a escrita do jornal"[130].

Naturalmente, o periódico atraiu a repressão da Segurança Nacional como um instrumento subversivo a fim de destruir a família brasileira. Então, como era comum, aquilo foi tratado como um campo "privilegiado" de disseminação comunista aos olhos e falas da repressão. Desde então, como em outros semanários, *O Pasquim* foi submetido à censura prévia e logo depois a censura vai passar diretamente para o Exército. Já era, portanto, um tempo de resistência aguda. Luiz Carlos foi preso juntamente com outros membros do jornal em 1970 pelas autoridades militares, ficando dois meses na Vila

[128] Ibidem, p.209.
[129] MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte:* Rio de Janeiro: Codecri: 1981, p.236.
[130] KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 2003, p.210.

Militar. Comenta Kucinski:

> Essa tese (comunista) decorria naturalmente da doutrina de Segurança Nacional, que via a imprensa como um campo privilegiado de infiltração comunista, e do uso do puritanismo como arma de contra-arrestação ideológica. Em setembro de 1969, a Junta Militar havia introduzido Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória em todos os graus e escolas do país. E em fevereiro do ano seguinte, baixava o Decreto-Lei 1.077, que reintroduzia a censura prévia de caráter político como uma extensão da censura de costumes em espetáculos e diversões, "considerando que as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes obedecem a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional". O Pasquim respondeu ao decreto em editorial didático, desmontando o raciocínio que tentava ligar liberalidade e modernidade de costumes ao comunismo internacional.[131]

Maciel deixou o jornal por discordâncias com o pessoal do semanário, pois, segundo ele, "o grupo só admitia um tipo de comportamento político e social.[132] Tendo havido prisões e conflitos internos, o jornal fecha. Para Luiz Carlos Maciel, sem o entendimento social, político e espiritual que se vivia na época é difícil entender a existência de um veículo de comunicação tal como era. O *Pasquim* começou a surgir em 1968 e se tornou realidade em 1969. Sobre a data, o jornalista faz questão de mencionar que foi quando, Julien Beck, do Living Theater[133], disse que foi o ano da "morte da cultura", na sociedade ocidental"[134]. Luiz Carlos diz que em 1968 foi quando se apostou tudo e se perdeu. Neste ano, por exemplo, os órgãos de segurança entraram no Congresso da UNE e prenderam todos os estudantes que lá estavam. 1969 chega com uma "baixa energia", pois o ano anterior fora agitado e a ditadura pretendia evitar a repetição, de modo que havia "paranoia" crescente em função da repressão crescente.

A ideia de se fazer *O Pasquim* caiu então como luva. Conforme Maciel, o humor seria a base para "levantar o astral", resistir onde parecia não haver espaço para crítica.

[131] Ibidem, p.216.
[132] MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em transe*: memórias do tempo do tropicalismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996, p.34.
[133] "Companhia de teatro Off Broadway norte-americana fundada em 1947 em Nova York. É um dos mais antigos grupos de teatro experimental ainda existente nos Estados Unidos. É conhecido por seus fundadores, a atriz e diretora Judith Malina e o seu marido pintor, poeta, cenógrafo, diretor Julian Beck. Foi importante companhia do movimento contra participação norte-americana na Guerra do Vietnã, estimulando a desobediência civil, tendo sido considerada não grata pelo governo norte-americano na década de 1960. Luta pelo fim das fronteiras entre palco e plateia, das fronteiras entre arte e vida, e atores e público. Julian Beck e Judith Malina estiveram no Brasil, ao início dos anos de 1970, trabalhando com o grupo Teatro Oficina. Durante o Festival de inverno de Ouro Preto, o grupo foi preso. Treze integrantes do grupo foram levados à prisão em Belo Horizonte. O caso ganhou repercussão mundial e um abaixo-assinado foi feito em protesto a prisão dos artistas, com assinaturas de John Lennon, Marlon Brando e Bob Dylan.". Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Living_Theatre>. Acesso em: 30 jan. 2019. Com tamanha visibilidade, o governo militar expulsou o grupo do Brasil, acusando-os de denegrir a imagem do país. Em *Contra- revolução e revolta*, Marcuse comenta o trabalho de Julien Beck e Judith Malina.
[134] MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte:* Rio de Janeiro: Codecri, 1981, p.9.

Ressaltando que Maciel transitava naquele momento com mais naturalidade filosofando nas alterações que o tempo social presente despejava nos comportamentos, que tratava de depurar através de novos pensadores e outros não tão novos assim. Portanto, a propagação do ideário libertário da contracultura, advinda dos Estados Unidos para várias partes, inclusive para o Brasil, é um dos objetos de discussão em sua coluna. Tratamos de um período histórico em que as rivalidades ideológicas afloram. Enquanto alguns professam o Desbunde, outros querem saber se se trata de ordinário hedonismo evasivo ou leva consigo algo realmente revolucionário. Maciel recomenda que não nos deixemos "grilar", pois "o círculo se fecha na Idade de Aquarius. Por isso o *hippie* é um poeta *engagé*. Ele precede a nova linguagem conceitual"[135] e o limite da velha Razão engendra a nova sensibilidade.

Luiz Carlos Maciel, em seu último livro *O sol da liberdade* (2014), expõe que em nossa mídia atual a contracultura é uma espécie de "cão morto", como o socialismo, o comunismo e outros animais mortos abandonados por este "admirável mundo novo", algo que ficou pelos anos de vivência. A despeito do título de "guru da contracultura" que lhe sobrou, leva como uma corcunda por ter sido quase o único a tratar o assunto enquanto ele acontecia. Maciel mistura sua fala à do poeta e filósofo Antônio Cícero sobre o assunto, que discutiram juntos em certo congresso em uma universidade do Rio de Janeiro. Nela "dizem" que a proposta de então era

> ver todas as coisas com esse olhar inocente, esse primeiro olhar, ver diretamente a coisa, ver sem as mediações intelectuais estabelecidas e consagradas, seja pela academia, seja pela mídia ou por qualquer um desses outros monstros por aí que dirigem nossas vidas. A experiência imediata e concreta do real foi o grande objetivo da contracultura; não foi a transgressão, que é mera consequência.[136]

Para o gaúcho, realçava demasiado ao sistema e à sociedade organizada que a experiência dos contraculturais implicasse justamente liberdade individual, que os indivíduos estivessem "na sua", parecia transgressão e é como esse pessoal ficou conhecido. Enquanto que para quem estava por dentro dessa perspectiva existencial era viver a própria liberdade. As drogas faziam parte e, conforme relata Luiz Carlos, teve papel importante na contracultura, e era outro incômodo. Sobre isto cita Timothy Leary, que dizia que são: "substâncias que enlouquecem as pessoas que não usam"[137].

[135] MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte:* Rio de Janeiro: Codecri: 1981, p. 69.
[136] MACIEL, Luiz Carlos. *O sol da liberdade*. Org. Patrícia Marcondes de Barros. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2014, p.76.
[137] Ibidem, p.76.

Conforme o autor, essa proposição existencialista da liberdade foi importante para a contracultura norte-americana, menciona a geração *Beat*, predecessores dos *hippies* e lembra da descrição de Norman Mailer usando a imagem *Beat* para descrever um existencialista. De modo que, por esta vereda, tenta demonstrar que a transgressão contracultural é apenas maneira de viver a liberdade almejada, sem perder de vista que na experiência há uma inerência juvenil em seu nascedouro sessentista. Não obstante, sua hipótese favorita para justificar que tenha havido esta "nova consciência" evidencia uma necessidade de ordem existencial, nascida do conflito de gerações. Ao longo de sua descrição sobre aquele espaço e momento, retorna amiúde à razão de que é o desejo de que a vida fosse diferente da vida de seus pais (mote de tantas canções) e diz:

> que traziam a concepção ocidental como estilo de vida, caracterizada pela doença, neurose, crime, e tudo que a gente tem de ruim. As características desse tipo de concepção de vida social era a multiplicação de instituições, a exemplo de hospital, porque todo mundo era doente; prisão, porque todo mundo era criminoso; entre outras. Isso continua até hoje e cada vez mais.[138]

Se pensarmos a probabilidade de uma leitura marcuseana a partir dos preceitos básicos da contracultura, ou o contrário disso, podemos de início reconhecer a expressão "nova sensibilidade" na interseção subjetiva do desejo de emancipar-se desses dois mundos. Contudo, amar a liberdade é quesito indispensável para o encaixe das peças. Marcuse diz em *Contra-revolução e revolta* (1973) que o que está em jogo é uma relação entre homem e natureza:

> a sua própria e a natureza externa. A transformação radical da natureza torna-se uma parte integrante da transformação integral da sociedade. Longe de ser um mero fenômeno 'psicológico" em grupos ou indivíduos, a nova sensibilidade é o meio em que a mudança social se converte numa necessidade individual, a mediação entre a prática política de "transformar o mundo" e o impulso de libertação pessoal.[139]

Estes fatores implicam redescoberta e aproximação com a natureza contra as sociedades exploradoras: natureza violada, homem violado. A alteração de rumos nessa hora é imprescindível, pois o desempenho libertador da natureza a forjar uma sociedade não opressiva será nova potência para mudança social. Ao que Kangussu completa:

> Mas essa mudança só é possível se a consciência de possibilidades de libertação transforma-se em força pulsional capaz de dirigir a imaginação para esse alvo; em outras palavras, ainda que existam as possibilidades objetivas,

[138] Ibidem, p.77.
[139] MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p.63.

> não é possível conceber a emancipação onde não haja a necessidade subjetiva de emancipar-se. A liberdade precisa torna-se necessidade. A consciência da necessidade de liberdade, no interior do sujeito, produziria o que o filósofo denomina 'nova sensibilidade.[140]

Entretanto, o indivíduo cuja informação e formação ancora no que está socialmente estabelecido como racionalidade, e só por ela atuar, terá na figura que lhe é oposta tão-somente ingenuidade e rebeldia, sem possibilidade de alcance para as escolhas que estão fora de seu universo conceitual.

Dentro do espírito humorístico que pautava o tabloide, Maciel algumas vezes mencionava Marcuse por abordagens inesperadas. Em um desses textos burlescos simula uma tentativa de diálogo de um pai com seu filho, que nos permite entrever outras leituras. Nele o pai fala para filho: "eu sei alguma coisa de Marcuse que ouvi numa conferência dada por um coronel". Na mesma crônica, publicada no *Pasquim* de julho de 1969, o filho tenta inteirar o pai do assunto: "esse negócio de natureza que é o quente. É o *Trieb*, a pulsão instintiva, que deve ser gratificada, morou?" E continua a explicação do filho: "meu caso é o *Trieb*, agora o seu é o princípio de realidade, o princípio de desempenho, a mais-repressão e outros babados que o Marcuse explica. Eu sei que tu se amarra numa boa mais-repressão".[141] Indo além do que já lhe conferia os títulos obtidos, Maciel encarna com deboche *pasquinesco* o que já estava coroado como "filosofia pop", apartando ainda mais os carrancudos de plantão dos relatos acerca do "filósofo da moda". Em dezembro do mesmo ano ele próprio ironizando as tendências da estação, dá as dicas do que se deve evitar nas conversas de praia, do que ficou *démodé* de um verão para o outro; recomenda então, caso alguém fale a respeito de revolução sexual ou de Marcuse: "pode cair na gargalhada, isso foi bom papo no verão passado", não se furtando de dar a dica, "o quente agora é Norman O. Brown".[142]

Na crônica *"*A vez de Marcuse", da série *A esquerda pornográfica*, defende o alemão das acusações de responsabilidade sobre as inspirações da coluna Underground. No decorrer do texto, contudo, aborda *Eros e civilização*, que trata como um "livro denso e difícil" apontando como o frankfurtiano trabalha as teses de Freud, com os conceitos de repressão sexual e sublimação. A novidade da crônica da semana, anuncia, é a de que a "repressão sexual é inútil e negativa". Em seguida discorre em torno do que é a auto

[140] KANGUSSU, Imaculada. *Leis da liberdade*: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p.191
[141] MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981, p.26.
[142] Ibidem, p.32.

regulação do instinto e de como a auto sublimação do sexo dispensa a repressão. Ensina ainda que a "transcendência natural" e espontânea do sexo transforma Marcuse, aos olhos incautos, em um "filósofo lúbrico". Quando Luiz Carlos, que parecia conhecer bem o seu público, parte para o *Ideologia da sociedade industrial*, em que opina:

> Marcuse mostra que a repressão, hoje, usa, não a necessidade de sublimação, mas a dessublimação como arma. Antigamente, oprimia-se as manifestações do instinto sexual; hoje, oprime-se estimulando-o sem satisfazê-lo. Por exemplo, as revistinhas orientadas pelo binômio de "sexo e violência" oferecem o máximo de excitação instintiva, sem liberar os impulsos, de forma que se fortalecem nos leitores mecanismos repressivos (...) Marcuse dá a esse fenômeno a denominação adequada da dessublimação repressiva. Através dela, a sacanagem está presente, hoje não na tal de "esquerda pornográfica", mas em todas as partes da sociedade industrial contemporânea – e, em especial, nas suas representações ideológicas.[143]

Dando sequência em sua interpretação 'didática" da sexualidade na sociedade industrial, o periodista elabora através de paráfrases, boa parte do pensamento marcuseano sobre o tema, no que inclui definições como: "esta sociedade transforma tudo que toca em fonte potencial de progresso e de exploração, de servidão e satisfação, de liberdade e de opressão". Noutra parte risca ainda no mesmo assunto como para um *slogan* no estilo do *Lobo da estepe*[144] que "a dessublimação repressiva excita o instinto para adoecê-lo" e prossegue: "Homens com instintos doentes são mais submissos ao sistema de dominação. A sexualidade não constitui exceção".[145] Para Maciel é importante repetir Marcuse, em suas entrelinhas ou em citações explicitas, em página de humor ou em busca de exegeses um pouco mais prolongadas, por dentro das crônicas.

No texto intitulado com sua própria alcunha, *Marcuse Boy*, incluído no livro *Negócio seguinte* (1981), salienta que Marcuse não foi mero filósofo no sentido de um "objeto erudito" a ser cuidado pelas universidades, o filósofo foi, para os de sua geração, além de um 'decifrador de experiências", um filósofo capaz de traduzir intuições obscuras e impulsos afetivos. Conforme Luiz Carlos Maciel, a juventude da filosofia marcuseana nos anos sessenta foi exposta de modo incrível, o filósofo sabia os anseios daquela geração que entendia que o mundo precisava se transformar, e sendo o mundo político, a transformação exigia ferramentas políticas, cuja fonte e destino seriam uma transformação interna do ser humano, para que não fosse uma continuação do antigo.

[143] Ibidem, p.60.
[144] HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ivo Barroso. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
[145] MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981, p.60.

Menciona ainda para seu público que "Marcuse procurou descobrir nas verdades de Freud as raízes das verdades de Marx". Maciel nunca teve pretensões acadêmicas em suas manifestações, muito mais que isso, dirigiu-se à um público "despreparado" para a filosofia, com imensa generosidade e honestidade intelectual. Ele inclui este texto em seu livro em último lugar, em tom de homenagem ao filósofo. Com isso fecha o *Negócio seguinte* repetindo um fragmento marcuseano pelo qual tinha muito apreço. Pedimos licença para repetir o gesto para o próprio Maciel, que falece em 9 de dezembro de 2017:

> Por baixo da base conservadora popular, está o substrato dos párias e estranhos, dos explorados e perseguidos de outras raças e cores, os desempregados e não empregáveis. Eles existem fora do processo democrático, sua existência é a mais imediata e a mais real necessidade de pôr fim a condições e instituições intoleráveis. Assim, sua oposição é revolucionária ainda que sua consciência não o seja. Sua oposição atinge o sistema de fora para dentro, não sendo, portanto, desviada pelo sistema, é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como um jogo trapaceado. Quando eles se reúnem e saem às ruas, sem armas, sem proteção, para reivindicar os mais primitivos direitos civis, sabem que enfrentam cães, pedras e bombas, cadeia, campos de concentração e até a morte. Sua força está por trás de toda manifestação política para as vítimas da lei e da ordem. O fato de eles começarem a recusar a jogar o jogo pode ser o fato que marca o começo do fim de um período.[146]

[146] MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.235.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de percorrer as recepções da obra de Herbert Marcuse no Brasil, procuramos explicitar a trajetória do filósofo, mantendo o foco principal de nossas análises em seu trabalho nas décadas de 1960 e 1970, quando as repercussões das obras aconteceram com mais força no país e no mundo, ainda que uma delas tenha sido publicada originalmente nos anos de 1950. Portanto, os livros *Eros e civilização* (1955) e *One-dimensional Man* (A *ideologia da sociedade unidimensional* - 1965) tiveram protagonismo na pesquisa. Contudo, nosso mergulho na filosofia de Marcuse atravessou vias cujo trânsito ofereceu paisagens sortidas, pois a própria dimensão de interesses e reflexões do filósofo nos convidaram a isso.

A realidade brasileira tocante ao período enfatizado tentou nos impor, em sua dureza política, o respeito na delimitação das circunstâncias. Esse é o pensamento de parte dos brasileiros envolvidos na presente recepção. Porém, acreditamos não se tratar de "circunstancialidades" o passeio da história sobre os diferentes tipos de repressões distribuídas às populações. Entendemos as urgências, entretanto, a história da radicalidade ensina justo a não abreviar caminhos, em muitos momentos. Não acreditamos sequer que forças "circunstanciais" operassem no encontro de pensamento filosófico, realidade imposta e ímpetos libertários. Se uma luta é mais antiga do que outra, não seria por isso, descabida *a priori* a este ou àqueles tempo e lugar, para a libertação.

É seguro que processos desencadeadores do sofrimento humano tenham recebido excelentes diagnósticos, classificações para o entendimento. Não há garantias, entretanto, de que haja profilaxias sempre adequadas ao que parece um mal comum. Ao mesmo tempo e individualmente, pulsões advindas de partes livres do aparelho mental,

resistentes ao princípio de realidade mantém-se livres, como nos sugere Marcuse em *Eros e civilização*.[147] Mas a extirpação sofrida no estabelecimento do princípio de realidade, funda uma divisão entre os princípios de prazer e de realidade. Com o princípio de realidade no controle, a própria decisão do que é ou não realidade é decidida ali. O que permanece livre, aceitando uma importante perda de potência, circulando entre inconsciente e consciente é a fantasia, que não exerce poder determinante na organização do ego da realidade. "Apenas" em patamares subjetivos, artísticos, movidos para a utopia pelo princípio de realidade, têm sua força atuante e profunda. Assim, havendo no mundo unidimensional as ferramentas do controle coletivo, que vozes falarão pelo sujeito em seu mundo de repressões internas e externas?

Tratando da "campanha" pela Grande Recusa, que mobiliza setores marginalizados excluídos da "afluência", Leandro Konder, um dos intelectuais que opinam sobre a chegada de Marcuse ao Brasil em nossa pesquisa, reproduz eloquente ilustração da vida das pessoas para se manter na posição social almejada. Assim se refere Konder ao frankfurtiano:

> Ridicularizou o conformismo de pessoas que moram engavetadas em imensos caixotes chamados prédios de apartamentos, trabalham em atividades pouco ou nada prazerosas, possuem automóveis particulares novos com os quais enfrentam grandes engarrafamentos para irem a lugares parecidos aos locais onde moram. Essas pessoas, que têm geladeiras e freezers abarrotados de alimentos congelados, veem os mesmos programas de TV e leem jornais e revistas que dizem mais ou menos as mesmas coisas, orgulham-se do que 'conquistaram" e se empenham em convencerem-se a si mesmos de que são "bem-sucedidas".[148]

Se nos dedicarmos à atualização das referências usadas na descrição de Marcuse para os nossos dias, a aparente caricatura ganharia, certamente, dimensões muito maiores. Tratamos aqui de pensar, a partir de tão ordinários e melancólicos hábitos, quais proporções a unidimensionalidade alcança em um tempo cujo universo chamado "pós-político", movido e governado por corporações, muitas vezes sobrepostas aos estados, podem atingir na graduação de alienação do indivíduo.

É notável, no Brasil de hoje, certa inclinação ao retorno à Escola de Frankfurt, especialmente à Marcuse; entretanto, como alvo de ataques que vêm ganhando as preferências tanto tempo depois, de "novos" setores conservadores no caráter do neoliberalismo. Expressões como "globalismo" e "marxismo cultural" são usadas para

[147] MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
[148] KONDER, Leandro. Marcuse, revolucionário. *Physis*, v.8, n. 1, p. 23.

atentar contra liberdades políticas e direitos individuais. A manutenção do que é chamado de "sistema" compõe e recompõe com esmero ao longo do tempo versões da "contra-revolução preventiva" como ferramentas ativas. A naturalização do fascismo, a despeito de querelas conceituais acerca e suas ressignificações, em seus "operacionalismos linguísticos", efetiva o que por alguns era impensável para as décadas iniciais do século XXI, transitando, portanto, com renovado vigor. Isto relaciona-se com as mencionadas metamorfoses do discurso político e publicitário, em que se renovam a canonização de dicções repressivas, para a permanência de um mal maior. Este tom publicitário que a unidimensionalidade impõe ao sujeito comum e nele forja sua naturalização através de seu cotidiano, juntamente com outros ajustes sociais, o transfere da condição de aspirante a cidadão para consumidor engajado. Ele incorpora e reproduz mais que mercadoria, valores. O peso da razão instrumental como lógica para ratificar o estado das coisas não tem medida. Loureiro nos lembrou que tudo, inclusive o inconsciente, estaria contaminado por este raciocínio, "até a maior liberdade sexual vigente no capitalismo tardio se tornou um valor mercantil. O que existe na realidade (...) é 'dessublimação repressiva', 'controlada', 'institucionalizada' da vida sexual; a 'mobilização e manipulação da libido' explicam a integração do indivíduo à sociedade".[149]

Importantes intelectuais debateram a chegada de Herbert Marcuse ao Brasil, expusemos o pensamento de alguns deles. Há, guardadas particularidades, um coro geral para a interpretação de que o "Marcuse lido às pressas" seja predominante. Esses nomes, de modo geral, também concordam e demonstram que a influência da situação política, partidária inclusive, tenha sido determinante na recepção. Sobre dúvidas relacionadas às emergências e às peculiaridades político-culturais do estigmado ano de 1968, na chegada da filosofia marcuseana ao Brasil (em simultaneidade as contradições gerais do capitalismo tardio), ao longo da pesquisa vimos a importância, sobretudo dos dois livros de Marcuse que então aportavam por aqui, ganhou contornos e desvios, mas garantiram imensa ampliação para o pensamento social e individual.

A fortuna crítica agregada à filosofia de Marcuse alargou debates que transcenderam os limites ideológicos, em um Brasil cujos agentes de resistência encontravam-se amordaçados e limitados, por exemplo, no campo da esquerda. No campo estético, igualmente, houve a promoção de ideias muito além do que estava estabelecido e os artistas não ignoravam, mas o difusão e contaminação desse universo

[149] LOUREIRO, Isabel. M. (Org.). *Herbert Marcuse*: a grande recusa hoje. Petrópolis: Vozes, 1999. p.286.

pelas discussões de gente como Lygia Clark e Hélio Oiticica, só para citar dois, firmavam um patamar de alta sensibilidade social e existencial em suas obras.

A difusão do pensamento de Marcuse através de vários canais, certamente, definiram comunicações futuras. A absorção pela contracultura brasileira, manifestações inovadoras nas artes, o tropicalismo e o teatro, além da forte ascensão coincidente da imprensa alternativa no Brasil, principalmente na figura de Luiz Carlos Maciel, penetraram em profundidades diferentes, é verdade, por aqueles dias, no universo de Herbert Marcuse.

De acordo com os relatos acerca das apropriações e mediações das obras de Marcuse no Brasil, podemos entrever que havia pelo menos três leituras "impróprias" em vigência: a contracultural, a anticomunista e a dos próprios comunistas. O que é notório, portanto, é a constatação de que cada parte lia a partir de seus próprios filtros, com seus interesses específicos. O tempo cuida, ao largo de grandes paixões, do que alguns chamariam de "des-irracionalização" do pensador, que reúne tão distintos analistas, mais ou menos próximos do marxismo, como Coutinho, Rouanet e Merquior. Isto pode justificar, considerando a diversidade implicada, somada ainda aos exóticos combatentes *a priori* da filosofia marcuseana, além dos contraculturais e dos artistas que o receberam a classificação de Herbert Marcuse por Jorge Coelho Soares, de "O filósofo refratário".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Paulo Eduardo. Recordações da recepção brasileira de Herbert Marcuse. In: *Zero à esquerda*. São Paulo: Editora Conrad, 2004.

ARAUJO, Maria Paula. Disputas em torno da memória de 68 e suas representações. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula (Orgs.). *1968*: 40 Anos depois. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

BENTO, Antônio. O salão dos jovens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1970, Caderno Artes Plásticas, p.3.

BRETAS, Aléxia Cruz. *Do romance de artista a permanência da arte:* Marcuse e as aporias da modernidade estética. São Paulo: Annalume, 2013.

BRONNER, Stephen. *Da teoria crítica e seus teóricos*. Tradução Tomás R. Bueno, Cristina Meneguelo. Campinas, SP. Papiros, 1997.

BUARQUE, Heloísa. *Impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

BUARQUE, Heloísa. *Olhar sobre a Cidade*. 2018. Disponível em <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/olhar-sobre-a-cidade/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

CAMARGO, Sílvio César. A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978. *Em Debate*, n. 7, p. 126-149, jan-jul, 2012.

CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.

CARNEIRO, Silvio Ricardo Gomes. 50 x 50: O golpe de 1964 instaura um regime unidimensional? *Artefilosofia*, Ouro Preto. n. 18, p.117-134, 2015.

CARVALHO, General Ferdinando. *As sete matizes do rosa*: Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1978.

CÉSAR, Waldo. Os cristãos na revolução social e tecnológica de nosso tempo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1967, Caderno Especial, p.2.

CLARK, Lygia; OITICICA, Hélio. *Cartas 1964-1974*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1996.

CORREA, José Celso Martinez. Carta aberta a Sabato Magaldi, também servindo para outros, mas principalmente destinada aos querem ver com os olhos livres. In BUARQUE, Heloísa. *Impressões de viagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. Carlos Nelson Coutinho. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.15-33.

COUTINHO, Carlos Nelson. Dois momentos brasileiros da Escola de Frankfurt – In: *Cultura e sociedade no Brasil*: ensaios sobre ideias e formas, 4ª Edição. São Paulo: Editora

Expressão Popular, 2011.

FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. Herbert Marcuse e as imagens da libertação. *Educação e Filosofia*, v. 26, n. 52, p.527-549, jul.-dez. 2012.

FERREIRA, Murilo Resende. *Escola de Frankfurt: satanismo, feiúra e revolução.* Disponível em <http://estudosnacionais.com/cultura/escola-de-franfkurt-satanismo-feiura-e-revolucao/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GRANATO, Guilherme. *Das vanguardas à tropicália*: modernidade artística e música popular. Curitiba: Appris Editora, 2018.

GUIMARÃES, Aquiles Cortês. Aquiles Cortês Guimarães. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p.1-13.

HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ivo Barroso. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

KAMINSKI, Leon. *Por entre a neblina*: o Festival de Inverno de Ouro Preto (1967-1979) e a experiência histórica dos anos setenta. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.

KANGUSSU, Imaculada. *Herbert Marcuse e a Dimensão Estética, no Brasil*. 2005, p.2. Disponível em: <https://www.academia.edu/858948/Herbert_Marcuse_e_a_dimensao_estetica_no_Brasil>. Acesso em 30 jan. 2019.

_____ *Sobre Eros*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2007.

_____ *Leis da Liberdade*: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KELLNER, Douglas. *Art and Liberation:* Collected Papers of Herbert Marcuse. Volume 4, Routledge, 2007.

KONDER, Leandro. Marcuse, revolucionário. In: *Revista Physis*, v.8,n.1, p.15-28, 1998.

_____ Leandro Konder. In: SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: Entrevistas com filósofos. Londrina: Cefil, 1999.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 2003.

LOUREIRO, Isabel. *Herbert Marcuse, A grande recusa hoje.* Petrópolis, Vozes, 1999.

_____ Herbert Marcuse – anticapitalismo e emancipação. *Trans/form/Ação,* v.28, n.2, p.7-20, 2005.

_____ Herbert Marcuse, crítico do capitalismo tardio. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolgang. *O pensamento alemão no século XX:* grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. Vol.1. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.285-286.

MACIEL, Luiz Carlos. *Negócio seguinte:* Rio de Janeiro: Codecri: 1981.

_____ *Geração em transe*: memórias do tempo do tropicalismo. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1996.

_____ *O sol da liberdade*. Org. Patrícia Marcondes de Barros. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2014.

MARCUSE, Herbert. *Materialismo histórico e existência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____ *Marxismo soviético*. Trad. Carlos Weber. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

_____ *An essay on liberation*. Boston: Beacon Press, 1969.

_____ *Contra-revolução e revolta*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____ *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____ *Razão e revolução:* Hegel e o advento da teoria social. Traduzido por Marília Barroso. Rio de Janeiro, Paz e guerra, 1978.

_____ *Eros e Civilização*. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____ *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 5ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____ *A Ideologia da Sociedade Industrial*: *o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____ "Sobre o caráter afirmativo da cultura". In: *Cultura e Sociedade* - Vol. 1. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____ "Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária". In: *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: UNESP, 1999.

Marcuse: a revolução do amor contra a morte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1968, Caderno B, p.8.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MATOS, Olgaria Chain Féres. Tardes de maio. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*: ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

NAPOLITANO, Marcos. *Coração civil*: a vida cultural brasileira sob o regime militar (1964-1985). São Paulo: Intermeios, 2017.

PEIXOTO, Luiz Antônio da Silva. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.11, n.1, p.156-180, 2011.

PISANI, Marília Mello. Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v.4, n.1, p. 23-64, mar. 2004.

RIDENTI, Marcelo. Breve recapitulação de 1968 no Brasil. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2008..

ROUANET, Sérgio Paulo. De Eros a Sísifo. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, nº 17-18, 1968.

_____ *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

_____ Marcuse e movimento de maio de 1968. *Revista Brasileira*. Academia Brasileira de Letras. n. 95, abr.-jun. 2018.

SILVA, Cícero Lourenço da. Existência e concretude: o marxismo heideggeriano de Marcuse. In: VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica, 2014, Guarulhos. Anais da VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse no Brasil*: entrevistas com Filósofos. Londrina: Cefil, 1999, p. vii.

_____ *Marcuse*: uma trajetória. Londrina: Editora Uel, 1999.

STENDHAL, H.-M. B. *De l'amour*. Paris: Gallimard, 1980.

TAPAJÓS, Renato. Influências de 1968 na criação artística. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (Orgs.). *Rebeldes e contestadores*: 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

VASCONCELOS, Perboyre. *A volta do mito*: à margem de Marcuse. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1970.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____ *Verdade tropical*. Edição comemorativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WHITEHEAD, Alfred North. *Science and modern world*. Lowell Lectures, 1925, p.228. Disponível em: <https://ia800809.us.archive.org/20/items/b29978531/b29978531.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.